



GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO DEZ

OS REINOS DO CAOS



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*





PARA LÁ DA MURALHA

A TERRA DE SEMPRE INVERNO
(não mapeada)

Legenda

- Vilas
- Castelos
- ⊘ Castelos em Ruínas

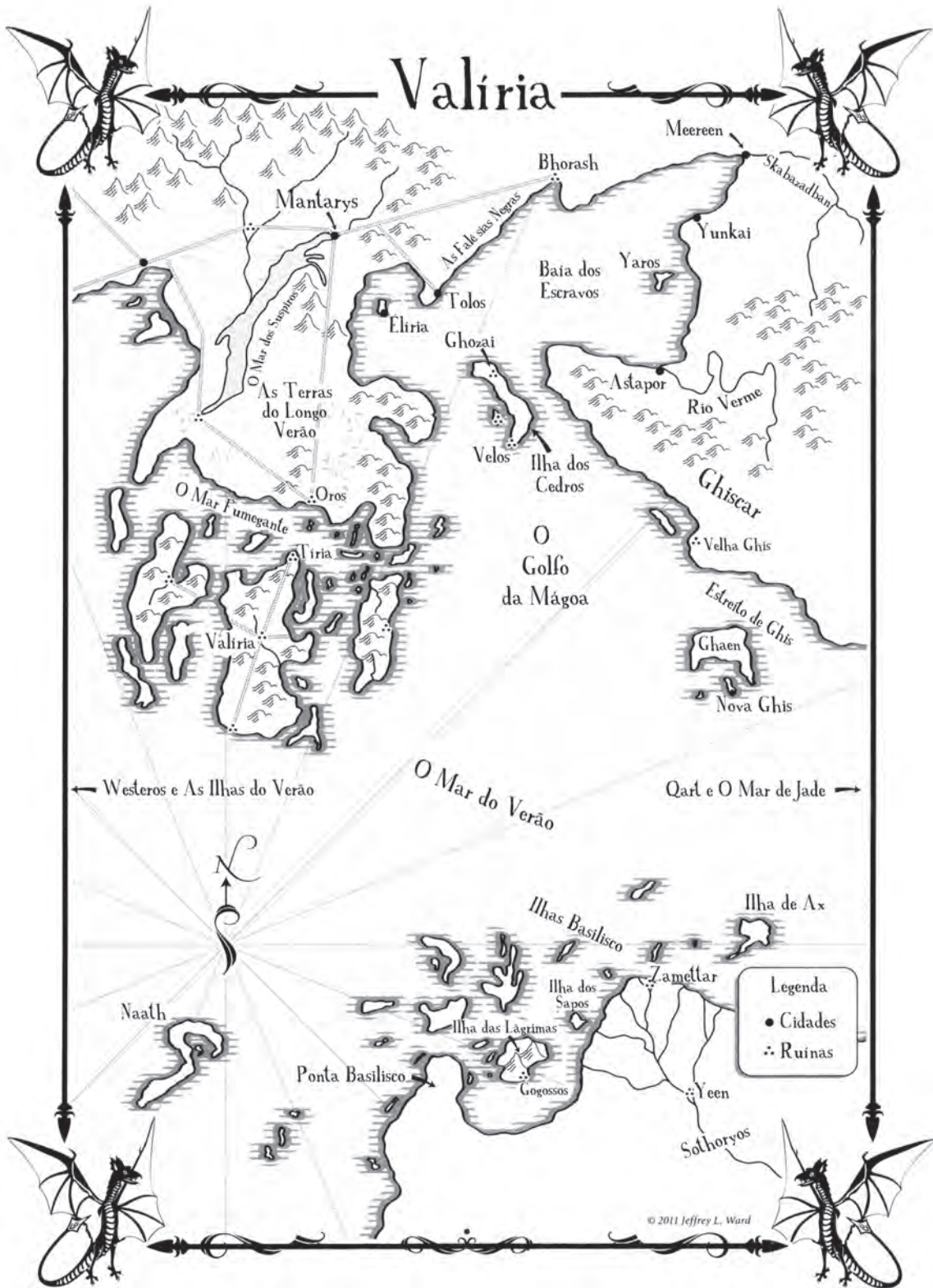




As Cidades Livres







Valíria

Mantarys

Bhorash

Meereen

Skabazadban

Yunkai

Baía dos Escravos

Yaros

Tolos

Eliria

Ghozai

Astapor

Rio Verme

Ghiscar

Velos

Ilha dos Cedros

O Golfo da Mágua

Velha Ghis

Estreito de Ghis

Ghaen

Nova Ghis

O Mar dos Sapoos

As Terras do Longo Verão

Oros

O Mar Fumegante

Valíria

Westeros e As Ilhas do Verão

O Mar do Verão

Qarl e O Mar de Jade



Naath

Ilhas Basilisco

Ilha de Ax

Ilha dos Sapos

Zamettar

Legenda

• Cidades

⋯ Ruínas

Ponta Basilisco

Gogossos

Yeen

Sothoryos



JON

O Sol surgira perto do meio-dia, após sete dias de céus escuros e de nevões. Alguns dos montes de neve acumulada eram mais altos do que um homem, mas os intendentess tinham passado o dia inteiro a cavar e os caminhos estavam tão limpos como era provável que viessem a estar. Reflexos cintilavam na Muralha, onde todas as fendas e rachas reluziam em tons claros de azul.

De uma altura de duzentos metros, Jon olhava a floresta assombrada. Um vento de norte rodopiava por entre as árvores lá em baixo, fazendo voar dos ramos mais altos finas plumas brancas de cristais de neve como se fossem estandartes gelados. Tirando isso, nada se movia. *Nem sinal de vida.* O facto não era inteiramente tranquilizador. Não eram os vivos que Jon temia. Mas mesmo assim...

O Sol apareceu. A neve parou de cair. Pode passar-se uma volta de Lua até voltarmos a ter uma hipótese tão boa como esta. Pode passar-se uma estação.

— Manda o Emmett reunir os recrutas — disse ao Edd Doloroso. — Vamos querer uma escolta. Dez patrulheiros, armados com vidro de dragão. Quero-os prontos a partir dentro de uma hora.

— Sim, s'nhor. E para comandar?

— Isso serei eu.

A boca de Edd virou-se para baixo ainda mais do que o costume.

— Alguns poderão achar melhor que o senhor comandante fique em segurança e quentinho a sul da Muralha. Não que eu diga isso, mas alguns poderão dizer.

Jon sorriu.

— É melhor que alguns não o digam na minha presença.

Uma súbita rajada de vento pôs o manto de Edd a esvoaçar ruidosamente.

— É melhor descermos, s'nhor. Este vento é capaz de nos empurrar da Muralha abaixo e eu nunca aprendi o jeito de voar.

Regressaram ao chão pelo elevador do guincho. O vento soprava em rajadas, frio como o hálito do dragão de gelo nas histórias que a Velha Nan contara a Jon em rapaz. A pesada gaiola balançava. De tempos a tempos raspava contra a Muralha, dando origem a pequenos chuveiros cristalinos de gelo que cintilavam à luz do sol ao cair, como estilhaços de vidro partido.

Vidro, matutou Jon, pode ser útil aqui. Castelo Negro precisa dos seus

próprios jardins de vidro, como os que há em Winterfell. Podíamos cultivar legumes mesmo em pleno inverno. O melhor vidro vinha de Myr, mas um bom painel transparente valia o seu peso em especiarias, e vidro verde e amarelo não serviria tão bem. Aquilo de que precisamos é ouro. Com dinheiro suficiente, podíamos comprar em Myr vidraceiros aprendizes, trazê-los para norte, oferecer-lhes a liberdade por ensinarem a sua arte a alguns dos nossos recrutas. Seria essa a melhor forma de o fazer. Se tivéssemos o ouro. Coisa que não temos.

Na base da Muralha foi encontrar o Fantasma a rebolar num monte de neve. O grande lobo gigante branco parecia adorar a neve acabada de cair. Quando viu Jon, voltou a pôr-se em pé de um salto e sacudiu-se. O Edd Doloroso disse:

— Ele vai convosco?

— Vai.

— É um lobo esperto. E eu?

— Tu não vais.

— Sois um senhor esperto. O lobo é melhor escolha. Eu já não tenho dentes para morder selvagens.

— Se os deuses forem bondosos, não vamos encontrar nenhuns selvagens. Vou querer o castrado cinzento.

A notícia espalhou-se depressa em Castelo Negro. Edd ainda estava a selar o cavalo cinzento quando Bowen Marsh atravessou o pátio com passadas ruidosas, a fim de confrontar Jon junto aos estábulos.

— Senhor, gostaria que reconsiderásseis. Os novos homens podem prestar os juramentos no septo com igual facilidade.

— O septo é o lar dos novos deuses. Os deuses antigos vivem na floresta, e aqueles que lhes prestam homenagem dizem as suas palavras entre os represeiros. Sabeis disso tão bem como eu.

— O Cetim vem de Vilavelha, e o Arron e o Emrick das terras ocidentais. Os deuses antigos não são os deles.

— Eu não digo aos homens que deuses devem adorar. Eles eram livres de escolher os Sete ou o Senhor da Luz da mulher vermelha. Em vez disso escolheram as árvores, com todo o perigo que isso implica.

— O Chorão pode ainda andar lá por fora, à espreita.

— O bosque não fica a mais de duas horas de distância, mesmo com a neve. Devemos estar de volta pela meia-noite.

— É demasiado tempo. Isto não é sensato.

— É insensato — disse Jon — mas necessário. Aqueles homens preparam-se para ajuramentar as vidas à Patrulha da Noite, juntando-se a uma irmandade que se estende em linhagem ininterrupta milhares de anos no passado. As palavras têm importância, e estas tradições também.

Ligam-nos todos uns aos outros, bem ou mal nascidos, novos e velhos, bastardos e nobres. Tornam-nos irmãos. — Deu uma palmada no ombro de Marsh. — Prometo-vos, nós regressaremos.

— Sim, senhor — disse o Senhor Intendente — mas será como vivos, ou como cabeças espetadas em lanças com os olhos arrancados? Regressareis noite cerrada. Os montes de neve, em certos sítios, chegam à cintura. Vejo que levareis convosco homens experientes, isso é bom, mas o Jack Preto Bulwer conhecia bem aquela floresta. Até o Benjen Stark, vosso tio, ele...

— Eu tenho algo que eles não tinham. — Jon virou a cabeça e assobiou. — *Fantasma*. A mim. — O lobo gigante sacudiu a neve do dorso e trotou para junto de Jon. Os patrulheiros afastaram-se para o deixar passar, embora uma égua se tivesse posto a relinchar e a recuar até que Rory lhe deu um forte puxão às rédeas. — A Muralha é vossa, Lorde Bowen. — Pegou na arreata do cavalo e levou-o a passo até ao portão e ao túnel gelado que serpenteava sob a Muralha.

Do outro lado do gelo, as árvores erguiam-se, altas e silenciosas, aconchegadas aos seus espessos mantos brancos. O Fantasma caminhou ao lado do cavalo de Jon enquanto os patrulheiros e os recrutas se organizavam numa formação, após o que parou e farejou, com o hálito a congelar no ar.

— Que se passa? — perguntou Jon. — Está ali alguém? — A floresta estava vazia, tanto quanto via, mas não lograva ver até muito longe.

O Fantasma saltou para as árvores, esgueirou-se entre dois pinheiros cobertos de branco e desapareceu numa nuvem de neve. *Ele quer caçar, mas o quê?* Jon não temia tanto pelo lobo gigante como por quaisquer selvagens que ele pudesse encontrar. *Um lobo branco numa floresta branca, silencioso como uma sombra. Nem saberão que ele se aproxima.* Bem sabia que de nada serviria ir em sua perseguição. O Fantasma regressaria quando quisesse, e não antes. Jon esporeou o cavalo. Os homens puseram-se à sua volta, com os cascos dos cavalos a quebrar a crosta gelada e a enterrarem-se na neve mais mole que havia por baixo. E penetraram na floresta, a um ritmo constante de caminhada, enquanto a Muralha minguava atrás deles.

Os pinheiros marciais e as árvores sentinela usavam espessos casacos brancos, e pingentes envolviam os ramos nus e castanhos das árvores de folha larga. Jon mandou Tom Barleycorn bater o território em frente, apesar de o caminho até ao bosque branco ser percorrido com frequência e lhes ser familiar. O Grande Liddle e o Luke de Vilalonga enfiaram-se na vegetação rasteira para leste e para oeste. Iriam flanquear a coluna, a fim de a avisarem se algo se aproximasse. Todos eram patrulheiros experientes, armados tanto com aço como com obsidiana, e levavam cornos de guerra pendurados das selas para o caso de precisarem de pedir ajuda.

Os outros também eram bons homens. *Bons homens em combate,*

pelo menos, e leais para com os irmãos. Jon não podia falar do que poderiam ter feito antes de chegarem à Muralha, mas não duvidava de que muitos teriam passados tão negros como os seus mantos. Ali em cima, eram o tipo de homens que queria atrás de si. Tinham os capuzes erguidos contra o vento mordente, e alguns traziam cachecóis enrolados em volta das caras, escondendo as feições. Mas Jon reconhecia-os. Todos os nomes estavam gravados no seu coração. Eram os seus homens, os seus irmãos.

Mais seis cavalgavam com eles; uma mistura de novos e velhos, de grandes e pequenos, de homens experientes e em bruto. *Seis para proferir as palavras.* O Cavalo nascera e fora criado em Vila Toupeira, o Arron e o Emrick vinham da Ilha Bela, o Cetim dos bordéis de Vilavelha na outra ponta de Westeros. Todos eram rapazes. O Couros e Jax eram homens mais velhos, bem para lá dos quarenta anos, filhos da floresta assombrada, com filhos e netos seus. Eram dois dos sessenta e três selvagens que haviam seguido Jon Snow de volta à Muralha no dia em que fizera o seu apelo; até agora tinham sido os únicos a decidir que queriam um manto preto. O Emmett de Ferro dizia que estavam todos prontos, ou o mais prontos que alguma vez estariam. Ele, Jon e Bowen Marsh tinham avaliado os homens um a um e destinado cada um à sua ordem; o Couros, Jax e Emrick para os patrulheiros, o Cavalo para os construtores, o Arron e o Cetim para os intendentos. O momento de prestarem juramento chegara.

O Emmett de Ferro cavalgava à cabeça da colina, montado no cavalo mais feio que Jon vira na vida, um animal hirsuto que parecia ser só pelo e cascos.

— Diz-se que houve sarilhos na Torre das Pegas ontem à noite — disse o mestre-de-armas.

— Na Torre de Hardin. — Dos sessenta e três que haviam regressado consigo de Vila Toupeira, dezanove eram mulheres e raparigas. Jon alojara-as na mesma torre abandonada onde em tempos dormira logo após chegar à Muralha. Doze eram esposas de lanças, mais do que capazes de se defender, tanto a si como às raparigas mais novas, das atenções indesejadas dos irmãos negros. Tinham sido alguns dos homens que elas tinham expulso a dar à Torre de Hardin o seu novo nome provocatório. Jon não tencionava dar aval à troca. — Três palermas bêbados confundiram a Torre de Hardin com um bordel, nada mais. Estão agora nas celas de gelo a refletir sobre o erro que cometeram.

O Emmett de Ferro fez uma careta.

— Homens são homens, juramentos são palavras, e palavras são vento. Devíeis pôr guardas à volta das mulheres.

— E quem guardaria os guardas? — *Não sabes nada, Jon Snow.* Mas aprendera, e Ygritte fora a sua professora. Se não podia cumprir os seus pró-

prios juramentos, como poderia esperar mais dos irmãos? Contudo, existia perigo em brincar com mulheres selvagens. *Um homem pode ser dono duma mulher, e um homem pode ser dono duma faca*, dissera-lhe Ygritte em tempos, *mas nenhum homem pode ser dono das duas*. Bowen Marsh não estivera completamente errado. A Torre de Hardin era uma acendalha à espera de uma faísca. — Tenciono abrir mais três castelos — disse Jon. — Lago Profundo, Solar das Trevas e Monte Longo. Todos guarnecidos por povo livre, sob o comando dos nossos oficiais. No Monte Longo serão só mulheres, à parte o comandante e o intendente chefe. — Haveria alguma mistura, não duvidava, mas as distâncias eram suficientemente grandes para a tornar, no mínimo, difícil.

— E que pobre tipo ficará com esse comando de primeira?

— Vou montado ao lado dele.

O ar de horror misturado com deleite que passou pela cara do Emmett de Ferro valia mais do que uma saca de ouro.

— Que fiz eu para vos levar a odiar-me tanto, senhor?

Jon riu-se.

— Não tenhas medo, não estarás sozinho. Tenciono dar-te o Edd Doloroso como subcomandante e intendente.

— As esposas de lanças ficarão tão felizes! Já agora, também podíeis outorgar um castelo ao Magnar.

O sorriso de Jon morreu.

— Talvez o fizesse se pudesse confiar nele. Temo que Sigorn me culpe pela morte do pai. Pior, foi criado e treinado para dar ordens, não para as receber. Não confundas os Thenn com o povo livre. “Magnar” quer dizer “senhor” no idioma antigo, segundo me dizem, mas Styr aproximava-se mais de um deus para o seu povo, e o filho é talhado da mesma pele. Não exijo que os homens ajoelhem, mas eles precisam de obedecer.

— Sim, s’nhor, mas é melhor que façais alguma coisa com o Magnar. Tereis problemas com os Thenn se os ignorardes.

Problemas são o destino do senhor comandante, poderia Jon ter dito. Acontecia que a visita que fizera a Vila Toupeira estava a dar-lhe muitos, e as mulheres eram o menor. Halleck estava a revelar-se precisamente tão truculento como temera, e havia alguns entre os irmãos negros cujo ódio pelo povo livre lhes chegava aos ossos. Um dos seguidores de Halleck já cortara a orelha de um construtor no pátio, e o mais provável era que isso fosse só um cheirinho do derramamento de sangue que se aproximava. Tinha de abrir os velhos fortes em breve, para que o irmão de Harma pudesse ser posto a guarnecer Lago Profundo ou Solar das Trevas. Naquele momento, porém, nenhum desses castelos estava pronto para ser habitado por pessoas, e Othell Yarwyck e os seus construtores continuavam a tentar

restaurar Fortenoite. Havia noites em que Jon Snow perguntava a si próprio se não teria cometido um grave erro ao evitar que Stannis se pusesse em marcha com todos os selvagens para serem massacrados. *Não sei nada, Ygritte, pensou, e talvez nunca venha a saber.*

A meia milha do bosque, longos feixes vermelhos de sol de outono obliquavam até ao chão por entre os ramos das árvores sem folhas, manchando de rosa os montes de neve. Os cavaleiros atravessaram um ribeiro gelado, passaram dois rochedos escarpados couraçados de gelo e depois seguiram um retorcido trilho de caça para nordeste. Sempre que o vento aumentava, partículas de neve solta enchiam o ar e picavam-lhes os olhos. Jon puxou o cachecol para a boca e o nariz, e ergueu o capuz do manto.

— Já não é longe — disse aos homens. Nenhum respondeu.

Jon cheirou Tom Barleycorn antes de o ver. Ou teria sido o Fantasma a cheirá-lo? Nos últimos tempos, Jon Snow sentia por vezes que ele e o lobo gigante eram um só, mesmo quando acordado. O grande lobo branco apareceu primeiro, a sacudir a neve. Alguns momentos mais tarde, o Tom estava ali.

— Selvagens — disse ele a Jon. — No bosque.

Jon fez parar os cavaleiros.

— Quantos?

— Contei nove. Não há guardas. Alguns estão mortos, se calhar, ou a dormir. A maior parte parecem ser mulheres. Uma criança, mas também há um gigante. Só um, que eu tenha visto. Têm uma fogueira a arder, com fumo a pairar por entre as árvores. Idiotas.

Nove, e eu tenho dezassete. Quatro dos seus eram rapazes inexperientes, porém, e nenhum era gigante.

Contudo, Jon não tencionava recuar para a Muralha. *Se os selvagens ainda estiverem vivos, pode ser que os possamos acolher. E se estiverem mortos, bem... um ou dois cadáveres podem ser úteis.*

— Continuamos a pé — disse, saltando com ligeireza para o chão gelado. A neve dava-lhe pelos tornozelos. — Rory, Pate, ficai com os cavalos. — Poderia ter atribuído esse dever aos recrutas, mas eles teriam de obter o batismo de sangue bem depressa. Aquela era uma altura tão boa como qualquer outra. — Espalhai-vos para formar um crescente. Quero aproximar-me do bosque por três lados. Mantende-vos à vista dos homens da esquerda e da direita para que as aberturas não se alarguem. A neve deve abafar os nossos passos. Há menos hipótese de haver sangue se os apanharmos desprevenidos.

A noite estava a cair depressa. Os feixes de luz solar tinham desaparecido quando a última fina fatia de sol fora engolida por baixo da floresta ocidental. Os montes rosados de neve estavam de novo a tornar-se brancos,

com a cor a ser-lhes sugada enquanto o mundo escurecia. O céu da noite tomara o tom desbotado de cinzento de um velho manto que tivesse sido lavado demasiadas vezes, e as primeiras estrelas tímidas estavam a aparecer.

Em frente, vislumbrou um pálido tronco branco que só podia ser um represeiro, coroadado por uma copa de folhas vermelhas escuras. Jon Snow estendeu a mão para trás e tirou Garralonga da sua bainha. Olhou para a esquerda e para a direita, fez um aceno a Cetim e ao Cavalo, viu-os transmitir-lo aos homens que se encontravam mais longe. Correram juntos para o bosque, fazendo voar montes de neve antiga, sem um som além do da respiração. O Fantasma correu com eles, uma sombra branca ao lado de Jon.

Os represeiros erguiam-se em círculo em volta das bordas de uma clareira. Eram nove, todos mais ou menos da mesma idade e tamanho. Cada um tinha uma cara nele esculpida, e não havia duas que fossem iguais. Algumas estavam a sorrir, outras estavam a gritar, algumas a gritar-*lhe*. Nas sombras que se aprofundavam, os seus olhos pareciam negros, mas Jon sabia que à luz do dia seriam de um vermelho de sangue. *Olhos como os do Fantasma.*

A fogueira no centro das árvores era coisa pequena e tristonha, cinzas e brasas e alguns ramos quebrados que ardiam lentamente, fazendo muito fumo. Mesmo assim tinha mais vida do que os selvagens que se aninhavam perto dela. Só um reagiu quando Jon saiu da vegetação rasteira. Foi a criança, que desatou a chorar, tentando agarrar o manto esfarrapado da mãe. A mulher ergueu o olhar e susteve a respiração. Nessa altura já a clareira estava rodeada de patrulheiros, que deslizavam por entre as árvores brancas como ossos, com aço a cintilar em mãos enluvadas de negro, preparados para o massacre.

O gigante foi o último a reparar neles. Tinha estado a dormir, enrolado junto da fogueira, mas algo o acordou; o choro da criança, o som da neve a ranger sob botas pretas, uma súbita inspiração. Quando se mexeu foi como se um pedregulho tivesse ganho vida. Içou-se até ficar sentado, com uma fungadela, levando aos olhos mãos grandes como presuntos para esfregar o sono para longe... até ver o Emmett de Ferro, com a espada a brilhar na mão. Rugindo, pôs-se em pé de um salto, e uma daquelas enormes mãos fechou-se em volta de um malho e ergueu-o num movimento brusco.

O Fantasma mostrou os dentes em resposta. Jon agarrou o lobo pela pelagem do pescoço.

— Não queremos travar aqui nenhuma batalha. — Sabia que os seus homens conseguiriam abater o gigante, mas não sem pagarem um preço. Depois de sangue ser derramado, os selvagens juntar-se-iam à escaramuça. A maioria, ou mesmo todos, morreria ali, e alguns dos seus irmãos também. — Este é um lugar sagrado. Rendei-vos, que nós...

O gigante voltou a soltar um berro, um som que sacudiu as folhas das árvores e bateu com o malho no chão. O cabo era dois metros de carvalho nodoso, a cabeça uma pedra tão grande como um pão. O impacto fez o chão tremer. Alguns dos outros selvagens correram para as respectivas armas.

Jon Snow aprestava-se para pegar em Garralonga quando Couros falou, do outro lado da clareira. As suas palavras soaram ásperas e guturais, mas Jon ouviu a música que nelas havia e reconheceu o idioma antigo. Couros falou durante muito tempo. Quando terminou, o gigante respondeu. Parecia um rosnido, intercalado de grunhidos, e Jon não conseguiu compreender palavra. Mas Couros apontou para as árvores, e disse mais qualquer coisa, e o gigante apontou para as árvores, fez ranger os dentes e deixou cair o malho.

— Está feito — disse Couros. — Eles não querem lutar.

— Bem feito. Que lhe disseste?

— Que estes também são os nossos deuses. Que viemos rezar.

— Rezaremos. Guardai o aço, todos vós. Não haverá sangue derramado aqui esta noite.

Nove, dissera Tom Barleycorn, e eram nove, mas dois estavam mortos e um tão fraco que podia já ter morrido quando chegasse a manhã. Os seis que restavam incluíam uma mãe e seu filho, dois velhos, um Thenn ferido vestido de bronze amolgado, e um dos homens de Cornopé, cujos pés nus estavam tão queimados pelo frio que Jon compreendeu com um relance que o homem nunca mais voltaria a andar. Ficou a saber mais tarde que a maioria deles eram estranhos uns aos outros quando chegaram ao bosque; quando Stannis quebrara a hoste de Mance Rayder, tinham fugido para a floresta a fim de escapar à carnificina, haviam vagueado durante algum tempo, tinham perdido amigos e familiares, levados pelo frio e pela fome, e tinham finalmente enalhado ali, demasiado fracos e fatigados para prosseguir.

— Os deuses estão aqui — dissera um dos velhos. — Este é um lugar tão bom para morrer como qualquer outro.

— A Muralha está só a algumas horas a sul daqui — disse Jon. — Porque não procurar lá abrigo? Outros renderam-se. Até o Mance.

Os selvagens trocaram olhares. Por fim, um disse:

— Ouvimos histórias. Os corvos queimaram todos os que se renderam.

— Até o próprio Mance — acrescentou a mulher.

Melisandre, pensou Jon, *tu e o teu deus vermelho têm mais que muito por que responder.*

— Todos os que quiserem regressar connosco são bem-vindos. Há

comida e abrigo em Castelo Negro e a Muralha para vos manter a salvo das coisas que assombram esta floresta. Tendes a minha palavra, ninguém irá arder.

— Palavra de corvo — disse a mulher, abraçando com força a criança — mas quem diz que a podes cumprir? Quem és?

— O Senhor Comandante da Patrulha da Noite e filho de Eddard Stark de Winterfell. — Jon virou-se para Tom Barleycorn. — Diz ao Rory e ao Pate para trazerem os cavalos. Não quero ficar aqui nem um momento a mais do que tiver de ser.

— Às vossas ordens, s'nhor.

Faltava uma última coisa antes de poderem partir: a coisa que tinham vindo fazer. Emmett de Ferro chamou aqueles que tinha a cargo e, enquanto o resto da companhia observava de uma distância respeitosa, estes ajoelharam perante os represeiros. A última luz do dia já desaparecera por essa altura; a única luz provinha das estrelas no céu e do ténue clarão vermelho da fogueira moribunda no centro da clareira.

Com os seus capuzes negros e grossos mantos negros, os seis podiam ter sido esculpidos em sombra. As suas vozes ergueram-se em conjunto, pequenas contra a vastidão da noite.

— A noite chega, e agora começa a minha vigia — disseram, como milhares tinham dito antes deles. A voz do Cetim era doce como uma canção, a do Cavalo rouca e indecisa, a de Arron um guincho nervoso. — Não terminará até à minha morte.

Que essas mortes demorem a chegar. Jon Snow afundou-se sobre um joelho, na neve. *Deuses dos meus pais, protegei estes homens. E protegei também Arya, a minha irmãzinha, esteja ela onde estiver. Suplico-vos, permiti que Mance a encontre e a traga até mim em segurança.*

— Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos — prometeram os recrutas, em vozes que ecoavam no passado ao longo dos anos e dos séculos. — Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto.

Deuses da floresta, concedei-me a força para fazer o mesmo, rezou Jon Snow em silêncio. *Dai-me a sabedoria para saber o que tem de ser feito, e a coragem para o fazer.*

— Sou a espada na escuridão — disseram os seis, e a Jon pareceu que as vozes estavam a mudar, a tornarem-se mais fortes, mais seguras. — Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens.

O escudo que defende os reinos dos homens. O Fantasma empurrou-lhe o ombro com o focinho, e Jon envolveu-o com um braço. Conseguia cheirar

as bragas por lavar do Cavalo, o doce odor que o Cetim punha na barba ao penteá-la, o pútrido e penetrante cheiro do medo, o avassalador almíscar do gigante. Conseguia ouvir o bater do seu próprio coração. Quando olhou através da clareira para a mulher com a criança, para os dois grisalhos, para o homem de Cornopé com os seus pés estropiados, tudo o que viu foram homens.

— Dou a minha vida e a minha honra à Patrulha da Noite, por esta noite e por todas as noites que estão para vir.

Jon Snow foi o primeiro a pôr-se em pé.

— Erguei-vos agora como homens da Patrulha da Noite. — Estendeu ao Cavalo uma mão para o puxar para cima.

O vento estava a aumentar. Era altura de partir.

A viagem de regresso demorou muito mais tempo do que a viagem até ao bosque. O andamento do gigante era laborioso, apesar do comprimento e amplidão daquelas pernas, e ele andava sempre a parar para fazer cair neve de ramos baixos com o malho. A mulher seguia montada com Rory, o filho dela com Tom Barleycorn, os velhos com o Cavalo e o Cetim. Mas o Thenn tinha medo dos cavalos, e preferiu acompanhá-los a coxear, apesar dos seus ferimentos. O homem de Cornopé não se conseguia sentar numa sela, e teve de ser amarrado à garupa de um garrano como uma saca de cereais; o mesmo fora feito à velha pálida com membros magros como paus, que não tinham conseguido despertar.

Fizeram o mesmo com os dois cadáveres, para confusão do Emmett de Ferro.

— Só vão abrandar o nosso avanço, senhor — disse ele a Jon. — Devíamos cortá-los e queimá-los.

— Não — disse Jon. — Trá-los. Tenho uso a dar-lhes.

Não tinham Lua para os guiar para casa, e só de vez em quando viam uma mancha de estrelas. O mundo era preto e branco e imóvel. Foi uma viagem longa, lenta e infundável. A neve agarrava-se-lhes às botas e bragas e o vento matraqueava nos pinheiros e fazia-lhes os mantos esvoaçar e torcer-se. Jon vislumbrou o vagabundo vermelho lá no alto, a observá-los através dos ramos sem folhas das grandes árvores enquanto iam abrindo caminho por baixo deles. O Ladrão, como lhe chamava o povo livre. Ygritte sempre afirmara que a melhor altura para raptar uma mulher era quando o Ladrão estava na Donzela de Lua. Nunca falara da melhor altura para raptar um gigante. *Ou dois mortos.*

Era quase alvorada quando voltaram a ver a Muralha.

Um corno de sentinela saudou-os quando se aproximaram, ressoando do alto como o grito de uma qualquer ave enorme e de profunda garganta, um sopro único e longo que significava *patrulheiros de regresso*. O Grande Liddle desprendeu o seu corno da sela e deu-lhe resposta. Ao portão, ti-

veram de esperar alguns momentos até que Edd Tollett apareceu para fazer deslizar as trancas e abrir as barras de ferro. Quando Edd viu o esfarrapado bando de selvagens, espetou os lábios e deitou um longo olhar ao gigante.

— Sou capaz de precisar de um bocado de manteiga para fazer esse deslizar pelo túnel, s'nhor. Devo mandar alguém à despensa?

— Oh, acho que ele vai caber. Sem manteiga.

E coube... apoiado nas mãos e nos joelhos, gatinhando. *Um moço grande, este. Quatro metros e trinta, pelo menos. Ainda é maior do que Mag, o Poderoso. Mag morrera sob aquele mesmo gelo, preso numa luta de morte com Donal Noye. Um bom homem. A Patrulha perdeu demasiados bons homens.* Jon chamou o Couros de parte.

— Encarrega-te dele. Falas a sua língua. Assegura-te de que é alimentado e arranja-lhe um sítio quente junto ao fogo. Fica com ele. Assegura-te de que ninguém o provoca.

— Certo. — Couros hesitou. — S'nhor.

Jon mandou os selvagens vivos tratar dos ferimentos e das queimaduras do frio. Um pouco de comida e roupa quentes recuperaria alguns deles, esperava, se bem que fosse provável que o homem de Cornopé perdesse ambos os pés. Quanto aos cadáveres, deixou-os ao cuidado das celas de gelo.

Ao pendurar o manto na cavilha, ao lado da porta, Jon reparou que Clydas viera e fora-se embora. Fora deixada uma carta na mesa do seu aposento privado. *Atalaiaeste ou Torre Sombria*, presumiu à primeira vista. Mas a cera era dourada, não preta. O selo mostrava uma cabeça de veado no interior de um coração flamejante. *Stannis*. Jon quebrou a cera endurecida, alisou o rolo de pergaminho, leu. *Uma letra de mestre, mas as palavras do rei.*

Stannis tomara Bosque Profundo, e os clãs da montanha tinham-se-lhe juntado. Flint, Norrey, Wull, Liddle, todos.

E tivemos outro auxílio, inesperado mas muito bem-vindo, de uma filha da Ilha dos Ursos. Alysane Mormont, a quem os homens chamam A Ursa, escondeu combatentes num grupo de chalupas de pesca e apanhou os homens de ferro desprevenidos onde eles estavam, ao largo da praia. Os dracares Greyjoy foram queimados ou capturados, as tripulações foram mortas ou renderam-se. Iremos pedir resgate ou dar outro uso aos capitães, cavaleiros, guerreiros notáveis e outros homens de nascimento elevado, os outros tenciono enforçar...

A Patrulha da Noite jurava não tomar partido nas querelas e conflitos do reino. Apesar disso, Jon Snow não pôde evitar sentir uma certa satisfação. Continuou a ler.

... mais nortenhos aparecem à medida que se vai espalhando a notícia da nossa vitória. Pescadores, cavaleiros livres, homens da montanha, pequenos caseiros das profundezas da mata de lobos e aldeãos que fugiram das suas casas ao longo da costa pedregosa para escapar aos homens de ferro, sobreviventes da batalha aos portões de Winterfell, homens em tempos ajuramentados aos Hornwood, aos Cerwyn e aos Tallhart. Somos cinco mil no momento em que escrevo, e os nossos números expandem-se todos os dias. E chegou-nos notícia de que Roose Bolton avança na direção de Winterfell com todo o seu poder, para aí casar o seu bastardo com a vossa meia-irmã. Não se pode permitir que ele devolva ao castelo a sua antiga força. Marchamos contra ele. Arnolf Karstark e Mors Umber irão juntar-se-nos. Salvarei a vossa irmã se puder, e arranjarei para ela um partido melhor do que Ramsay Snow. Vós e os vossos irmãos tereis de defender a Muralha até que eu possa regressar.

Vinha assinado numa letra diferente:

Feito à Luz do Senhor, sob o símbolo e selo de Stannis da Casa Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território.

No momento em que Jon pôs a carta de parte, o pergaminho voltou a enrolar-se, como se estivesse ansioso por proteger os seus segredos. Não estava nem um pouco seguro de como se sentia a respeito do que acabara de ler. Já antes se tinham travado batalhas em Winterfell, mas nunca se travara alguma sem um Stark de um lado ou de outro.

— O castelo é um esqueleto — disse — não é Winterfell, mas o fantasma de Winterfell. — Só pensar nisso era doloroso, dizer as palavras em voz alta era-o mais ainda. Mesmo assim...

Perguntou a si próprio quantos homens o velho Papa-Corvos traria para a refrega, e quantas espadas Arnolf Karstark seria capaz de fazer aparecer. Metade dos Umber estariam do outro lado do campo de batalha com o Terror-das-Rameiras, combatendo sob o homem esfolado do Forte do Pavor, e a maior parte da força de ambas as casas partira para sul com Robb, para nunca regressar. Mesmo arruinado, o castelo de Winterfell conferiria uma vantagem considerável a quem quer que o controlasse. Robert Baratheon teria compreendido isso de imediato e avançaria rapidamente para se apoderar do castelo, com as marchas forçadas e cavalgadas noturnas pelas quais fora famoso. Seria o irmão igualmente ousado?

É pouco provável. Stannis era um comandante ponderado, e a sua hoste era um guizado semidigerido de homens dos clãs, cavaleiros do sul, homens do rei e homens da rainha, temperados com uns quantos senhores do norte. *Ele devia avançar rapidamente contra Winterfell, ou não avançar de todo,* pensou Jon. Não lhe cabia aconselhar o rei, mas...

Voltou a deitar um relance à carta. *Salvarei a vossa irmã se puder.* Um sentimento surpreendentemente terno para Stannis, apesar de minado por aquele brutal *se puder* final e pela adenda *e arranjurei para ela um partido melhor do que Ramsay Snow.* Mas e se Arya não estivesse lá para ser salva? E se as chamas da Senhora Melisandre tivessem dito a verdade? Poderia realmente a irmã ter escapado a tais captores? *Como faria ela tal coisa? Arya sempre foi rápida e esperta mas no fim de contas não passa de uma rapariguinha, e Roose Bolton não é o tipo de homem que seria descuidado com uma presa de tanto valor.*

E se Bolton nunca tivesse tido a irmã de Jon em seu poder? Aquele casamento podia perfeitamente não passar de um estratagema para atrair Stannis a uma armadilha. Eddard Stark nunca tivera motivos para se queixar do Senhor do Forte do Pavor, tanto quanto Jon soubesse, mas mesmo assim nunca confiara nele, com aquela voz sussurrada e os seus olhos tão, tão claros.

Uma rapariga cinzenta num cavalo moribundo, a fugir do casamento. Com base na força daquelas palavras, deixara Mance Rayder e seis esposas de lanças à solta no norte.

— Jovens, e bonitas — dissera Mance. O rei não queimado fornecera alguns nomes, e o Edd Doloroso fizera o resto, fazendo-as sair à socapa de Vila Toupeira. Agora parecia uma loucura. Poderia ter feito melhor se tivesse abatido Mance no momento em que ele se revelara. Jon sentia uma certa admiração involuntária pelo antigo Rei-para-lá-da-Muralha, mas o homem era um perjuro e um vira-mantos. Tinha ainda menos confiança em Melisandre. No entanto, sem saber bem como, ali estava, a depositar neles a sua esperança. *Tudo para salvar a minha irmã. Mas os homens da Patrulha da Noite não têm irmãs.*

Quando Jon fora rapaz em Winterfell, o seu herói fora o Jovem Dragão, o rei rapaz que conquistara Dorne aos catorze anos de idade. Apesar do seu nascimento bastardo, ou talvez por causa dele, Jon Snow sonhara liderar homens até à glória tal como o Rei Daeron fizera, sonhara crescer para se tornar um conquistador. Agora era um homem feito e a Muralha era sua, mas tudo o que tinha era dúvidas. Nem sequer parecia ser capaz de as conquistar a elas.

DAENERYS

O fedor do acampamento era tão espantoso que Dany só com dificuldade evitou vomitar.

Sor Barristan franziu o nariz e disse:

— Vossa Graça não devia estar aqui, a respirar estes humores negros.

— Sou do sangue do dragão — fez-lhe lembrar Dany. — Alguma vez vistes um dragão com uma fluxão? — Viserys afirmara com frequência que os Targaryen não eram tocados pelas pestilências que afligiam os homens comuns e, tanto quanto ela soubesse, era verdade. Conseguia lembrar-se de ter frio, fome e medo, mas nunca de estar doente.

— Mesmo assim — disse o velho cavaleiro — sentir-me-ia melhor se Vossa Graça regressasse à cidade. — As muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen estavam meia milha atrás deles. — A fluxão sangrenta tem sido a perdição de todos os exércitos desde a Era da Alvorada. Deixai que sejamos nós a distribuir a comida, Vossa Graça.

— Amanhã. Agora estou aqui. Quero ver. — Encostou os calcanhares à sua prata. Os outros trotaram atrás dela. Jhogo cavalgava à sua frente, Aggo e Rakharo logo atrás, com longos chicotes dothraki nas mãos a fim de manterem afastados os doentes e os moribundos. Sor Barristan estava à sua direita, montado num cavalo cinzento pintalgado. À sua esquerda seguia Symon Dorsolistado, dos Irmãos Livres, e Marselen, dos Homens da Mãe. Três vintenas de soldados seguiam logo atrás dos capitães, a fim de protegerem as carroças de comida. Todos a cavalo, dothraki, Feras de Bronze e libertos, eram unidos apenas pelo desagrado que lhes causava aquele dever.

Os astapori tropeçavam atrás deles numa horrenda procissão que se tornava mais longa a cada metro. Alguns falavam línguas que Dany não compreendia. Outros já nem falar conseguiam. Muitos erguiam as mãos para Dany, ou ajoelhavam-se quando a sua prata por eles passava.

— Mãe — gritavam-lhe nos dialetos de Astapor, de Lys e da Velha Volantis, no gutural dothraki e nas sílabas líquidas de Qarth, até no idioma comum de Westeros. — Mãe, por favor... mãe, ajudai a minha irmã, ela está doente... dai-me comida para os meus pequeninos... por favor, o meu velho pai... ajudai-o... ajudai-a... ajudai-me...

Não tenho mais ajuda para dar, pensou Dany, desesperando. Os astapori não tinham lugar para onde ir. Milhares permaneciam fora das espessas muralhas de Meereen; homens e mulheres e crianças, velhos e rapa-

riguinhas e bebês recém-nascidos. Muitos estavam doentes, a maior parte estava morta de fome, e todos estavam condenados a morrer. Daenerys não se atrevia a abrir os portões para os deixar entrar. Tentara fazer por eles o que podia. Enviara-lhes curandeiros, Graças Azuis, cantores-feiticeiros e barbeiros-cirurgiões, mas alguns destes tinham também adoecido e nenhuma das suas artes abrandara o progresso galopante da fluxão que chegara na égua branca. Separar os saudáveis dos doentes também se revelara impraticável. Os seus Escudos Vigorosos tinham tentado, arrancando maridos de junto de mulheres e crianças dos braços das mães, enquanto os astapori choravam, esperneavam e os crivavam de pedras. Alguns dias mais tarde, os doentes estavam mortos e os saudáveis doentes. Separar uns dos outros nada alcançara.

Até alimentá-los se tornara difícil. Todos os dias lhes enviava o que podia, mas todos os dias eles eram mais e havia menos comida para lhes dar. Também se estava a tornar mais difícil encontrar condutores de carroças dispostos a entregar a comida. Demasiados dos homens que tinham enviado aos acampamentos tinham também sido atingidos pela fluxão. Outros haviam sido atacados no regresso à cidade. Na véspera, uma carroça fora virada e dois dos seus soldados tinham sido mortos, portanto hoje a rainha determinara que traria a comida em pessoa. Todos os seus conselheiros haviam argumentado fervorosamente contra a ideia, de Reznak e do Tolarrapada a Sor Barristan, mas Daenerys não se deixara convencer.

— Não lhes virarei as costas — dissera, obstinada. — Uma rainha deve conhecer o sofrimento do seu povo.

Sufrimento era a única coisa que não lhes faltava.

— Já quase não resta um cavalo ou uma mula, apesar de muitos terem vindo montados desde Astapor — informou-a Marselen. — Comeram-nos a todos, Vossa Graça, juntamente com todas as ratazanas e cães vadios que conseguiram apanhar. Agora, alguns começaram a comer os seus próprios mortos.

— O homem não deve comer a carne do homem — disse Aggo.

— É sabido — concordou Rakharo. — Serão amaldiçoados.

— Eles já estão para lá das maldições — disse Symon Dorsolistado.

Criancinhas com estômagos inchados seguiam-nos, demasiado fracas ou assustadas para pedir. Homens descarnados com olhos afundados acocoravam-se entre areia e pedras, cagando as suas vidas em ribeiros nauseabundos de castanho e vermelho. Muitos cagavam agora onde dormiam, demasiado débeis para se arrastarem até às fossas que ela lhes ordenara que cavassem. Duas mulheres lutavam por um osso carbonizado. Ali perto um rapaz de dez anos comia uma ratazana. Comia com uma mão, segurando com a outra num pau aguçado para o caso de alguém tentar arrancar-lhe a

presa. Mortos por enterrar jaziam por todo o lado. Dany viu um homem estatelado na poeira sob um manto negro, mas quando passou por ele o manto dissolveu-se num milhar de moscas. Mulheres esqueléticas sentavam-se no chão, agarradas a bebês moribundos. Os seus olhos seguiram-na. Aquelas que tinham força para tanto chamaram.

— Mãe... por favor, Mãe... que sejais abençoada, Mãe...

Que seja abençoada, pensou Dany com amargura. *A tua cidade desapareceu em cinzas e ossos, o teu povo está a morrer à tua volta, não tenho abrigo para te dar, não tenho remédios, não tenho esperança. Só pão bolorento e carne cheia de vermes, queijo duro, um pouco de pão. Abençoada seja, abençoada seja.*

Que tipo de mãe não tem leite para alimentar os seus filhos?

— Demasiados mortos — disse Aggo. — Deviam ser enterrados.

— Quem os enterrará? — perguntou Sor Barristan. — A fluxão sangrenta está por todo o lado. Morrem cem todas as noites.

— Não é bom tocar os mortos — disse Jhogo.

— Isso é sabido — disseram Aggo e Rakharo, juntos.

— Pode ser que sim — disse Dany — mas é algo que tem de ser feito na mesma. — Pensou por um momento. — Os Imaculados não têm medo de cadáveres. Vou falar com o Verme Cinzento.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan — os Imaculados são os vossos melhores combatentes. Não nos atrevemos a deixar a praga à solta entre eles. Deixai que os astapori enterrem os seus próprios mortos.

— Estão demasiado débeis — disse Symon Dorsolistado.

Dany disse:

— Mais comida talvez os torne mais fortes.

Symon abanou a cabeça.

— Comida é um desperdício em moribundos, Reverência. Não temos suficiente para alimentar os vivos.

Dany sabia que ele não se enganava, mas isso não tornava as palavras mais fáceis de ouvir.

— Já nos afastámos o suficiente — decidiu a rainha. — Alimentá-los-emos aqui. — Ergueu uma mão. Atrás dela, as carroças pararam com uma sacudidela, e os cavaleiros espalharam-se entre elas, a fim de evitar que os astapori corresse para a comida. Assim que pararam, a multidão começou a engrossar à sua volta, à medida que cada vez mais dos aflitos se foram aproximando das carroças a coxear e a arrastar os pés. Os cavaleiros bloquearam-lhes o avanço.

— Esperai a vossa vez — gritavam. — Nada de empurrar. Para trás. Ficai aí. Há pão para toda a gente. Esperai a vossa vez.

Dany só podia ficar a observar.

— Sor — disse a Barristan Selmy — não podemos fazer mais nada? Tendes provisões.

— Provisões para os soldados de Vossa Graça. É bem possível que venhamos a ter de resistir a um longo cerco. Os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos podem atormentar os yunkaitas, mas não podem ter a esperança de os repelir. Se Vossa Graça me permitisse reunir um exército...

— Se tiver de haver uma batalha, preferia travá-la de trás das muralhas de Meereen. Que os yunkaitas tentem assaltar as minhas ameias. — A rainha percorreu com o olhar a cena que se estendia à sua volta. — Se distribuíssemos a nossa comida em partes iguais...

— ... os astapori comeriam a sua porção em dias, e nós teríamos essa quantidade a menos para o cerco.

Dany olhou para lá do acampamento, para as muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen. O ar estava carregado de moscas e de gritos.

— Os deuses enviaram esta pestilência para me transmitir humildade. Tantos mortos... *Não aceito* que comam cadáveres. — Chamou Aggo para mais perto. — Cavalga até aos portões e traz-me o Verme Cinzento e cinquenta dos seus Imaculados.

— *Khaleesi*. O sangue do vosso sangue obedece. — Aggo deu com os calcanhares no cavalo e partiu a galope.

Sor Barristan observou com uma apreensão mal escondida.

— Não vos devíeis demorar demasiado por aqui, Vossa Graça. Os astapori estão a ser alimentados, conforme ordenastes. Nada mais podemos fazer pelos pobres desgraçados. Devíamos voltar para a cidade.

— Ide se quiserdes, sor. Não vos impedirei. Não impedirei nenhum de vós. — Dany saltou do cavalo. — Não posso curá-los, mas posso mostrar-lhes que a Mãe deles se preocupa.

Jhogo susteve a respiração.

— *Khaleesi*, não. — A campanha na sua trança ressoou suavemente quando ele desmontou. — Não deveis aproximar-vos mais. Não deixeis que vos toquem! Não deixeis!

Dany passou por ele sem lhe dar ouvidos. Havia um velho no chão a alguns metros de distância, gemendo e fitando a barriga cinzenta das nuvens. Ajoelhou a seu lado, franzindo o nariz ao cheiro, e empurrando-lhe para trás o sujo cabelo grisalho a fim de lhe pôr a mão na testa.

— Tem a pele em fogo. Preciso de água para lhe dar banho. Água do mar servirá. Marselen, queres ir buscar-me alguma? Também preciso de óleo, para a pira. Quem me vai ajudar a queimar os mortos?

Quando Aggo regressou com o Verme Cinzento e cinquenta dos Imaculados a trote atrás do seu cavalo, Dany envergonhara todos o suficiente para os levar a ajudá-la. Symon Dorsolistado e os seus homens es-

tavam a separar os vivos dos mortos e a empilhar os cadáveres, enquanto Jhogo, Rakharo e os seus dothraki ajudavam aqueles que ainda conseguiam caminhar a dirigir-se à costa para tomarem banho e lavarem a roupa. Aggo fitou-os como se tivessem todos enlouquecido, mas o Verme Cinzento ajoelhou ao lado da rainha e disse:

— Este quer ajudar.

Antes do meio-dia ardia uma dúzia de fogueiras. Colunas de fumo negro e oleoso erguiam-se e iam manchar um implacável céu azul. A roupa de montar de Dany estava manchada e coberta de fuligem quando se afastou das piras.

— Reverência — disse o Verme Cinzento — este e os seus irmãos suplicam a vossa autorização para se banharem no mar salgado quando o nosso trabalho aqui terminar, para podermos ser purificados de acordo com as leis da nossa grande deusa.

A rainha não sabia que os eunucos tinham uma deusa própria.

— Quem é essa deusa? Um dos deuses de Ghis?

O Verme Cinzento fez uma expressão perturbada.

— Referem-se à deusa por muitos nomes. É a Senhora das Lanças, a Noiva da Batalha, a Mãe das Hostes, mas o seu nome verdadeiro pertence apenas aos pobres que queimaram os respetivos membros viris no seu altar. Não podemos falar dela a outras pessoas. Este suplica o vosso perdão.

— Como quiserdes. Sim, podeis banhar-vos, se é esse o vosso desejo. Obrigada pela vossa ajuda.

— Estes vivem para servir-vos.

Quando Daenerys regressou à sua pirâmide, dorida dos membros e doente do coração, foi encontrar Missandei a ler um qualquer pergaminho antigo enquanto Irri e Jhiqui discutiam sobre Rakharo.

— És magra demais para ele — estava Jhiqui a dizer. — És quase um rapaz. O Rakharo não dorme com rapazes. É sabido.

Irri retorquiu com irritação.

— É sabido que tu és quase uma vaca. Rakharo não dorme com vacas.

— Rakharo é sangue do meu sangue. A vida dele pertence-me a mim, não a vós — disse Dany às duas. Rakharo crescera quase quinze centímetros durante o tempo passado fora de Meereen e regressara com braços e pernas grossos de músculos e quatro campainhas no cabelo. Agora erguia-se acima de Aggo e Jhogo, como ambas as aias tinham notado. — E agora calai-vos. Tenho de tomar banho. — Nunca se sentira mais porca. — Jhiqui, ajuda-me a despir esta roupa, depois leva-a e queima-a. Irri, diz a Qezza para me arranjar algo de leve e fresco para vestir. O dia estava muito quente.

Um vento fresco estava a soprar na varanda. Dany suspirou de pra-

zer quando se enfiou nas águas da piscina. A uma ordem sua, Missandei despiu-se e entrou na piscina com ela.

— Esta ouviu os astapori a arranharem as muralhas ontem à noite — disse a pequena escriba enquanto lavava as costas de Dany.

Irri e Jhiqui trocaram um olhar.

— Ninguém estava a arranhar — disse Jhiqui. — A arranhar... como podiam eles arranhar?

— Com as mãos — disse Missandei. — Os tijolos são velhos e estão a desfazer-se. Estão a tentar abrir à unhada uma entrada na cidade.

— Para isso precisavam de muitos anos — disse Irri. — As muralhas são muito grossas. É sabido.

— É sabido — concordou Jhiqui.

— Eu também sonho com eles. — Dany pegou na mão de Missandei. — O acampamento está a uma boa meia milha da cidade, querida. Ninguém estava a arranhar as muralhas.

— Vossa Graça é que sabe — disse Missandei. — Quereis que vos lave o cabelo? Está quase na hora. Reznak mo Reznak e a Graça Verde vêm discutir...

— ... os preparativos para o casamento. — Dany sentou-se com um esparrinhar de água. — Já quase me esquecia. — Talvez desejasse esquecer. — E depois deles, tenho de jantar com Hizdahr. — Suspirou. — Irri, traz o *tokar* verde, o de seda fimbriado com renda de Myr.

— Esse está a ser remendado, *khaleesi*. A renda estava rasgada. O *tokar* azul foi limpo.

— Então será o azul. Eles ficarão igualmente satisfeitos.

Só estava meio enganada. A sacerdotisa e o senescal ficaram felizes por a verem trajada com um *tokar*, uma senhora meereenesa como devia ser, para variar, mas o que realmente queriam era despi-la por completo. Daenerys ouviu-os até ao fim, incrédula. Quando terminaram, disse:

— Não desejo ofender, mas *não* me irei apresentar nua à mãe e irmãos de Hizdahr.

— Mas — disse Reznak mo Reznak, pestanejando — mas tendes de o fazer, Reverência. Antes de um casamento é tradição que as mulheres da casa do homem examinem o ventre da mulher e, ah... os seus órgãos femininos. Para se assegurarem de que estão bem formados e são, ah...

— ... férteis — concluiu Galazza Galare. — Um ritual antigo, Radiância. Três Graças estarão presentes para testemunhar o exame e proferir as preces adequadas.

— Sim — disse Reznak — e depois há um bolo especial. Um bolo de mulher, feito só para noivados. Os homens não são autorizados a prová-lo. Diz-se que é delicioso. Mágico.

E se o meu ventre estiver seco e os meus órgãos femininos amaldiçoados também haverá um bolo especial para isso?

— Hizdahr zo Loraq poderá inspecionar os meus órgãos femininos depois de estarmos casados. — *Khal Drogo não lhes encontrou defeitos, porque há ele de os encontrar?* — Que a mãe e as irmãs dele se examinem umas às outras e partilhem o bolo especial. Eu não o comerei. Nem lavarei os nobres pés do nobre Hizdahr.

— Magnificência, não compreendeis — protestou Reznak. — A lavagem dos pés é consagrada pela tradição. Significa que sereis a aia do vosso esposo. O traje nupcial também está repleto de significado. A noiva é vestida em véus vermelhos escuros por cima de um *tokar* de seda branca, debruado de pequenas pérolas.

A rainha dos coelhos não se pode casar sem as suas orelhas de abano.

— Todas essas pérolas far-me-ão chocalhar quando caminho.

— As pérolas simbolizam a fertilidade. Quanto mais pérolas Vossa Reverência usar, mais filhos saudáveis dará à luz.

— Porque terei eu de querer cem filhos? — Dany virou-se para a Graça Verde. — Se nos casássemos pelos ritos de Westeros...

— Os deuses de Ghis não considerariam tal união verdadeira. — A cara de Galazza Galare estava oculta por trás de um véu de seda verde. Só se lhe viam os olhos, verdes, sábios e tristes. — Aos olhos da cidade seríeis a concubina do nobre Hizdahr, não a sua esposa legalmente casada. Os vossos filhos seriam bastardos. Vossa Reverência deve casar com Hizdahr no Templo das Graças, com toda a nobreza de Meereen presente para testemunhar a vossa união.

Fazei sair os chefes de todas as casas nobres das respetivas pirâmides sob um pretexto qualquer, dissera Daario. *O lema do dragão é fogo e sangue.* Dany pôs a ideia de parte. Não era digna de si.

— Como quiserdes — suspirou. — Casarei com Hizdahr no Templo das Graças enrolada num *tokar* branco fimbriado com pequenas pérolas. Há mais alguma coisa?

— Há mais um pequeno assunto, Reverência — disse Reznak. — Para celebrar as vossas núpcias, seria muito adequado que permitísseis a reabertura das arenas de combate. Podia ser o vosso presente de casamento a Hizdahr e ao vosso querido povo, um sinal de que haveis adotado os antigos costumes de Meereen.

— E agradaria também muito aos deuses — acrescentou a Graça Verde, na sua voz suave e amável.

Um dote pago em sangue. Daenerys estava farta de travar aquela batalha. Nem Sor Barristan achava que pudesse vencê-la.

— Nenhum governante pode tornar um povo bom — dissera-lhe

Selmy. — Baelor, o Abençoado, rezou e jejuou e construiu para os Sete um templo tão magnífico como quaisquer deuses poderiam desejar, mas não foi capaz de pôr fim à guerra e às carências. — *Uma rainha deve escutar o seu povo*, lembrou Dany a si própria.

— Depois do casamento, Hizdahr será rei. Ele que reabra as arenas de combate, se desejar. Eu não participarei em tal coisa. — *O sangue que manche as mãos dele, não as minhas*. Pôs-se em pé. — Se o meu marido desejar que lhe lave os pés, tem primeiro de me lavar os meus. Dir-lhe-ei isso mesmo esta noite. — Perguntou a si própria como receberia o noivo a ideia.

Não precisava de se ter preocupado. Hizdahr zo Loraq chegou uma hora depois de o Sol se pôr. Trazia um *tokar* de cor borgonha, com uma fita dourada e uma fímbria de contas douradas. Dany contou-lhe o encontro com Reznak e com a Graça Verde enquanto lhe servia vinho.

— Esses rituais são ociosos — declarou Hizdahr — são precisamente o tipo de coisa que temos de pôr de parte. Meereen está mergulhada nessas velhas e tolas tradições há demasiado tempo. — Beijou-lhe a mão e disse: — Daenerys, minha rainha, de bom grado vos lavarei dos pés à cabeça, se for isso o que tiver de fazer para ser vosso rei e consorte.

— Para serdes meu rei e consorte, só precisais de me trazer paz. Skahaz diz-me que recebestes mensagens nos últimos tempos.

— Recebi. — Hizdahr cruzou as longas pernas. Parecia contente consigo próprio. — Yunkai dar-nos-á paz, mas por um preço. A quebra no comércio de escravos causou grandes danos por todo o mundo civilizado. Yunkai e os aliados exigem de nós uma indemnização, a ser paga em ouro e pedras preciosas.

Ouro e pedras preciosas eram fáceis de arranjar.

— E que mais?

— Os yunkaitas regressarão ao comércio de escravos, como antes. Astapor será reconstruída, como cidade esclavagista. Vós não interferireis.

— Os yunkaitas regressaram ao comércio de escravos antes de eu estar a duas léguas da sua cidade. Voltei para trás? O Rei Cleon suplicou-me que me juntasse a ele contra Yunkai, e eu fiz orelhas moucas às suas súplicas. *Não desejo a guerra com Yunkai*. Quantas vezes terei de o dizer? Que promessas exigem?

— Ah, aí está o busílis da questão, minha rainha — disse Hizdahr zo Loraq. — Entristece-me dizê-lo, mas Yunkai não tem confiança nas vossas promessas. Não param de fazer soar a mesma corda da harpa, sobre um emissário qualquer a que os vossos dragões deram fogo.

— Foi só o *tokar* dele que foi queimado — disse Dany em tom de desprezo.

— Seja como for, não confiam em vós. Os homens de Nova Ghis

sentem o mesmo. Palavras são vento, como vós própria tão frequentemente dizeis. Nenhumas palavras vossas irão garantir esta paz por Meereen. Os vossos adversários exigem atos. Querem ver-nos casados, e querem ver-me coroado como rei, para governar a vosso lado.

Dany voltou a encher-lhe a taça de vinho, sem que houvesse nada que desejasse mais do que despejar-lhe o jarro pela cabeça e afogar aquele sorriso satisfeito consigo próprio.

— Casamento ou carnificina. Uma boda ou uma guerra. São essas as minhas alternativas?

— Só vejo uma alternativa, Radiância. Profiramos os nossos votos perante os deuses de Ghis e façamos juntos uma nova Meereen.

A rainha estava a enquadrar a resposta quando ouviu um passo atrás dela. *A comida*, pensou. Os cozinheiros tinham-lhe prometido servir o prato preferido do nobre Hizdahr, cão com mel, estufado com ameixas secas e pimentos. Mas, quando se virou para ver, era Sor Barristan que ali estava em pé, acabado de sair do banho e vestido de branco, com a espada longa pendurada da cintura.

— Vossa Graça — disse, fazendo uma vénia — lamento incomodar-vos, mas pensei que quereríeis saber de imediato. Os Corvos Tormentos regressaram à cidade, com notícias sobre o inimigo. Os yunkaitas puseram-se em marcha, tal como temíamos.

Um clarão de aborrecimento atravessou o nobre rosto de Hizdahr zo Loraq.

— A rainha está a jantar. Esses mercenários podem esperar.

Sor Barristan ignorou-o.

— Pedi ao Lorde Daario para me apresentar a mim o seu relatório, como Vossa Graça tinha ordenado. Ele riu-se e disse que o escreveria com o seu próprio sangue, se Vossa Graça quisesse enviar a pequena escriba para lhe mostrar como se faziam as letras.

— Sangue? — disse Dany, horrorizada. — Isso é alguma brincadeira? Não. Não, não me digais, tenho de ver por mim própria. — Era uma rapariga jovem, e estava sozinha, e as jovens raparigas podiam mudar de ideias. — Reuni os meus capitães e comandantes. Hizdahr, sei que me perdoareis.

— Meereen tem de vir em primeiro lugar. — Hizdahr sorriu jovialmente. — Teremos outras noites. Mil noites.

— Sor Barristan acompanhar-vos-á a sair. — Dany correu para fora da sala, gritando pelas aias. Não daria ao seu capitão as boas-vindas vestida com um *tokar*. Por fim, experimentou uma dúzia de vestidos antes de encontrar um que lhe agradou, mas recusou a coroa que Jhiqui lhe ofereceu.

Quando Daario Naharis ajoelhou na sua frente, o coração de Dany deu um salto. O cabelo dele estava emaranhado com sangue seco, e na têm-

pora um golpe profundo reluzia vermelho e em carne viva. A manga direita estava ensanguentada quase até ao cotovelo.

— Estás ferido — arquejou.

— Isto? — Daario tocou a têmpora. — Um besteiro tentou espetar-me um dardo no olho, mas cavalguei mais depressa do que ele. Estava a apressar-me para vir ter com a minha rainha, para me refastelar no calor do seu sorriso. — Sacudiu a manga, borrifando gotículas vermelhas. — Este sangue não é meu. Um dos meus sargentos disse que nos devíamos passar para os yunkaitas, portanto enfiei-lhe a mão pela garganta abaixo e arranquei-lhe o coração. Queria trazê-lo como presente para a minha rainha prateada, mas quatro dos Gatos cortaram-me a retirada e vieram a rosñar e a bufar atrás de mim. Um quase me apanhou, por isso atirei-lhe o coração à cara.

— Muito galante — disse Sor Barristan, num tom que sugeria que era tudo menos isso — mas tendes notícias para Sua Graça?

— Notícias duras, Sor Avô. Astapor foi-se, e os esclavagistas vêm para norte em força.

— Isso são notícias velhas e bafientas — rosanou o Tolarrapada.

— A tua mãe disse o mesmo dos beijos do teu pai — retorquiu Daario. — Doce rainha, eu queria ter chegado mais cedo, mas os montes formigam de mercenários yunkaitas. Quatro companhias livres. Os vossos Corvos Tormentosos tiveram de abrir caminho à espadeirada através de todas. Há mais, e pior. A hoste dos yunkaitas marcha pela estrada costeira, acrescida de quatro legiões de Nova Ghis. Têm elefantes, cem, couraçados e com torres. Também há fundibulários de Tolos, e um corpo de camelaria qartena. Outras duas legiões ghiscariotas embarcaram em Astapor. Se os nossos cativos disseram a verdade desembarcarão para lá do Skahazadhan, para nos impedir o acesso ao mar dothraki.

De vez em quando, enquanto contava a sua história, uma gota de sangue vermelho vivo pingava no chão de mármore, e Dany estremecia.

— Quantos foram mortos? — perguntou quando ele terminou.

— Dos nossos? Não parei para contar. Mas ganhámos mais do que perdemos.

— Mais vira-mantos?

— Mais homens corajosos atraídos pela nossa nobre causa. A minha rainha irá gostar deles. Um é um homem das Ilhas Basilisco que combate com um machado, um brutamontes, maior que Belwas. Devíeis vê-lo. Também há alguns westerosi, uma vintena ou mais. Desertores dos Aventados, insatisfeitos com os yunkaitas. Darão bons Corvos Tormentosos.

— Se tu o dizes. — Dany não iria objetar. Meereen poderia em breve precisar de todas as espadas de que dispusesse.

Sor Barristan franziu o sobrolho a Daario.

— Capitão, mencionastes *quatro* companhias livres. Só sabemos de três. Os Aventados, as Longas Lanças e a Companhia do Gato.

— O Sor Avô sabe contar. Os Segundos Filhos passaram-se para o lado dos yunkaitas. — Daario virou a cabeça e cuspiu. — Isto é para o Ben Castanho Plumm. Da próxima vez que vir a sua feia cara, abro-o da garganta às virilhas e arranco-lhe o coração negro.

Dany tentou falar mas não encontrou palavras. Lembrou-se da última vez que vira a cara de Ben. *Era uma cara calorosa, uma cara em quem confiava.* Pele escura e cabelo branco, o nariz quebrado, as rugas aos cantos dos olhos. Até os dragões tinham gostado do velho Ben Castanho, o qual gostava de se gabar de ter nas veias uma gota de sangue de dragão. *Três traições conhecereis. Uma por ouro e uma por sangue e uma por amor.* Seria Plumm a terceira traição ou a segunda? E o que fazia isso de Sor Jorah, o seu rude velho urso? Seria que nunca teria um amigo em quem pudesse confiar? *Para que servem as profecias se não conseguirmos dar-lhes sentido? Se me casar com Hizdahr antes de o Sol nascer, irão todos estes exércitos derreter-se como o orvalho matinal e deixar-me governar em paz?*

O anúncio de Daario gerara uma algazarra. Reznak soltava lamentações, o Tolarrapada resmungava sombriamente, os companheiros de sangue de Dany juravam vingança. Belwas, o Forte, bateu com o punho na barriga coberta de cicatrizes e jurou comer o coração de Ben com ameixas secas e cebolas.

— Por favor — disse Dany, mas só Missandei pareceu ouvir. A rainha pôs-se em pé. — *Calai-vos!* Já ouvi o suficiente.

— Vossa Graça. — Sor Barristan caiu sobre um joelho. — Estamos às vossas ordens. Que quereis que façamos?

— Prossegui como planeámos. Reuni comida, tanta quanta puderdes. — *Se olhar para trás estou perdida.* — Temos de fechar os portões e pôr todos os combatentes nas muralhas. Ninguém entra, ninguém sai.

O salão ficou em silêncio por um momento. Os homens olharam uns para os outros. Então Reznak disse:

— E os astapori?

Dany quis gritar, ranger os dentes e rasgar a roupa e bater no chão. Em vez disso, disse:

— *Fechai os portões.* Ireis obrigar-me a dizê-lo três vezes? — Eles eram seus filhos, mas agora não podia ajudá-los. — Deixai-me. Daario, fica. Esse golpe devia ser lavado e eu tenho mais perguntas para ti.

Os outros fizeram vénias e foram-se embora. Dany levou Daario Naharis pelas escadas acima até ao seu quarto, onde Irri lhe lavou o golpe

com vinagre e Jhiqui o ligou com linho branco. Quando isso ficou feito, mandou também as aias embora.

— A tua roupa está manchada de sangue — disse a Daario. — Despe-a.

— Só se tu fizeres o mesmo. — E beijou-a.

O cabelo dele cheirava a sangue, a fumo e a cavalo, e a sua boca era dura e quente contra a dela. Dany tremeu nos seus braços. Quando se separaram, disse:

— Julguei que fosses tu a trair-me. Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor, disseram os feiticeiros. Pensei... nunca pensei no Ben Castanho. Até os meus dragões pareciam confiar nele. — Agarrou no seu capitão pelos ombros. — Promete-me que nunca te virarás contra mim. Não conseguiria aguentar isso. Promete-me.

— Nunca, meu amor.

Dany acreditou no mercenário.

— Jurei que me casaria com Hizdahr zo Loraq se ele me desse noventa dias de paz, mas agora... desejei-te desde o primeiro dia em que te vi, mas eras um mercenário, inconstante, *traíçoeiro*. Gabavas-te de teres tido cem mulheres.

— Cem? — Daario soltou um risinho através da barba púrpura. — Menti, querida rainha. Foram mil. Mas nunca uma dragoa.

Dany ergueu os lábios para os dele.

— Então de que estás à espera?

O PRÍNCIPE DE WINTERFELL

A lareira estava coberta de cinza fria e negra, a sala era aquecida apenas por velas. De todas as vezes que uma porta se abria, as chamas oscilavam e estremeciam. A noiva também estava a tremer. Tinham-na vestido com lã de ovelha branca debruada de renda. As mangas e corpete tinham cosidas pérolas de água doce, e nos pés trazia chinelos de pele branca de corça; eram bonitos, mas não quentes. A sua cara estava pálida, exangue.

Uma cara esculpida em gelo, pensou Theon Greyjoy enquanto lhe envolvia os ombros com um manto forrado de peles. *Um cadáver enterrado na neve.*

— Senhora. Está na hora. — Do outro lado da porta, a música chamava por eles, alaúde, flautas e tambor.

A noiva ergueu os olhos. Olhos castanhos, a brilhar à luz das velas.

— Serei uma boa esposa para ele, e f-fiel. Eu... eu agradar-lhe-ei, e dar-lhe-ei filhos. Serei uma esposa melhor do que a verdadeira Arya seria, ele verá.

Esse tipo de conversa pode levar-te a seres morta, ou pior. Aprendera essa lição sendo o Cheirete.

— Vós sois a verdadeira Arya, senhora. Arya da Casa Stark, filha do Lorde Eddard, herdeira de Winterfell. — O seu nome, ela tinha de aprender o seu *nome*. — Arya Debaixo-dos-Pés. A vossa irmã costumava chamar-vos Arya Cara-de-Cavalo.

— Fui eu quem inventou esse nome. A cara dela era comprida e cavalar. A minha não é. Eu era bonita. — Lágrimas jorraram-lhe finalmente dos olhos. — Nunca fui bela como Sansa, mas todos diziam que era bonita. O Lorde Ramsay acha-me bonita?

— Sim — mentiu Theon. — Ele disse-me isso.

— Mas ele sabe quem eu sou. Quem sou realmente. Vejo-o quando olha para mim. Parece tão zangado, mesmo quando sorri, mas a culpa não é minha. Dizem que ele gosta de fazer mal às pessoas.

— A senhora não devia dar ouvidos a tais... mentiras.

— Dizem que vos fez mal a vós. Às vossas mãos, e...

Theon tinha a boca seca.

— Eu... eu mereci-o. Fi-lo zangar-se. Não podeis fazê-lo zangar-se. O Lorde Ramsay é... um homem carinhoso e bondoso. Agradai-lhe, e ele será bom para vós. Sede uma boa esposa.

— Ajudai-me. — Ela agarrou-o. — Por favor. Eu costumava observar-vos no pátio, a jogar com as vossas espadas. Vós éreis tão bonito. — Apertou-lhe o braço. — Se fugíssemos, podia ser a vossa esposa, ou a vossa... a vossa rameira... tudo o que quisésseis. Podíeis ser o meu homem.

Theon arrancou o braço das mãos dela.

— Eu não sou... não sou homem de ninguém. — *Um homem ajuda-la-ia.* — Só... sede só Arya, sede a mulher dele. Agradai-lhe, senão... agradai-lhe só, e parai com esta conversa sobre serdes outra pessoa. — *Jeyne, o nome dela é Jeyne, combina com mágoa.* A música estava a tornar-se mais insistente. — Está na hora. Limpai essas lágrimas dos olhos. — *Olhos castanhos. Deviam ser cinzentos. Alguém verá. Alguém se lembrará.* — Ótimo. Agora sorri.

A rapariga tentou. O seu lábio, a tremer, torceu-se para cima e congelou, e Theon viu-lhe os dentes. *Uns bonitos dentes brancos, pensou, mas se o enfurecer não permanecerão bonitos por muito tempo.* Quando abriu a porta, três das quatro velas apagaram-se. Levou a noiva para o meio da neblina, onde os convidados do casamento aguardavam.

— Porquê eu? — perguntara quando a Senhora Dustin lhe dissera que tinha de entregar a noiva.

— O pai dela está morto e todos os irmãos também. A mãe faleceu nas Gémeas. Os tios estão perdidos, mortos ou cativos.

— Ainda tem um irmão. — *Ainda tem três irmãos,* poderia ele ter dito. — Jon Snow está na Patrulha da Noite.

— Um meio-irmão, de nascimento bastardo e vinculado à Muralha. Vós éreis protegido do pai, aquilo que mais se aproxima de um familiar sobrevivente. É adequado que sejais vós a entregar a mão dela em casamento.

Aquilo que mais se aproxima de um familiar sobrevivente. Theon Greyjoy crescera com Arya Stark. Theon teria reconhecido uma impostura. Se fosse visto a aceitar a rapariga fingida dos Bolton como Arya, os senhores do Norte que se haviam reunido para testemunhar a união não teriam base para questionar a sua legitimidade. Stout e Slate, o Terror-das-Rameiras Umber, os quezilentos Ryswell, homens de Hornwood e primos dos Cerwyn, o gordo Lorde Manderly... nenhum conhecera as filhas de Ned Stark tão bem como ele, nem de perto, nem de longe. E se alguns nutrissem dúvidas em privado, decerto que seriam suficientemente sensatos para guardar tais desconfianças para si.

Estão a usar-me para esconder o engano, pondo a minha cara na sua mentira. Fora por isso que Roose Bolton voltara a vesti-lo de senhor; para desempenhar o seu papel naquela farsa de saltimbanco. Uma vez isso feito, uma vez a falsa Arya casada e desflorada, Bolton não teria mais utilidade para Theon Vira-Mantos.

— Servi-nos nisto, e quando Stannis for derrotado discutiremos a melhor maneira de recuperar para vós os domínios do vosso pai — dissera sua senhoria numa voz baixa, uma voz feita para mentiras e sussurros. Theon nunca acreditara numa palavra. Dançaria aquela dança para eles, porque não tinha alternativa, mas depois... *Depois, ele vai devolver-me a Ramsay, pensou, e Ramsay tirar-me-á mais alguns dedos, e voltará a transformar-me em Cheirete.* A menos que os deuses fossem bondosos e Stannis Baratheon caísse sobre Winterfell e os passasse a todos pela espada, incluindo ele próprio. Isso era o melhor que poderia esperar.

Estava menos frio no bosque sagrado, por estranho que parecesse. Para lá dos limites do bosque, um frio duro e branco prendia Winterfell. Os caminhos estavam traiçoeiros com gelo negro, e geada cintilava ao luar nas vidraças quebradas dos Jardins de Vidro. Montes de neve suja tinham-se empilhado contra as paredes, enchendo todos os escaninhos e recantos. Alguns eram tão altos que escondiam as portas atrás deles. Sob a neve jazia cinza e carvões negros, e aqui e ali uma trave enegrecida ou uma pilha de ossos adornada com farrapos de pele e cabelo. Pingentes longos como lanças pendiam das ameias e orlavam as torres como as rígidas suíças brancas de um velho. Mas no interior do bosque sagrado, o chão mantinha-se livre de gelo, e vapor erguia-se das lagoas de água quente, tépido como o hálito de um bebé.

A noiva estava vestida de branco e cinzento, as cores que a verdadeira Arya teria usado se tivesse vivido o suficiente para casar. Theon usava negro e dourado, e o seu manto estava-lhe preso ao ombro por uma toscala gigante de ferro que um ferreiro lhe fizera em Vila Acidentada. Mas, sob o capuz, o cabelo estava branco e fino e a pele tinha o tom acinzentado da de um velho. *Finalmente um Stark,* pensou. De braços dados, ele e a noiva passaram por uma porta arqueada de pedra, enquanto farrapos de névoa se agitavam em volta das suas pernas. O tambor era trémulo como um coração de donzela, as flautas agudas, doces e chamativas. Por cima das copas das árvores, um crescente de Lua flutuava num céu escuro, semiobscurecido pela névoa, como um olho a espreitar através de um véu de seda.

O bosque sagrado não era estranho a Theon Greyjoy. Tinha brincado ali em rapaz, fazendo saltar pedras na fria lagoa negra à sombra do represeiro, escondendo os seus tesouros no tronco de um antigo carvalho, caçando esquilos com um arco que fora ele próprio a fazer. Mais tarde, mais velho, ensopara as nódoas negras nas nascentes quentes depois de muitas sessões no pátio com Robb, Jory e Jon Snow. Entre aqueles castanheiros, ulmeiros e pinheiros marciais descobrira lugares secretos onde podia esconder-se quando desejava ficar sozinho. A primeira vez que beijara uma rapariga

fora ali. Mais tarde, outra rapariga fizera dele um homem em cima de uma colcha esfarrapada à sombra daquela grande sentinela verde-acinzentada.

Nunca vira o bosque sagrado assim, porém; cinzento e fantasmagórico, cheio de névoas mornas e luzes flutuantes e vozes murmuradas que pareciam vir de todo o lado e de lugar algum. Por baixo das árvores, as nascentes quentes fumegavam. Vapores quentes erguiam-se da terra, amortalhando as árvores no seu hálito húmido, subindo pelas paredes para irem fechar cortinas cinzentas nas janelas que as observavam.

Havia uma espécie de caminho, um carreiro sinuoso de pedras rachadas cobertas de musgo, meio enterrado debaixo de terra soprada pelo vento e folhas caídas, e tornado traiçoeiro por grossas raízes castanhas que empurravam de baixo. Levou a noiva ao longo desse carreiro. *Jeyne, o nome dela é Jeyne, combina com mágoa.* Mas não podia pensar aquilo. Se esse nome lhe cruzasse os lábios, isso poderia custar-lhe um dedo, ou uma orelha. Caminhou lentamente, com cautela em cada passo. Os dedos que lhe faltavam nos pés faziam-no mancar quando se apressava, e não seria bom tropeçar. Se estragasse o casamento do Lorde Ramsay com um passo em falso, o Lorde Ramsay poderia retificar essa falta de jeito esfolando o pé culpado.

As névoas eram tão densas que só as árvores mais próximas estavam visíveis; atrás delas erguiam-se sombras altas e luzes ténues. Velas tremeluziam ao lado do caminho errante e recuavam por entre as árvores, pálidos pirilampos que flutuavam numa sopa morna e cinzenta. Parecia uma espécie de estranho submundo, um qualquer lugar sem tempo entre os mundos por onde os danados vagueassem funebremente durante algum tempo até encontrarem o caminho para o inferno que os seus pecados lhes haviam garantido. *Quererá dizer que estamos todos mortos? Terá Stannis chegado e ter-nos-á matado enquanto dormíamos? Estará a batalha ainda por chegar, ou terá sido já travada e perdida?*

Aqui e ali, um archote ardia, faminto, derramando o seu brilho avermelhado pelas caras dos convidados do casamento. O modo como as névoas refletiam a luz mutável fazia com que os rostos parecessem animais, semi-humanos, retorcidos. O Lorde Stout transformara-se num mastim, o velho Lorde Locke num abutre, o Terror-das-Rameiras Umber numa gárgula, o Walder Grande Frey numa raposa, o Walder Pequeno num touro vermelho, faltando-lhe apenas uma argola para o nariz. A cara de Roose Bolton era uma máscara cinzenta clara, com duas lascas de gelo sujo onde os olhos deviam estar. Por cima das cabeças, as árvores estavam cheias de corvos, de penas eriçadas enquanto se acoravam em ramos despidos e castanhos, fitando as cerimónias que se desenrolavam lá em baixo. *As aves do Mestre Luwin.* Luwin estava morto, e a sua torre de mestre fora passada

pelo archote, mas os corvos permaneciam. *Este é o seu lar.* Theon perguntou a si próprio como seria ter um lar.

Então as névoas abriram-se, como a cortina que corria num espetáculo de saltimbancos para revelar um novo palco. A árvore coração apareceu à frente deles, com os ramos ossudos muito abertos. Folhas caídas jaziam em volta do largo tronco branco, em montes de vermelho e castanho. Era aí que os corvos eram em maior número, resmungando uns com os outros na língua secreta do bando. Ramsay Bolton estava por baixo das aves, trazendo botas de cano alto de couro mole e cinzento e um gibão de veludo negro cortado de seda rosa e que cintilava com lágrimas de granada. Um sorriso dançava-lhe na cara.

— Quem vem lá? — Os seus lábios estavam húmidos, o pescoço cinzento por cima do colarinho. — Quem vem apresentar-se ao deus?

Theon respondeu.

— É Arya da Casa Stark quem aqui vem para ser casada. Uma mulher feita e florescida, de nascimento legítimo e nobre, vem suplicar a bênção dos deuses. Quem vem reclamá-la?

— Eu — disse Ramsay. — Ramsay da Casa Bolton, Senhor de Boscorno, herdeiro do Forte do Pavor. Reclamo-a. Quem a entrega?

— Theon da Casa Greyjoy, que foi protegido do seu pai. — Virou-se para a noiva. — Senhora Arya, aceitais este homem?

Ela ergueu os olhos para os seus. *Olhos castanhos, não cinzentos. Serão todos eles assim tão cegos?* Durante um longo momento a rapariga não falou, mas aqueles olhos suplicavam. *É esta a tua oportunidade,* pensou. *Diz-lhes. Diz-lhes agora. Grita o teu nome perante todos, diz-lhes que não és Arya Stark, deixa que todo o Norte ouça como foste obrigada a desempenhar este papel.* Isso significaria a sua morte, claro, e a dele também, mas Ramsay, na sua fúria, talvez os matasse depressa. Os velhos deuses do Norte poderiam conceder-lhes essa pequena mercê.

— Aceito este homem — disse a noiva, num murmúrio.

A toda a volta deles, luzes tremeluziram por entre as névoas; uma centena de velas, pálidas como estrelas amortalhadas. Theon recuou, e Ramsay e a noiva juntaram as mãos e ajoelharam perante a árvore coração, baixando as cabeças em sinal de submissão. Os rubros olhos esculpido do represeiro fitaram-nos, com a sua grande boca vermelha aberta como que para soltar uma gargalhada. Nos ramos, mais acima, um corvo soltou um *cuorc*.

Após um momento de oração silenciosa, o homem e a mulher voltaram a levantar-se. Ramsay despreendeu o manto que Theon pusera aos ombros da noiva momentos antes, o pesado manto de lã branca debruado com pele cinzenta e decorado com o lobo gigante da Casa Stark. No seu lugar

prende um manto cor-de-rosa salpicado de granadas vermelhas como as que tinha no gibão. Nas costas do manto via-se o homem esfolado do Forte do Pavor, feito de rígido couro vermelho, sombrio e macabro.

E foi assim de repente que ficou feito. Os casamentos eram mais rápidos no Norte. Theon supunha que isso provinha de não terem sacerdotes, mas fosse qual fosse a razão pareceu-lhe uma misericórdia. Ramsay Bolton pôs a mulher ao colo e atravessou com ela as névoas a passos largos. O Lorde Bolton e a sua Senhora Walda seguiram-nos, e os outros foram atrás. Os músicos recomeçaram a tocar, e o bardo Abel pôs-se a cantar “Dois Corações que Batem Como um Só.” Duas das suas mulheres juntaram as vozes à dele para criar uma doce harmonia.

Theon deu por si a pensar se deveria fazer uma prece. *Ouvir-me-ão os deuses antigos se o fizer?* Não eram os seus deuses, nunca tinham sido os seus deuses. Ele era nascido no ferro, um filho de Pyke, o seu deus era o Deus Afogado das ilhas... mas Winterfell ficava a longas léguas do mar. Passara-se uma vida desde que algum deus o ouvira. Não sabia quem era, ou o que era, porque continuava vivo, para que nascera, até.

— Theon — pareceu sussurrar uma voz.

Ergueu a cabeça num movimento brusco.

— Quem disse isso? — Nada conseguia ver além das árvores e do nevoeiro que as cobria. A voz fora ténue como o roçar de folhas, fria como o ódio. *Uma voz de deus, ou de fantasma.* Quantos tinham morrido no dia em que tomara Winterfell? Quantos mais no dia em que perdera o castelo? *No dia em que Theon Greyjoy morreu, para renascer como Cheirete. Cheirete, Cheirete, rima com falsete.*

De súbito deixou de querer estar ali.

Depois de sair do bosque sagrado, o frio desceu sobre ele como um lobo voraz e agarrou-o com os dentes. Baixou a cabeça contra o vento e dirigiu-se para o Grande Salão, apressando-se a seguir a longa fila de velas e archotes. Gelo rangia sob as botas, e uma súbita rajada empurrou-lhe o capuz para trás, como se um fantasma o tivesse puxado com dedos gelados, faminto por lhe fitar a cara.

Winterfell estava cheio de fantasmas para Theon Greyjoy.

Aquele não era o castelo que recordava do verão da juventude. Aquele lugar estava marcado e quebrado, mais ruína do que reduto, um antro de corvos e cadáveres. A grande muralha exterior dupla ainda estava em pé, pois o granito não cede facilmente ao fogo, mas a maior parte das torres e edifícios no interior estavam sem telhados. Alguns desses edifícios tinham ruído. O colmo e a madeira tinham sido consumidos pelo fogo, no todo ou em parte, e sob as vidraças estilhaçadas do Jardim de Vidro os frutos e legumes que teriam alimentado o castelo durante o inverno estavam mor-

tos, negros e congelados. Tendas enchiam o pátio, meio enterradas na neve. Roose Bolton trouxera a sua hoste para o interior das muralhas, juntamente com os seus amigos, os Frey; eram milhares os que se aninhavam entre as ruínas, enchendo todos os pátios, dormindo em adegas e sob torres sem cobertura, e em edifícios que estavam abandonados há séculos.

Colunas de fumo cinzento serpenteavam das cozinhas reconstruídas e da fortaleza das casernas, cujo telhado fora recuperado. As ameias e as seteiras estavam coroadas de neve e decoradas com pingentes de gelo. Toda a cor fora sugada de Winterfell até só restarem o cinzento e o branco. *As cores dos Stark*. Theon não sabia se devia achar isso de mau agouro ou animador. Até o céu estava cinzento. *Cinzento, cinzento e mais cinzento. O mundo inteiro cinzento, para onde quer que se olhe, tudo cinzento exceto os olhos da noiva*. Os olhos da noiva eram castanhos. *Grandes e castanhos e cheios de medo*. Não estava certo que a rapariga procurasse nele salvação. Que julgara, que ele assobiaria para chamar um cavalo alado e a levaria dali a voar, como um qualquer herói das histórias que ela e Sansa adoravam? Nem a si próprio conseguia ajudar. *Cheirete, Cheirete, rima com tapete*.

Por todo o lado, no pátio, mortos pendiam meio congelados da ponta de cordas de cânhamo, com as caras inchadas brancas de geada. Winterfell estivera repleto de habitantes ilegítimos quando a vanguarda de Bolton chegara ao castelo. Mais de duas dúzias tinham sido tiradas à força dos ninhos que tinham feito por entre as torres e fortalezas semiarruinadas. Os mais ousados e truculentos tinham sido enforcados, os outros postos a trabalhar. Lorde Bolton dissera-lhes que, se servissem bem, seria misericordioso. Havia fartura de pedra e madeira com a mata de lobos tão próxima. Novos portões robustos tinham sido erguidos primeiro, para substituir os que haviam sido queimados. Depois, o telhado caído do Grande Salão fora removido e um novo construído à pressa no seu lugar. Depois do trabalho concluído, Lorde Bolton enforcara os trabalhadores. Fiel à palavra dada, mostrara misericórdia para com eles e não esfolara nem um.

Por essa altura, o resto do exército dos Bolton chegara. Içaram o veado e leão do Rei Tommen por cima das muralhas de Winterfell enquanto o vento uivava de norte, e por baixo içaram o homem esfolado do Forte do Pavor. Theon chegara na coluna de Barbrey Dustin, com sua senhoria, os seus recrutas de Vila Acidentada e a futura noiva. A Senhora Dustin insistira que devia ser sua a guarda da Senhora Arya até ao momento em que se casasse, mas agora esse tempo chegara ao fim. *Ela agora pertence a Ramsay. Proferiu as palavras*. Através daquele casamento, Ramsay seria Senhor de Winterfell. Enquanto Jeyne tivesse o cuidado de não o enfurecer, ele não devia ter motivo para lhe fazer mal. *Arya. O nome dela é Arya*.

Mesmo dentro de luvas forradas de peles, as mãos de Theon tinham começado a latejar de dor. Eram frequentemente as mãos que mais lhe doíam, em especial os dedos que lhe faltavam. Teria realmente havido uma altura em que mulheres ansiavam pelo seu toque? *Fiz de mim Príncipe de Winterfell*, pensou, *e foi daí que veio tudo isto*. Julgara que os homens cantariam sobre ele durante cem anos, e que contariam histórias sobre a sua ousadia. Mas se alguém falava dele agora era como Theon Vira-Mantos, e as histórias que contavam referiam-se à sua traição. *Isto nunca foi o meu lar. Eu aqui fui um refém*. Lorde Stark não o tratara com crueldade, mas a longa sombra de aço da sua espada sempre estivera entre ambos. *Ele foi bom para mim, mas nunca foi caloroso. Sabia que um dia podia ter de me condenar à morte*.

Theon manteve os olhos no chão enquanto atravessava o pátio, ziguezagueando entre as tendas. *Aprendi a combater neste pátio*, pensou, lembrando-se de dias quentes de verão passados à espadeirada com Robb e Jon Snow sob os olhos vigilantes do velho Sor Rodrik. Isso acontecera quando estava completo, quando podia agarrar no cabo de uma espada tão bem como qualquer homem. Mas o pátio também continha memórias mais sombrias. Fora ali que reunira o povo dos Stark na noite em que Bran e Rickon tinham fugido do castelo. Ramsay era então o Cheirete, a seu lado, a sugerir-lhe em sussurros que devia esfolar alguns dos cativos para os obrigar a dizer-lhe para onde os rapazes tinham ido. *Não haverá aqui esfolamentos enquanto eu for Príncipe de Winterfell*, respondera Theon, mal sonhando quão curto se revelaria o seu domínio. *Nenhum deles quis ajudar-me. Conheci-os a todos durante metade da minha vida, e nem um deles quis ajudar-me*. Mesmo assim, fizera o que pudera para os proteger, mas depois de Ramsay pôr de lado a cara de Cheirete, matara todos os homens e os nascidos no ferro de Theon também. *Incendiou-me o cavalo*. Fora essa a última coisa que vira no dia em que o castelo caíra: o Sorridente a arder, as chamas a saltar-lhe da crina enquanto se empinava, escoiceando, gritando, de olhos brancos de terror. *Aqui, precisamente neste pátio*.

As portas do Grande Salão ergueram-se na sua frente; acabadas de fazer, para substituir as que tinham ardido, pareceram-lhe toscas e feias, tábuas em bruto unidas à pressa. Um par de lanceiros guardava-as, encurvados e a tremer sob espessos mantos de peles, com as barbas cobertas de gelo. Olharam Theon com ressentimento quando este coxeou pela escada acima, empurrou a porta da direita e deslizou para dentro.

O salão estava abençoadamente quente e brilhante com luz de archotes, e nunca o vira mais repleto de gente. Theon deixou-se inundar pelo calor, após o que se dirigiu para a parte dianteira do salão. Homens sentavam-se muito juntos nos bancos, tão apertados que os servidores tinham

de se contorcer para passar entre eles. Até os cavaleiros e senhores acima do sal beneficiavam de menos espaço do que era habitual.

Lá em cima, perto do estrado, Abel estava a dedilhar o alaúde e a cantar “Belas Donzelas do Verão.” *Chama a si próprio bardo. A verdade é que é mais proxeneta que bardo.* O Lorde Manderly trouxera músicos de Porto Branco, mas nenhum era cantor, de modo que quando Abel aparecera aos portões com um alaúde e seis mulheres, fora bem recebido.

— Duas irmãs, duas filhas, uma esposa e a minha velha mãe — afirmou o cantor, embora nem uma se parecesse com ele. — Algumas dançam, algumas cantam, uma toca flauta e um tambor. Também são boas lavadeiras.

Bardo ou proxeneta, a voz de Abel era razoável, e tocava decentemente. Ali, entre as ruínas, ninguém esperava mais.

Ao longo das paredes pendiam os estandartes: as cabeças de cavalo dos Ryswell em ouro, castanho, cinzento e negro, o gigante rugidor da Casa Umber, a mão de pedra da Casa Flint do Dedo de Pederneira, o alce de Boscorno e o tritão de Manderly, o machado de batalha negro de Cerwyn e os pinheiros de Tallhart. Mas as suas cores brilhantes não conseguiam cobrir por completo as paredes enegrecidas que se estendiam por trás, nem as tábuas que fechavam os buracos onde em tempos tinham estado janelas. Mesmo o telhado estava errado, com os seus novos madeiros em bruto, claros e brilhantes, onde as velhas vigas tinham estado, manchadas quase até ficarem negras por séculos de fumo.

Os maiores estandartes encontravam-se por trás do estrado, onde o lobo gigante de Winterfell e o homem esfolado do Forte do Pavor pendiam por trás da noiva e do noivo. Ver o estandarte dos Stark atingiu Theon com mais força do que esperara. *Errado, é errado, tão errado como os olhos dela.* As armas da Casa Poole eram um prato azul em fundo branco enquadrado por uma bordadura cinzenta. Eram essas as armas que deviam ter pendurado.

— Theon Vira-Mantos — disse alguém quando ele passou. Outros homens viraram as caras ao vê-lo. Um cuspiu. *E porque não?* Ele era o traidor que tomara Winterfell à traição, que matara os irmãos adotivos, que entregara a sua própria gente para ser esfolada em Fosso Cailin, e que entregara a irmã adotiva na cama do Lorde Ramsay. Roose Bolton podia usá-lo, mas os verdadeiros nortenhos deviam desprezá-lo.

Os dedos em falta no pé esquerdo tinham-no deixado com um passo complicado e desajeitado, cómico de se ver. Ouviu uma mulher rir-se atrás de si. Mesmo ali, no cemitério meio congelado que era aquele castelo, rodeado de neve, gelo e morte, havia mulheres. *Lavadeiras.* Essa era a maneira bem educada de dizer *seguidora de acampamentos*, e esta era a forma bem educada de dizer *rameira*.

De onde elas vinham, Theon não saberia dizer. Pareciam simplesmente aparecer, como larvas num cadáver ou corvos após uma batalha. Todos os exércitos as atraíam. Algumas eram rameiras endurecidas capazes de foder vinte homens numa noite e beber com eles até os deixarem a todos cegos. Outras pareciam inocentes como donzelas, mas esse era só um truque do ofício. Algumas eram noivas de acampamento, ligadas aos soldados que seguiam por palavras murmuradas a um ou a outro deus, mas condenadas a serem esquecidas quando a guerra terminasse. Aqueciam a cama de um homem à noite, remendavam os buracos nas suas botas de manhã, cozinhavam-lhe o jantar ao chegar o crepúsculo, e pilhavam o seu cadáver após a batalha. Algumas até lavavam um pouco. Com elas costumavam vir filhos bastardos, criaturas imundas e desgraçadas nascidas num acampamento ou noutra. E mesmo gente como esta troçava de Theon Vira-Mantos. *Elas que riam*. O seu orgulho perecera ali em Winterfell; não havia lugar para tal coisa nas masmorras do Forte do Pavor. Depois de se conhecer o beijo de uma faca de esfolar, uma gargalhada perde todo o poder para nos ferir.

O nascimento e o sangue conferiam-lhe um lugar no estrado, na ponta da mesa elevada, junto a uma parede. À sua esquerda estava sentada a Senhora Dustin, como sempre vestida de lã negra, severa no corte e sem adornos. À sua direita não se sentava ninguém. *Têm todos medo que a desonra se lhes transmita*. Se se atrevesse, ter-se-ia rido.

A noiva tinha o lugar mais honroso, entre Ramsay e o pai. Estava sentada com os olhos baixos enquanto Roose Bolton lhes pedia para beber à Senhora Arya.

— Nos seus filhos, as nossas duas casas antigas tornar-se-ão uma só — disse — e a longa inimizade entre Stark e Bolton chegará ao fim. — A voz dele era tão baixa que o salão se silenciou quando os homens se esforçaram para ouvir. — Lamento que o nosso bom amigo Stannis ainda não tenha achado por bem vir juntar-se-nos — prosseguiu, perante uma ondulação de risos — porque sei que Ramsay tinha a esperança de oferecer a cabeça dele à Senhora Arya como presente de casamento. — As gargalhadas tornaram-se mais ruidosas. — Dar-lhe-emos umas magníficas boas-vindas quando chegar, umas boas-vindas dignas de verdadeiros nortenhos. Até esse dia, comamos e bebamos e festejemos... pois o inverno está quase em cima de nós, meus amigos, e muitos dos que estão aqui presentes não sobreviverão para ver a primavera.

O Senhor de Porto Branco fornecera a comida e a bebida, forte cerveja preta, cerveja loura e vinhos tinto, dourado e purpúreo, trazidos do morno sul em navios de casco largo e envelhecido nas suas profundas caves. Os convidados do casamento empanturraram-se com pastéis de bacalhau

e abóbora, montanhas de nabos e grandes rodelas redondas de queijo, com fumegantes peças de carneiro e costelas de vaca assadas quase até ficarem pretas e, por fim, com três grandes empadões nupciais, grandes como rodas de carroça, cujas crostas folhadas estavam recheadas até rebentar com cenouras, cebolas, nabos, cherovias, cogumelos e bocados de porco condimentado a nadar num saboroso molho castanho. Ramsay cortou fatias com a cimitarra, enquanto o próprio Wyman Manderly servia, apresentando as primeiras doses fumegantes a Roose Bolton e à sua gorda esposa Frey, e as seguintes a Sor Hosteen e a Sor Aenys, os filhos de Walder Frey.

— O melhor empadão que alguma vez provastes, senhores — declarou o gordo lorde. — Empurrai-o para baixo com dourado da Árvore e saboreai cada dentada. Eu sei que será o que farei.

Fiel à palavra dada, Manderly devorou seis doses, duas de cada um dos três empadões, fazendo estalar os lábios, dando palmadas na barriga e empanturrando-se até deixar a parte da frente da túnica meio castanha com nódoas de molho e a barba salpicada de migalhas de crosta. Nem mesmo a Walda Gorda Frey conseguiu igualar a sua glotonaria, embora lograsse dar conta de três fatias. Ramsay também comeu com gosto, embora a sua pálida noiva não fizesse nada além de fitar a dose posta na sua frente. Quando levantou a cabeça e olhou para Theon, este viu o medo por trás dos grandes olhos castanhos.

Nenhuma espada fora autorizada no salão, mas todos os homens tinham um punhal, mesmo Theon Greyjoy. De que outra forma cortaria a carne? De todas as vezes que olhava para a rapariga que fora Jeyne Poole, sentia a presença desse aço no flanco. *Não tenho maneira de a salvar, pensou, mas conseguiria matá-la com bastante facilidade. Ninguém o esperaria. Podia suplicar-lhe a honra de uma dança, e cortar-lhe a garganta. Isso seria uma bondade, não seria? E se os deuses antigos ouvirem a minha prece, Ramsay na sua fúria pode matar-me também.* Theon não tinha medo de morrer. Por baixo do Forte do Pavor, aprendera que havia coisas muito piores do que a morte. Ramsay ensinara-lhe essa lição, dedo a dedo, das mãos e dos pés, e não era lição que alguma vez esqueceria.

— Não estais a comer — observou a Senhora Dustin.

— Pois não. — Comer era-lhe difícil. Ramsay deixara-lhe tantos dentes quebrados que mastigar era uma agonia. Beber era mais fácil, embora tivesse de agarrar na taça de vinho com ambas as mãos para não a deixar cair.

— Não gostais de empadão de porco, senhor? O melhor empadão de porco que alguma vez provámos, segundo o que o nosso gordo amigo nos quer levar a crer. — Fez um gesto na direção do Lorde Manderly com a taça de vinho. — Alguma vez vistes um gordo tão feliz? Está quase a dançar. A servir com as próprias mãos.

Era verdade. O Senhor de Porto Branco era a imagem perfeita do gordo alegre, a rir e a sorrir, a gracejar com os outros senhores e a dar-lhes palmadas nas costas, gritando aos músicos para pedir esta ou aquela melodia.

— Oferece-nos “A Noite Que Terminou,” cantor — berrou. — Eu sei que a noiva vai gostar dessa. Ou então canta sobre o bravo e jovem Danny Flint e faz-nos chorar. — Olhando-o, poderia julgar-se que era ele o recém-casado.

— Está bêbado — disse Theon.

— Está a afogar os medos. Aquele é cobarde até ao osso.

Seria? Theon não tinha certeza. Os filhos também tinham sido gordos, mas não se haviam envergonhado em batalha.

— Os nascidos no ferro também festejam antes de uma batalha. Um último sabor de vida, para o caso de a morte estar à espreita. Se Stannis vier...

— Virá. Tem de vir. — A Senhora Dustin soltou um risinho. — E quando vier, o gordo vai mijar-se. O filho morreu no Casamento Vermelho, e no entanto ele partilhou o pão e o sal com Freys, deu-lhes as boas-vindas sob o seu teto, prometeu a neta a um. Até lhes serve empadão. Os Manderly fugiram em tempos do sul, corridos das suas terras e fortalezas por inimigos. O sangue não mente. O gordo gostaria de nos matar a todos, não duvido, mas não tem estômago para isso, apesar de toda a sua largura. Debaixo daquela pele suada bate um coração tão cobarde e acanhado como... bem... o vosso.

A última palavra fora uma chicotada, mas Theon não se atreveu a dar-lhe uma resposta torta. Qualquer insolência custar-lhe-ia pele.

— Se a senhora crê que o Lorde Manderly quer trair-nos, é ao Lorde Bolton que deveis dizê-lo.

— Achais que Roose não sabe? Rapazinho pateta. Observai-o. Observai como ele fita Manderly. Nenhum prato toca os lábios de Roose até que ele veja o Lorde Wyman comer dele primeiro. Nenhuma taça de vinho é bebida até que veja Manderly beber da mesma pipa. Acho que lhe agradaria que o gordo tentasse alguma traição. Diverti-lo-ia. Roose não tem sentimentos, entendeis? Aquelas sanguessugas de que tanto gosta sugaram dele todas as paixões há anos. Não ama, não odeia, não chora. Isto para ele é um jogo, levemente divertido. Alguns homens caçam, outros fazem falcoaria, outros atiram dados. Roose joga com homens. Vós e eu, aqueles Frey, o Lorde Manderly, a rechonchuda esposa nova que tem, até o bastardo, não passamos das suas peças. — Um criado estava a passar. A Senhora Dustin estendeu a taça de vinho e deixou que o homem a enchesse, após o que ordenou com um gesto que fizesse o mesmo a Theon. — Em boa verdade

— disse — o Lorde Bolton aspira a mais do que uma mera senhoria. Porque não Rei do Norte? Tywin Lannister está morto, o Regicida está mutilado, o Duende fugiu. Os Lannister são uma força gasta, e vós fizestes a bondade de o livrar dos Stark. O velho Walder Frey não levantará objeções a ter a sua gorda Waldinha transformada numa rainha. Porto Branco pode revelar-se problemático caso o Lorde Wyman sobreviva à batalha que se aproxima... mas estou bastante certa de que não sobreviverá. Tal como Stannis. Roose tirá-los-á a ambos do caminho, tal como tirou o Jovem Lobo. Quem resta?

— Vós — disse Theon. — Restais vós. A Senhora de Vila Acidentada, uma Dustin pelo casamento, uma Ryswell pelo nascimento.

Aquilo agradou-lhe. Bebeu um gole de vinho, com os olhos escuros a cintilar, e disse:

— A *viúva* de Vila Acidentada... e sim, se me decidisse a isso podia ser uma inconveniência. Claro, Roose também o vê, portanto trata de me conservar dócil.

Podia ter dito mais, mas nesse momento viu os mestres. Tinham entrado três pela porta do senhor atrás do estrado; um alto, um rechonchudo, um muito jovem mas, pelas vestes e correntes, eram três ervilhas cinzentas saídas de uma vagem negra. Antes da guerra, Medrick servira o Lorde Hornwood, Rhodry o Lorde Cerwyn, e o jovem Henly o Lorde Slate. Roose Bolton trouxera-os a todos para Winterfell a fim de se encarregarem dos corvos de Luwin, para que mensagens pudessem voltar a ser enviadas e recebidas ali.

Quando o Mestre Medrick caiu sobre um joelho para murmurar ao ouvido de Bolton, a boca da Senhora Dustin torceu-se de desagradado.

— Se eu fosse rainha, a primeira coisa que faria seria matar todas aquelas ratazanas cinzentas. Correm por todo o lado, vivendo das sobras dos senhores, chiando umas com as outras, sussurrando aos ouvidos dos seus amos. Mas quem são realmente os amos e os servos? Todos os grandes senhores têm o seu mestre, todos os senhores de menor gabarito aspiram a ter um. Se não se tem um mestre, isso é visto como querendo dizer que se é de pouca importância. As ratazanas cinzentas leem e escrevem as nossas cartas, mesmo para senhores que não sabem ler, e quem poderá dizer com certeza que não estão a distorcer as palavras para os seus próprios fins? De que servem eles?, pergunto-vos.

— Curam — disse Theon. Parecia ser o que se esperava dele.

— Curam, pois. Nunca disse que não eram subtis. Tratam de nós quando estamos doentes ou feridos, ou perturbados com a doença de um pai ou de um filho. Sempre que estamos mais fracos e mais vulneráveis, lá estão eles. Às vezes curam-nos, e ficamos devidamente agradecidos. Quando falham, consolam-nos na nossa dor, e também ficamos gratos por isso.

Por gratidão, concedemos-lhes um lugar sob o nosso teto e deixamo-los ao corrente de todas as nossas vergonhas e segredos, fazemo-los participar em todos os conselhos. E não demora muito até que o governante passe a governado. Foi isso que aconteceu ao Lorde Rickard Stark. O nome da sua ratazana cinzenta era Mestre Walys. E não é inteligente o modo como os mestres respondem só pelo primeiro nome, mesmo aqueles que tinham dois quando chegaram à Cidadela? Assim, não podemos saber quem realmente são ou de onde vêm... mas se se for suficientemente decidido ainda se pode descobrir. Antes de forjar a sua corrente, o Mestre Walys era conhecido como Walys Flowers. Flowers, Hill, Rivers, Snow... damos esses nomes a crianças bastardas para as assinalar como o que são, mas elas são sempre rápidas a verem-se livres deles. Walys Flowers tinha uma rapariga de Torralta como mãe... e um arquimeistre da Cidadela como pai, segundo se dizia. As ratazanas cinzentas não são tão castas como nos gostariam de levar a crer. Os mestres de Vilavelha são os piores de todos. Depois de Walys forjar a corrente, o seu pai secreto e os amigos dele não perderam tempo a despachá-lo para Winterfell para encher os ouvidos do Lorde Rickard com palavras envenenadas doces como o mel. O casamento Tully foi ideia dele, não tenhais dúvidas, ele...

Interrompeu-se quando Roose Bolton se pôs em pé, com os olhos claros a brilhar à luz dos archotes.

— Meus amigos — começou, e um silêncio varreu o salão, tão profundo que Theon conseguiu ouvir o vento a empurrar as tábuas que tapavam as janelas. — Stannis e os seus cavaleiros abandonaram Bosque Profundo, exibindo o estandarte do seu novo deus vermelho. Os clãs dos montes nortenhos vêm com ele nos seus cavaleiros hirsutos. Se o tempo se mantiver como está, podem cair sobre nós dentro de uma quinzena. E o Papa-Corvos Umber desce a estrada de rei, enquanto os Karstark se aproximam vindos de leste. Pretendem juntar-se aqui ao Lorde Stannis e tirar-nos este castelo das mãos.

Sor Hosteen Frey pôs-se em pé com ímpeto.

— Devíamos avançar ao seu encontro. Porque haveremos de deixar que combinem as forças?

Porque Arnolf Karstark só espera um sinal do Lorde Bolton para virar o manto, pensou Theon, enquanto outros senhores começavam a gritar conselhos. O Lorde Bolton ergueu as mãos pedindo silêncio.

— O salão não é o lugar para tais discussões, senhores. Vamos até ao aposento privado enquanto o meu filho consuma este casamento. Os restantes de vós, ficai e desfrutai da comida e da bebida.

Enquanto o Senhor do Forte do Pavor se retirava, acompanhado pelos três mestres, outros senhores e capitães levantaram-se para o seguirem.

Hother Umber, o velho descarnado a que chamavam Terror-das-Rameiras, foi de rosto sombrio e cenho franzido. O Lorde Manderly estava tão bêbado que precisou de quatro homens fortes para o ajudarem a sair do salão.

— Devíamos ouvir uma canção sobre o Cozinheiro Ratazana — estava ele a resmungar enquanto passava por Theon a cambalear, apoiado nos seus cavaleiros. — Cantor, canta-nos uma canção sobre o Cozinheiro Ratazana.

A Senhora Dustin foi uma das últimas a mexer-se. Depois de ela se ir embora, o salão pareceu de repente abafado. Foi só quando Theon se pôs em pé que se apercebeu do muito que bebera. Quando se afastou da mesa, instável, fez voar um jarro das mãos de uma criada. Vinho derramou-se-lhe sobre as botas e as bragas, uma maré vermelha escura.

Uma mão agarrou-lhe no ombro, cinco dedos duros como ferro que se lhe enterraram profundamente na carne.

— Querem-te, Cheirete — disse o Alyn Azedo, com o hálito nauseabundo devido ao cheiro dos dentes podres. O Picha Amarela e o Damon-Dança-Para-Mim estavam com ele. — Ramsay diz que vais levar a noiva para a cama dele.

Um estremecimento de medo percorreu-o. *Eu desempenhei o meu papel*, pensou. *Porquê eu?* Mas bem sabia que não devia levantar objeções.

O Lorde Ramsay já abandonara o salão. A sua noiva, abandonada e aparentemente esquecida, mantinha-se sentada, retraída e silenciosa sob o estandarte da Casa Stark, agarrando com ambas as mãos um cálice de prata. Julgando pelo modo como olhou para ele quando se aproximou, esvaziara o cálice por mais de uma vez. Talvez esperasse que, se bebesse o suficiente, a provação a deixaria em paz. Theon sabia que não seria assim.

— Senhora Arya — disse. — Vinde. Está na altura de cumprirdes o vosso dever.

Seis dos rapazes do Bastardo acompanharam-nos quando Theon levou a rapariga pela parte de trás do salão, atravessando o gélido pátio, até à Grande Torre. Havia que subir três lanços de degraus de pedra até ao quarto do Lorde Ramsay, um dos quartos que os incêndios só tinham tocado levemente. Enquanto subiam, Damon-Dança-Para-Mim assobiava, e o Esfolador gabava-se de que o Lorde Ramsay lhe prometera um bocado do lençol ensanguentado como sinal de especial apreço.

O quarto fora bem preparado para a consumação. Toda a mobília era nova, trazida de Vila Acidentada na coluna logística. A cama de dossel tinha um colchão de penas, e cortinados de veludo vermelho de sangue. O chão de pedra estava coberto com peles de lobo. Um fogo ardia na lareira, uma vela na mesa de cabeceira. No aparador encontrava-se um jarro de vinho, duas taças e meia rodela de queijo branco raiado.

Também havia uma cadeira, esculpida em carvalho negro com um assento de couro vermelho. O Lorde Ramsay estava sentado nela quando entraram. Saliva reluzia no seu lábio.

— Aí está a minha doce donzela. Bons rapazes. Agora podeis deixar-nos. Tu não, Cheirete. Tu ficas.

Cheirete, Cheirete, rima com malandrete. Sentia câibras nos dedos que lhe faltavam; dois na mão esquerda, um na direita. E o punhal repousava-lhe à coxa, dormindo na bainha de couro, mas pesado, oh, tão pesado. *Só me desapareceu o mindinho da mão direita*, lembrou Theon a si próprio. *Ainda sou capaz de pegar numa faca.*

— Senhor. Como posso servir-vos?

— Deste-me a moça. Quem será melhor para desembrulhar o presente? Vamos dar uma olhadela à filhinha do Ned Stark.

Ela não é da família do Lorde Eddard, quase disse Theon. *Ramsay sabe, ele tem de saber, que novo jogo cruel é este?* A rapariga estava em pé ao lado da coluna da cama, a tremer como uma corça.

— Senhora Arya, se quiserdes virar-nos as costas, tenho de desatar-vos o vestido.

— Não. — O Lorde Ramsay serviu-se de uma taça de vinho. — As ataduras demoram demasiado. Corta-lho.

Theon puxou pelo punhal. *Tudo o que tenho de fazer é virar-me e apunhalá-lo. Tenho a faca na mão.* Nessa altura compreendeu o jogo. *Outra armadilha*, disse a si próprio, recordando Kyra com as suas chaves. *Ele quer que eu tente matá-lo. E quando falhar, arranca-me a pele da mão que usei para manejar a lâmina.* Agarrou num bocado da saia da noiva.

— Ficai quieta, senhora. — O vestido estava largo abaixo da cintura, portanto foi aí que enfiou a lâmina, cortando lentamente para cima a fim de não a golpear. Aço sussurrou através de lã e seda com um som ténue e suave. A rapariga tremia. Theon teve de a agarrar por um braço para a manter quieta. *Jeyne, Jeyne, combina com dor.* Agarrou com mais força, tanta quanta a sua mutilada mão esquerda permitia. — Ficai quieta.

Por fim, o vestido cedeu, um pálido emaranhado em volta dos pés dela.

— A roupa de baixo também — ordenou Ramsay. O Cheirete obedeceu.

Quando terminou, a noiva ficou nua, com os enfeites nupciais transformados numa pilha de trapos brancos e cinzentos em volta dos seus pés. Tinha os seios pequenos e pontiagudos, as ancas estreitas como as de uma rapariguinha, as pernas tão magras como as de uma ave. *Uma criança.* Theon esquecera-se de como ela era nova. *Da idade de Sansa. Arya seria ainda mais nova.* Apesar do fogo na lareira, o quarto estava gelado. A pálida pele

de Jeyne estava transformada em pele de galinha. Houve um momento em que as mãos dela se elevaram, como que para cobrir os seios, mas Theon fez com a boca um *não* silencioso e ela viu e parou de imediato.

— Que achas dela, Cheirete? — perguntou o Lorde Ramsay.

— Ela... — *Que resposta quer ele?* Que dissera a rapariga, antes do bosque sagrado? *Todos diziam que eu era bonita.* Agora não era bonita. Theon via uma teia de aranha de ténues vincos estreitos nas suas costas, onde alguém a chicoteara. — ... ela é bela, tão... tão bela.

Ramsay sorriu o seu sorriso húmido.

— Ela entesa-te a picha, Cheirete? Está a fazer força contra as ataduras? Gostavas de a foder primeiro? — Riu-se. — O Príncipe de Winterfell devia ter esse direito, como todos os senhores tinham nos dias de antanho. A primeira noite. Mas tu não és senhor nenhum, pois não? Só o Cheirete. Nem sequer és um homem, em boa verdade. — Bebeu outro gole de vinho, depois atirou a taça para o outro lado do quarto, fazendo-a estilhaçar-se numa parede. Rios vermelhos correram pela pedra. — Senhora Arya. Mete-te na cama. Sim, contra as almofadas, assim é que é uma boa esposa. Agora abre as pernas. Deixa-nos ver-te a cona.

A rapariga obedeceu, sem palavras. Theon deu um passo para trás na direção da porta. O Lorde Ramsay sentou-se ao lado da sua noiva, fez-lhe deslizar a mão pela parte de dentro da coxa, depois enfiou dois dedos dentro dela. A rapariga soltou um arquejo de dor.

— Estás seca como osso velho. — Ramsay libertou a mão e esbofetou-lhe a cara. — Disseram-me que sabias como agradecer a um homem. Foi mentira?

— N-não, senhor. Eu fui t-treinada.

Ramsay levantou-se, com a luz do fogo a brilhar-lhe na cara.

— Cheirete, anda cá. Põe-na pronta para mim.

Por um momento, não compreendeu.

— Eu... quereis dizer... s'nhor, eu não tenho... eu...

— Com a boca — disse o Lorde Ramsay. — E despacha-te. Se ela não estiver húmida quando eu acabar de me despir, corto-te essa tua língua e prego-a à parede.

Algures no bosque sagrado um corvo gritou. O punhal continuava na sua mão.

Embainhou-o.

Cheirete, o meu nome é Cheirete, rima com joguete.

O Cheirete dobrou-se para desempenhar a sua tarefa.

O VIGIA

— Examinemos essa cabeça — ordenou o seu príncipe.

Areo Hotah fez correr a mão pelo cabo liso do machado, a sua esposa de freixo e ferro, não deixando nunca de observar. Observava o cavaleiro branco, Sor Balon Swann, e os outros que tinham vindo com ele. Observava as Serpentes de Areia, cada uma sentada na sua mesa. Observava os senhores e as senhoras, os criados, o velho senescal cego e o jovem meistre, Myles, com a barba sedosa e sorriso servil. Em pé, metade iluminado e metade nas sombras, via-os a todos. *Serve. Protege. Obedece.* Era essa a sua tarefa.

Todos os outros só tinham olhos para a arca. Fora esculpida em ébano, com fechadura e dobradiças de prata. Uma caixa com bom aspeto, sem dúvida, mas muitos dos que ali estavam reunidos no Velho Palácio de Lançassolar podiam estar mortos em breve, dependendo do que se encontrava naquela arca.

Fazendo murmurar os chinelos contra o chão, o Meistre Caleotte atravessou o salão até junto de Sor Balon Swann. O homenzinho redondo tinha um magnífico aspeto nas suas vestes novas, com as faixas largas de castanho claro e escuro e estreitas riscas vermelhas. Fazendo uma vénia, tirou a arca das mãos do cavaleiro branco e levou-a para o estrado, onde Doran Martell estava sentado na sua cadeira de rodas entre a filha Arianne e a querida amante do irmão morto, Ellaria. Uma centena de velas odoríferas perfumava o ar. Pedras preciosas cintilavam nos dedos dos senhores, e nos cintos e redes para o cabelo das senhoras. Areo Hotah polira o seu lorigão de escamas de cobre até as deixar cintilantes como espelhos, para também ele brilhar à luz das velas.

Um silêncio caíra no salão. *Dorne sustém a respiração.* O Meistre Caleotte pousou a caixa no chão junto à cadeira do Príncipe Doran. Os dedos do meistre, normalmente tão seguros e hábeis, tornaram-se desastrados ao manusear o trinco e abrir a tampa, para revelar o crânio que se encontrava no interior. Hotah ouviu alguém pigarrear. Um dos gémeos Fowler murmurou qualquer coisa ao outro. Ellaria Sand fechara os olhos e estava a murmurar uma prece.

O capitão dos guardas observou que Sor Balon Swann estava tenso como um arco retesado. Aquele novo cavaleiro branco não era tão alto ou bem-parecido como o antigo, mas tinha um peito mais largo, era mais cor-

pulento, tinha os braços grossos de músculo. O manto de neve estava preso à garganta por dois cisnes num broche de prata. Um era de marfim, o outro de ónix, e a Areo Hotah parecia que os dois estavam a lutar. O homem que os usava também parecia um lutador. *Este não morrerá tão facilmente como o outro. Não arremeterá contra o meu machado como Sor Arys fez. Ficaré atrás do seu escudo e obrigar-me-á a avançar contra ele.* Se se chegasse a tanto, Hotah estaria pronto. O seu machado estava suficientemente afiado para se fazer a barba com ele.

Permitiu-se uma breve olhadela à arca. O crânio repousava numa base de feltro negro, sorrindo. Todos os crânios sorriam, mas aquele parecia mais feliz do que a maioria. *E é maior.* O capitão dos guardas nunca vira um crânio maior do que aquele. As arcadas supraciliares eram grossas e pesadas, a maxila era enorme. O osso brilhava à luz das velas, branco como o manto de Sor Balon.

— Coloca-o no pedestal — ordenou o príncipe. Tinha lágrimas a brilhar nos olhos.

O pedestal era uma coluna de mármore negro um metro mais alta do que o Mestre Caleotte. O pequeno e gordo meistre pôs-se nos bicos dos pés, mas ainda continuou sem chegar lá. Areo Hotah preparava-se para ir ajudá-lo, mas Obara Sand reagiu primeiro. Mesmo sem o chicote e o escudo, possuía um ar zangado e masculino. Em lugar de vestido, usava bragas de homem e uma túnica de linho que lhe chegava à barriga das pernas, cingida à cintura com um cinto de sóis de cobre. O cabelo castanho estava preso atrás de cabeça com um nó. Arrancando o crânio das suaves mãos rosadas do meistre, colocou-o no topo da coluna de mármore.

— A Montanha já não cavalga — disse o príncipe com gravidade.

— A sua morte foi longa e dura, Sor Balon? — perguntou Tyene Sand, no tom de voz que uma donzela poderia usar para perguntar se o seu vestido era bonito.

— Levou dias aos gritos, senhora — respondeu o cavaleiro branco, embora fosse claro que pouco lhe agradava dizê-lo. — Conseguíamos ouvi-lo por toda a Fortaleza Vermelha.

— Isso perturba-vos, sor? — perguntou a Senhora Nym. Usava um vestido de seda amarela tão fina e bem feita que a luz das velas brilhava através dele, indo revelar o ouro tecido e as joias que trazia por baixo. Tão imodesto era o seu traje que o cavaleiro branco pareceu desconfortável ao olhá-la, mas Hotah aprovou. Nymeria era menos perigosa quando estava quase nua. De outra forma, certamente teria uma dúzia de lâminas ocultas no corpo. — Sor Gregor era um bruto sangrento, todos concordam. Se algum homem mereceu sofrer, foi ele.

— Pode ser que sim, senhora — disse Balon Swann — mas Sor Gre-

gor era um cavaleiro, e um cavaleiro deve morrer de espada na mão. O veneno é uma forma má e nojenta de matar.

A Senhora Tyene sorriu ao ouvir aquilo. O seu vestido era verde e creme, com longas mangas de renda, tão modesto e inocente que qualquer homem que a olhasse poderia julgá-la a mais casta das donzelas. Areo Hotah sabia que não o era. As suas mãos suaves e pálidas eram tão mortíferas como as mãos calejadas de Obara, se não o fossem ainda mais. Observou-a com atenção, alerta a todos os pequenos tremores dos seus dedos.

O Príncipe Doran franziu o sobrolho.

— Isso é verdade, Sor Balon, mas a Senhora Nym tem razão. Se algum homem mereceu morrer aos gritos, foi Gregor Clegane. Ele assassinou a minha boa irmã, esmagou a cabeça do seu bebé contra uma parede. Só rezo para agora estar a arder nalgum inferno e para que Elia e os filhos estejam em paz. Foi esta a justiça de que Dorne tinha fome. Contenta-me ter vivido o suficiente para a saborear. Os Lannister finalmente deram provas da verdade da sua fanfarronada, e pagaram esta velha dívida de sangue.

O príncipe deixou para Ricasso, o seu senescal cego, a tarefa de se levantar e propor o brinde.

— Senhores e senhoras, bebamos agora todos a Tommen, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Senhor dos Sete Reinos.

Criados tinham começado a andar entre os convidados enquanto o senescal falava, enchendo taças dos jarros que traziam. O vinho era vinho-forte dornês, escuro como sangue e doce como a vingança. O capitão não bebeu. Nunca bebia nos banquetes. O próprio príncipe tampouco participou do brinde. Tinha o seu próprio vinho, preparado pelo Meistre Myles e bem temperado com sumo da papoila para lhe aliviar a agonia nas articulações inchadas.

O cavaleiro branco bebeu, como a cortesia obrigava. Os companheiros também. O mesmo fizeram a Princesa Arianne, a Senhora Jordayne, o Senhor de Graçadivina, o Cavaleiro de Limoeiros, a Senhora de Monte Espírito... até Ellaria Sand, a adorada amante do Príncipe Oberyn, a qual estivera com ele em Porto Real quando morrera. Hotah prestou mais atenção àqueles que não beberam: Sor Daemon Sand, o Lorde Remond Gargalen, os gémeos Fowler, Dagos Manwoody, os Uller da Toca do Inferno, os Wyl do Caminho do Espinhaço. *Se houver sarilhos, poderão começar com um deles.* Dorne era uma terra zangada e dividida, e o domínio do Príncipe Doran sobre ela não era tão firme como poderia ser. Muitos dos seus próprios senhores julgavam-no fraco, e teriam acolhido bem uma guerra aberta com os Lannister e o rei rapaz no Trono de Ferro.

Em posição destacada entre estes encontravam-se as Serpentes de

Areia, as filhas bastardas do falecido irmão do príncipe, Obery, a Víbora Vermelha, três das quais se encontravam presentes no banquete. Doran Martell era o mais sábio dos príncipes, e não cabia ao capitão dos seus guardas questionar as suas decisões, mas Areo Hotah interrogava-se sobre o motivo por que teria decidido libertar as senhoras Obara, Nymeria e Tyene das celas solitárias na Torre da Lança.

Tyene declinou o brinde de Ricasso com um murmúrio e a Senhora Nym com um gesto de mão. Obara deixou que lhe enchessem a taça até à borda, e depois virou-a ao contrário, derramando o vinho tinto no chão. Quando uma criada se ajoelhou para limpar o vinho derramado, Obara abandonou o salão. Passado um momento a Princesa Arianne desculpou-se e foi atrás dela. *Obara nunca virará a sua raiva contra a pequena princesa, pensou Hotah. São primas, e gosta muito dela.*

O banquete continuou noite dentro, presidido pelo crânio sorridente no seu pilar de mármore negro. Sete pratos foram servidos, em honra dos sete deuses e dos sete irmãos da Guarda Real. A sopa fora feita com ovos e limões, os longos pimentos verdes estavam recheados de queijo e cebolas. Houve empadões de lampreia, capões com cobertura de mel, um peixe-gato proveniente do fundo do Sangueverde que era tão grande que foram precisos quatro criados para o trazer para a mesa. Depois disso, veio um saboroso guisado de cobra, bocados de sete espécies diferentes de cobra cozinhados em lume brando com pimentos e laranjas de sangue e uma pitada de veneno para o deixar a picar bem. Hotah sabia que o guisado picava como fogo, embora não o tivesse saboreado. Seguiu-se limonada, para refrescar a língua. Como sobremesa, foi servido a cada convidado um crânio de açúcar castanho. Depois de quebrarem a crosta, foram encontrar lá dentro creme de leite com bocados de ameixa e cereja.

A Princesa Arianne regressou a tempo dos pimentos recheados. *A minha princesinha*, pensou Hotah, mas Arianne já era uma mulher. As sedas escarlates que usava não deixavam qualquer dúvida sobre o facto. Nos últimos tempos mudara também de outras maneiras. A sua conspiração para coroar Myrcella fora traída e esmagada, o seu cavaleiro branco perecera de forma sangrenta às mãos de Hotah, e ela própria fora confinada à Torre da Lança, condenada à solidão e ao silêncio. Tudo isso moderara-a. Contudo, havia mais alguma coisa, um segredo qualquer que o pai lhe confiara antes de a libertar do seu confinamento. O que seria esse segredo, o capitão não sabia.

O príncipe colocara a filha entre si e o cavaleiro branco, um lugar de grande honra. Arianne sorriu quando voltou a deslizar para o seu lugar, e murmurou qualquer coisa ao ouvido de Sor Balon. O cavaleiro não achou por bem responder. Hotah observou que o homem pouco comeu; uma co-

lher de sopa, uma dentada de pimento, a perna de um capão, um pouco de peixe. Evitou a tarte de lampreia e só provou uma pequena colherada do estufado. Mesmo isso fez com que a testa se lhe cobrisse de suor. Hotah podia solidarizar-se com ele. Quando chegara a Dorne, a comida picante dava-lhe nós nas tripas e queimava-lhe a língua. Isso fora anos antes, porém; agora o seu cabelo era branco, e era capaz de comer tudo o que um dornês comesse.

Quando os crânios de açúcar foram servidos, a boca de Sor Balon apertou-se, e ele dirigiu ao príncipe um olhar demorado para ver se estariam a troçar dele. Doran Martell não pareceu reparar, mas a filha reparou.

— É o pequeno gracejo do cozinheiro, Sor Balon — disse Arianne. — Nem mesmo a morte é sagrada para um dornês. Não ficareis zangado connosco, suponho? — Afagou com os dedos as costas da mão do cavaleiro branco. — Espero que tenhais apreciado o tempo passado em Dorne.

— Toda a gente foi muito hospitaleira, senhora.

Arianne tocou o alfinete que lhe prendia o manto, com os seus cisnes quezilentos.

— Sempre gostei de cisnes. Não há outra ave com metade da sua beleza deste lado do Mar do Verão.

— Os vossos pavões podem contestar essa ideia — disse Sor Balon.

— Pois podem — disse Arianne — mas os pavões são criaturas vaidosas e orgulhosas, que se pavoneiam por aí com todas aquelas cores garriadas. Prefiro um cisne, sereno de branco ou belo de negro.

Sor Balon fez um aceno com a cabeça e beberricou do vinho. *Este não é tão fácil de seduzir como o seu Irmão Ajuramentado foi*, pensou Hotah. *Sor Arys era um rapaz, apesar da idade que tinha. Este é um homem, e cauteloso.* Bastava ao capitão olhá-lo para ver que o cavaleiro branco estava pouco à vontade. *Este lugar é-lhe estranho e pouco do seu agrado.* Hotah conseguia compreender porquê. Dorne também a si parecera um lugar esquisito quando chegara pela primeira vez com a sua princesa, muitos anos antes. Os sacerdotes barbudos tinham-lhe ensinado o idioma comum de Westeros antes de o enviarem, mas todos os dorneses falavam depressa demais para ele compreender. As mulheres dornesas eram libidinosas, o vinho dornês era amargo, e a comida dornesa era cheia de estranhas especiarias picantes. E o sol dornês era mais quente do que o pálido e macilento sol de Norvos, olhando furioso de um céu azul, dia após dia.

A viagem de Sor Balon foram mais curta, mas o capitão sabia que fora perturbadora, à sua maneira. Três cavaleiros, oito escudeiros, vinte homens-de-armas, e uma fatura de lacaios e criados tinham-no acompanhado desde Porto Real, mas depois de atravessarem as montanhas e penetrarem em Dorne, o avanço fora abrandado por uma sucessão de banquetes, caçadas e festejos em todos os castelos por onde tinham calhado passar. E

agora que tinham chegado a Lançassolar, nem a Princesa Myrcella nem Sor Arys Oakheart se encontravam presentes para lhes dar as boas-vindas. O cavaleiro branco sabe que há algo de errado, percebeu Hotah, mas é mais do que isso. Talvez a presença das Serpentes de Areia o enervasse. Se assim era, o regresso de Obara ao salão deve ter sido vinagre no seu ferimento. Voltou ao seu lugar sem proferir palavra, e sentou-se aí, amuada e carrancuda, sem sorrir nem falar.

A meia-noite estava próxima quando o Príncipe Doran se virou para o cavaleiro branco e disse:

— Sor Balon, li a carta da nossa graciosa rainha que me trouxestes. Posso partir do princípio de que estais ao corrente do seu conteúdo, sor?

Hotah viu o cavaleiro retesar-se.

— Estou, senhor. Sua Graça informou-me de que podia ser encarregado de escoltar a sua filha de volta a Porto Real. O Rei Tommen tem ansiado pela irmã, e gostaria que a Princesa Myrcella regressasse à corte para uma curta visita.

A Princesa Arianne fez uma expressão de tristeza.

— Oh, mas ficámos todos tão amigos de Myrcella, sor. Ela e o meu irmão Trystane tornaram-se inseparáveis.

— O Príncipe Trystane também será bem-vindo em Porto Real — disse Balon Swann. — O Rei Tommen gostaria de o conhecer, com certeza. Sua Graça tem tão poucos companheiros de idades próximas da sua.

— Os vínculos formados durante a infância podem perdurar ao longo de uma vida — disse o Príncipe Doran. — Quando Trystane e Myrcella se casarem, ele e Tommen serão como irmãos. A Rainha Cersei tem razão. Os rapazes deviam conhecer-se, tornar-se amigos. Dorne sentirá a falta dele, com certeza, mas já é mais que tempo de Trystane ver algo do mundo para lá das muralhas de Lançassolar.

— Sei que Porto Real o acolherá muito calorosamente.

Porque está ele agora a suar?, perguntou a si próprio o capitão, observando. *O salão está suficientemente fresco, e ele não chegou a tocar no estufado.*

— Quanto ao outro assunto que a Rainha Cersei menciona — estava o Príncipe Doran a dizer — é verdade, o lugar de Dorne no pequeno conselho está vago desde a morte do meu irmão, e já é mais que tempo de voltar a ser preenchido. Sinto-me lisonjeado por Sua Graça sentir que o meu conselho lhe possa ser útil, embora pergunte a mim próprio se terei força para uma tal viagem. Talvez se fôssemos por mar?

— Por mar? — Sor Balon pareceu apanhado de surpresa. — Isso... seria isso seguro, meu príncipe? O outono é uma estação má para tempestades, pelo menos foi o que ouvi dizer, e... os piratas nos Degraus, eles...

— Os piratas. Com certeza. Talvez tenhais razão, sor. É mais seguro regressardes por onde viestes. — O Príncipe Doran fez um sorriso agradável. — Conversemos de novo amanhã. Quando chegarmos aos Jardins de Água, podemos dizer a Myrcella. Sei quão entusiasmada ela ficará. Também tem saudades do irmão, sem dúvida.

— Estou ansioso por voltar a vê-la — disse Sor Balon. — E por visitar os vossos Jardins de Água. Ouvi dizer que são muito belos.

— Belos e pacíficos — disse o príncipe. — Brisas frescas, águas cintilantes e os risos de crianças. Os Jardins de Água são o meu lugar preferido neste mundo, sor. Um dos meus antepassados mandou-os construir para agradar à sua noiva Targaryen, e libertá-la da poeira e do calor de Lançassolar. O nome dela era Daenerys. Era irmã do Rei Daeron, o Bom, e foi o seu casamento que transformou Dorne em parte dos Sete Reinos. Todo o reino sabia que a rapariga amava o irmão bastardo de Daeron, Daemon Blackfyre, e que era amada por ele, mas o rei foi suficientemente sábio para ver que o bem de milhares tinha de se sobrepor aos desejos de dois, mesmo quando esses dois lhe eram caros. Foi Daenerys quem encheu os jardins com crianças ridentes. A princípio os seus próprios filhos, mas mais tarde os filhos e as filhas de senhores e cavaleiros com terras foram trazidos para fazerem companhia aos rapazes e raparigas de sangue principesco. E, num dia de verão em que fazia um calor tórrido, apiedou-se dos filhos dos lacaios, dos cozinheiros e dos criados e convidou-os a usar também as piscinas e os fontanários, uma tradição que resistiu até aos dias de hoje. — O príncipe agarrou nas rodas da cadeira, e afastou-se da mesa. — Mas agora tendes de me perdoar, sor. Toda esta conversa faticou-me, e devemos partir ao nascer do dia. Obara, queres ter a gentileza de me ajudar a ir para a cama? Nymeria, Tyene, vinde também desejar ao vosso velho tio uma boa noite amiga.

E assim, coube a Obara Sand levar a cadeira do príncipe do salão de banquetes de Lançassolar, ao longo de uma longa galeria até ao seu aposento privado. Areo Hotah seguiu atrás com as irmãs dela, e também com a Princesa Arianne e Ellaria Sand. O Mestre Caleotte apressou-se a segui-los sobre pés calçados com chinelos, embalando o crânio da Montanha como se fosse uma criança.

— Não podeis pretender mandar mesmo Trystane e Myrcella para Porto Real — disse Obara enquanto empurrava. Os seus passos eram longos e zangados, muito mais rápidos do que deviam ser, e as grandes rodas de madeira da cadeira matraqueavam ruidosamente no soalho de pedra toscamente cortado. — Se fizerdes isso, nunca mais veremos a rapariga, e o vosso filho passará a vida como refém do Trono de Ferro.

— Tomas-me por um idiota, Obara? — O príncipe suspirou. — Há

muito que desconheces. Coisas que é melhor não discutir aqui, onde qualquer um as possa ouvir. Se dominares a língua, esclarecer-te-ei. — Estremeceu. — Mais *devagar*, pelo amor que tens por mim. Essa última sacudidela espetou-me uma faca mesmo no joelho.

Obara reduziu a velocidade para metade.

— Então que ireis fazer?

A irmã Tyene respondeu.

— O que faz sempre — ronronou. — Atrasar, obscurecer, tergiversar. Oh, ninguém o faz com metade da qualidade do nosso corajoso tio.

— Estás a ser injusta com ele — disse a Princesa Arianne.

— Calai-vos todas — ordenou o príncipe.

Foi só depois das portas do aposento privado estarem bem fechadas atrás do grupo que ele deu meia volta à cadeira para enfrentar as mulheres. Mesmo esse esforço o deixou sem fôlego, e a manta de Myr que lhe cobria as pernas prendeu-se entre dois raios quando descreveu a curva, de modo que teve de a agarrar para evitar que fosse rasgada. Por baixo da manta, as pernas estavam pálidas, moles, pavorosas. Ambos os joelhos se mostravam vermelhos e inchados, e os dedos dos pés estavam quase purpúreos, duas vezes maiores do que deviam estar. Areo Hotah vira-os mil vezes, e ainda achava difícil olhar para eles.

A Princesa Arianne avançou.

— Deixai que vos ajude, pai.

O príncipe libertou a manta.

— Ainda consigo dominar a minha própria manta. Pelo menos isso. — E era bem pouco. As suas pernas eram inúteis havia já três anos, mas ainda possuía alguma força nas mãos e nos ombros.

— Devo ir buscar ao meu príncipe um dedal de leite de papoila? — perguntou o Mestre Caleotte.

— Com esta dor, precisava de um balde. Obrigado, mas não. Quero os miolos em condições. Não vou precisar mais de vós esta noite.

— Muito bem, meu príncipe. — O Mestre Caleotte fez uma vénia, ainda com a cabeça de Sor Gregor nas suaves mãos rosadas.

— Eu fico com isso. — Obara Sand arrancou-lhe o crânio das mãos e segurou-o com o braço esticado. — Que aspeto tinha a Montanha? Como é que sabemos que isto é ele? Podiam ter mergulhado a cabeça em alcatrão. Porquê limpá-la até ao osso?

— O alcatrão teria estragado a caixa — sugeriu a Senhora Nym, enquanto o Mestre Caleotte se apressava a sair. — Ninguém viu a Montanha morrer, e ninguém viu a sua cabeça a ser removida. Isso perturba-me, confesso, mas que esperaria a rainha cadela alcançar enganando-nos? Se Gregor Clegane estiver vivo, mais tarde ou mais cedo a verdade virá à superfí-

cie. O homem tinha dois metros e quarenta de altura, não há outro como ele em todo o Westeros. Se alguém assim voltar a aparecer, Cersei Lannister será desmascarada como mentirosa perante todos os Sete Reinos. Seria uma completa idiota se corresse esse risco. Que poderia esperar ganhar?

— O crânio é suficientemente grande, sem dúvida — disse o príncipe. — E nós sabemos que Oberyn feriu Gregor com gravidade. Todos os relatórios que recebemos desde então afirmam que o Clegane morreu lentamente, com muitas dores.

— Tal como o pai pretendia — disse Tyene. — Irmãs, a sério, eu conheço o veneno que o pai usou. Se a sua lança chegou nem que seja a abrir a pele da Montanha, o Clegane está morto, e não interessa o tamanho que pudesse ter. Duvidai da vossa irmã mais nova o quanto quiserdes, mas nunca duvideis do nosso pai.

Obara irritou-se.

— Nunca duvidei, e nunca duvidarei. — Deu ao crânio um beijo trocista. — Isto é um começo, admito.

— Um *começo*? — disse Ellaria Sand, incrédula. — Que os deuses não o permitam. Preferia que fosse um fim. Tywin Lannister está morto. Robert Baratheon, Amory Lorch e agora Gregor Clegane também, todos aqueles que desempenharam um papel no assassinio de Elia e dos filhos. Até Joffrey, que ainda nem era nascido quando Elia morreu. Vi o rapaz falecer com os meus próprios olhos, esgatanhando a garganta enquanto tentava inspirar. Quem mais resta para matar? Será que Myrcella e Tommen precisam de morrer para que as sombras de Rhaenys e Aegon possam descansar? Onde termina?

— Termina em sangue, como começou — disse a Senhora Nym. — Termina quando o Rochedo Casterly for quebrado para que o sol possa brilhar sobre as larvas e os vermes que há lá dentro. Termina com a completa ruína de Tywin Lannister e todas as suas obras.

— O homem morreu às mãos do seu próprio filho — retorquiu Ellaria com ardor. — Que mais podias desejar?

— Podia desejar que tivesse morrido às *minhas* mãos. — A Senhora Nym instalou-se numa cadeira, com a longa trança negra a cair-lhe por sobre um ombro até ao regaço. A linha do cabelo formava um bico, como a do pai. Por baixo dela, os olhos eram grandes e lustrosos. Os lábios rubros como vinho curvavam-se num sorriso de seda. — Se tivesse morrido às minhas mãos, a sua morte não teria sido tão fácil.

— Sor Gregor realmente parece solitário — disse Tyene, na sua voz doce de septã. — Gostaria de ter alguma companhia, certamente.

A cara de Ellaria estava húmida de lágrimas, os seus olhos escuros brilhavam. *Mesmo a chorar, há nela força*, pensou o capitão.

— Oberynd queria vingança por Elia. Agora, vós as três quereis vingança por ele. Relembro-vos de que tenho quatro filhas. Vossas irmãs. A minha Elia tem catorze anos, é quase uma mulher. Obella tem doze, está quase a tornar-se donzela. Elas veneram-vos, tal como Dorea e Loreza as veneram a elas. Se vós morrêsseis, teriam El e Obella que procurar vingança por vós, e depois Dorea e Loree por elas? É assim que as coisas são, aos círculos para sempre? Volto a perguntar: *onde termina?* — Ellaria Sand pousou a mão na cabeça da Montanha. — Eu vi o vosso pai morrer. Aqui está o seu assassino. Posso levar um crânio para a cama, para me confortar à noite? Um crânio far-me-á rir, escrever-me-á canções, cuidará de mim quando estiver velha e doente?

— Que quereis que façamos, senhora? — perguntou a Senhora Nym. — Deveremos pousar as lanças e sorrir, e esquecer todas as desfeitas de que fomos vítimas?

— A guerra virá, quer a desejemos, quer não — disse Obara. — Um rei rapaz ocupa o Trono de Ferro. O Lorde Stannis controla a Muralha e está a juntar nortenhos à sua causa. As duas rainhas andam a lutar por Tommen como cadelas por um osso sumarento. Os homens de ferro ocuparam as Escudo e estão a desferir ataques no Vago, penetrando profundamente no coração da Campina, o que significa que Jardim de Cima também estará apreensivo. Os nossos inimigos estão mergulhados no caos. O momento está maduro.

— Maduro para quê? Para fazer mais crânios? — Ellaria Sand virou-se para o príncipe. — Elas não entendem. Não quero ouvir mais nada sobre isto.

— Volta para as tuas raparigas, Ellaria — disse-lhe o príncipe. — Juuro-te, nenhum mal lhes acontecerá.

— Meu príncipe. — Ellaria beijou-o na testa, e retirou-se. Areo Hotah sentiu-se triste por vê-la ir-se embora. *É uma boa mulher.*

Depois de ela sair, a Senhora Nym disse:

— Eu sei que ela amava muito o nosso pai, mas é evidente que nunca o compreendeu.

O príncipe deitou-lhe um olhar curioso.

— Compreendeu mais do que tu alguma vez compreenderás, Nymeria. E fez o vosso pai feliz. No fim, um coração gentil pode ter mais valor do que o orgulho ou a honra. Seja como for. Há coisas que Ellaria não sabe e não deve saber. Esta guerra já começou.

Obara riu-se.

— Pois, a nossa querida Arianne assegurou-se disso.

A princesa corou, e Hotah viu um espasmo de ira passar pelo rosto do pai.

— O que ela fez, fez tanto por vós como por si própria. Eu não me apressaria tanto a troçar.

— Aquilo foi um elogio — insistiu Obara Sand. — Procrastinai, obscurecei, tergiversai, dissimulai e adiai tudo o que quiserdes, tio, mas Sor Balon terá na mesma de se ver face a face com Myrcella nos Jardins de Água, e quando estiver é provável que repare que lhe falta uma orelha. E quando a rapariga lhe contar como o vosso capitão cortou Arys Oakheart do pescoço às virilhas com aquela esposa de aço que tem, bem...

— Não. — A Princesa Arianne desenrolou-se de cima da almofada onde estivera sentada e pousou uma mão no braço de Hotah. — Não foi assim que aconteceu, prima. Sor Arys foi morto por Gerold Dayne.

As Serpentes de Areia olharam umas para as outras.

— Pelo Estrela Negra?

— Foi o Estrela Negra que o fez — disse a princesinha de Hotah. — Tentou matar também a Princesa Myrcella. Como ela dirá a Sor Balon.

Nym sorriu.

— Essa parte, pelo menos, é verdadeira.

— É tudo verdade — disse o príncipe, com uma contorção de dor. *Será a gota que lhe dói, ou a mentira?* — E agora Sor Gerold fugiu de volta para o Alto Ermitério, para fora do nosso alcance.

— O Estrela Negra — murmurou Tyene, com um risinho. — E porque não? É tudo obra dele. Mas Sor Balon irá acreditar?

— Acreditará, se ouvir a história dos lábios de Myrcella — insistiu Arianne.

Obara soltou uma fungadela descrente.

— Ela pode mentir hoje e mentir amanhã, mas mais tarde ou mais cedo contará a verdade. Se se permitir que Sor Balon leve histórias para Porto Real, soarão os tambores e sangue jorrará. Ele não deve ser autorizado a partir.

— Podíamos matá-lo, com certeza — disse Tyene — mas depois teríamos também de matar o resto da sua comitiva, até aqueles queridos escudeirinhos. Isso seria... oh, tão *mal-amanhado*.

O Príncipe Doran fechou os olhos e voltou a abri-los. Hotah viu que a perna lhe tremia por baixo da manta.

— Se não fôsseis filhas do meu irmão, enviar-vos-ia às três de volta para as vossas celas e manter-vos-ia aí até ficarem com os ossos grisalhos. Em vez disso, tenciono levar-vos connosco para os Jardins de Água. Há aí lições a colher, se tiverdes esperteza para as verdes.

— Lições? — disse Obara. — A única coisa que vi foi crianças nuas.

— Pois — disse o príncipe. — Eu contei a história a Sor Balon, mas não a contei completa. Enquanto as crianças chapinhavam nas lagoas,

Daenerys observava do meio das laranjeiras e apercebeu-se de uma coisa. Não conseguia distinguir as bem-nascidas das mal-nascidas. Nuas, eram só crianças. Todas inocentes, todas vulneráveis, todas merecedoras de uma vida longa, de amor, de proteção. “*Ali estão os teus domínios,*” disse ao filho e herdeiro, “*lembra-te deles, em tudo o que faças.*” A minha mãe disse-me as mesmas palavras quando eu tive idade suficiente para abandonar as lagoas. Para um príncipe chamar as lanças é fácil, mas no fim são as crianças que pagam o preço. Para bem delas, o príncipe sábio não travará guerras até ter bons motivos, nem travará nenhuma guerra que não tenha esperança de vencer. Eu não sou nem cego nem surdo. Sei que todas vós me julgais fraco, assustado, débil. O vosso pai conhecia-me melhor. Oberyne sempre foi a víbora. Mortífero, perigoso, imprevisível. Nenhum homem se atrevia a pisá-lo. Eu era a relva. Agradável, amável, bem cheiroso, a balançar a cada brisa. Quem teme caminhar sobre a relva? Mas é a relva que oculta a víbora dos seus inimigos, e a abriga até atacar. O vosso pai e eu trabalhávamos mais proximamente do que vós julgais... mas agora ele foi-se. A questão é: posso confiar nas filhas dele para me servirem no seu lugar?

Hotah estudou-as a todas, uma de cada vez. Obara, de tachões ferrugentos e couro fervido, com os seus olhos zangados e juntos e cabelo castanho de ratazana. Nymeria, lânguida, elegante, de pele cor de azeitona, com a longa trança negra atada com fio de um tom dourado de vermelho. Tyene, de olhos azuis e loura, uma rapariga-mulher com as suas mãos suaves e pequenos risinhos.

Tyene respondeu pelas três.

— É não fazer nada que é difícil, tio. Entregai-nos uma tarefa, qualquer tarefa, e descobriremos que somos tão leais e obedientes como qualquer príncipe poderia esperar.

— É bom ouvir isso — disse o príncipe — mas as palavras são vento. Vós sois filhas do meu irmão, e amo-vos, mas aprendi que não posso confiar em vós. Quero o vosso juramento. Jurais servir-me, fazer o que eu ordenar?

— Se tiver de ser — disse a Senhora Nym.

— Então jurai-o agora, pela campa do vosso pai.

A cara de Obara escureceu.

— Se não fôsseis meu tio...

— Mas *sou* teu tio. E teu príncipe. Jura, ou então vai-te embora.

— Eu juro — disse Tyene. — Pela campa do meu pai.

— Eu juro — disse a Senhora Nym. — Por Oberyne Martell, a Víbora Vermelha de Dorne, e um homem melhor do que vós.

— Pois — disse Obara. — Eu também. Pelo pai. Juro.

O príncipe perdeu alguma da tensão. Hotah viu-o voltar a recostar-se na cadeira. Estendeu a mão, e a Princesa Arianne foi para junto dele para a segurar.

— Contai-lhes, pai.

O Príncipe Doran inspirou entrecortadamente.

— Dorne ainda tem amigos na corte. Amigos que nos contam coisas que não devíamos saber. Este convite que Cersei nos enviou é um estratagema. Trystane não deverá nunca chegar a Porto Real. No caminho de regresso, algures na mata de rei, o grupo de Sor Balon será atacado por fora-da-lei, e o meu filho morrerá. Sou convidado a ir à corte só para poder ser testemunha deste ataque com os meus próprios olhos, e assim absolver a rainha de todas as culpas. Oh, e esses fora-da-lei? Estarão a gritar “Meio-homem, Meio-homem,” enquanto atacam. Sor Balon pode até ter um breve vislumbre do Duende, embora mais ninguém o veja.

Areo Hotah não teria julgado ser possível chocar as Serpentes de Areia. Ter-se-ia enganado.

— Que os Sete nos salvem — murmurou Tyene. — *Trystane?* Porquê?

— A mulher deve ser louca — disse Obara. — Ele não passa de um rapaz.

— Isto é monstruoso — disse a Senhora Nym. — Eu não acreditaria em tal coisa. Feita por um cavaleiro da Guarda Real, não.

— Eles juram obedecer, tal como o meu capitão jurou — disse o príncipe. — Eu também tive as minhas dúvidas, mas todas vistas como Sor Balon se mostrou relutante quando sugeri irmos por mar. Um navio teria estragado todos os preparativos da rainha.

Obara tinha a cara corada.

— Devolvi-me a lança, tio. Cersei enviou-nos uma cabeça. Devíamos enviar-lhe de volta um saco delas.

O Príncipe Doran ergueu uma mão. Tinha os nós dos dedos tão escuros como bagas e quase do mesmo tamanho.

— Sor Balon é um hóspede sob o meu teto. Comeu do meu pão e do meu sal. Não lhe farei mal. Não. Viajaremos até aos Jardins de Água, onde ele ouvirá a história de Myrcella e de onde enviará um corvo à sua rainha. A rapariga vai pedir-lhe para dar caça ao homem que lhe fez mal. Se for o homem que julgo que é, Swann não será capaz de recusar. Obara, tu vais levá-lo ao Alto Ermitério para enfrentar o Estrela Negra no seu covil. Ainda não chegou o momento de Dorne desafiar abertamente o Trono de Ferro, portanto temos de devolver Myrcella à mãe, mas eu não a acompanharei. Essa tarefa será tua, Nymeria. Os Lannister não gostarão da ideia, tal como

não gostaram quando lhes enviei Oberyn, mas não se atrevem a recusar. Precisamos de uma voz no conselho, de um ouvido na corte. Mas tem cuidado. Porto Real é um ninho de cobras.

A Senhora Nym sorriu.

— Ora, tio, eu adoro cobras.

— Então e eu? — perguntou Tyene.

— A tua mãe era uma septã. Oberyn disse-me uma vez que ela te lia excertos da *Estrela de Sete Pontas* desde o berço. Quero-te também em Porto Real, mas na outra colina. As Espadas e as Estrelas foram formadas de novo, e este novo Alto Septão não é a marioneta que os outros eram. Tenta aproximar-te dele.

— E porque não? O branco combina bem com as minhas cores. Pareço tão... pura.

— Ótimo — disse o príncipe — ótimo. — Hesitou. — Se... se certas coisas se concretizarem, mandar-vos-ei dizer a todas. As coisas podem mudar rapidamente no jogo dos tronos.

— Eu sei que não nos deixareis ficar mal, primas. — Aryanne foi ter com elas, uma de cada vez, pegou-lhes nas mãos, beijou-as levemente nos lábios. — Obara, tão feroz. Nymeria, minha irmã. Tyene, querida. Amo-vos a todas. O sol de Dorne vai convosco.

— *Insubmissos, não curvados, não quebrados* — disseram as Serpentes de Areia, juntas.

A Princesa Arianne deixou-se ficar quando as primas se foram embora. Areo Hotah também ficou, como lhe competia.

— São filhas do seu pai — disse o príncipe.

A princesinha sorriu.

— Três Oberyns, com mamas.

O Príncipe Doran riu-se. Passara-se tanto tempo desde a última vez que Hotah o ouvira rir que quase se esquecera de como soava.

— Ainda digo que devia ser eu a ir para Porto Real em vez da Senhora Nym — disse Arianne.

— É demasiado perigoso. És a minha herdeira, o futuro de Dorne. O teu lugar é a meu lado. Muito em breve terás outra tarefa a cumprir.

— Aquela última parte, sobre a mensagem. Recebestes notícias?

O Príncipe Doran partilhou com ela o seu sorriso secreto.

— De Lys. Uma grande frota fez lá escala para se abastecer de água. Navios volantes, na maioria, transportando um exército. Não há notícia de quem eram, ou de para onde se dirigiam. Falou-se de elefantes.

— De dragões não?

— Elefantes. Mas é bastante simples esconder um dragão jovem no porão de uma grande coca. É no mar que Daenerys é mais vulnerável. Se

fosse a ela, manter-me-ia escondido, e às minhas intenções, o máximo possível, para poder apanhar Porto Real desprevenido.

— Achais que Quentyn está com eles?

— Pode estar. Ou não. Saberemos pelo local onde desembarcam, se o seu destino for realmente Westeros. Quentyn trá-la-á pelo Sangueverde, se puder. Mas de nada serve falar do assunto. Beija-me. Partimos para os Jardins de Água à primeira luz da aurora.

Então talvez partamos pelo meio-dia, pensou Hotah.

Mais tarde, depois de Arianne se ir embora, pousou o machado e carregou o Príncipe Doran para a cama.

— Até a Montanha esmagar o crânio do meu irmão, nenhum dor-nês tinha morrido nesta Guerra dos Cinco Reis — murmurou o príncipe suavemente, enquanto Hotah lhe punha uma manta em cima. — Diz-me, capitão, isso é a minha vergonha ou a minha glória?

— Não me cabe a mim dizê-lo, meu príncipe. — *Servir. Proteger. Obedecer. Juramentos simples para homens simples.* Era tudo o que sabia.

JON

Val aguardava junto do portão, ao frio que antecedia a alvorada, envolta num manto de pele de urso tão grande que podia ter servido a Sam. A seu lado estava um garrano, selado e ajazado, um animal cinzento e hirsuto com um olho branco. Mully e o Edd Doloroso estavam com ela, um par de guardas improváveis. Os seus hálitos congelavam no ar negro e frio.

— Destes-lhe um cavalo cego? — disse Jon, incrédulo.

— Ele é só meio cego, s'nhor — esclareceu Mully. — Fora isso é bastante sadio. — Deu palmadinhas no pescoço do garrano.

— O cavalo pode ser meio cego, mas eu não sou — disse Val. — Sei para onde tenho de ir.

— Senhora, não tendes de fazer isto. O risco...

— ... é meu, Lorde Snow. E eu não sou nenhuma senhora sulista, mas sim uma mulher do povo livre. Conheço melhor a floresta do que todos os vossos patrulheiros de mantos pretos. Para mim, não tem fantasmas.

Espero que não os tenha. Jon estava a contar com isso, confiando que Val pudesse ter sucesso onde o Jack Preto Bulwer e os seus companheiros tinham falhado. Esperava que ela não tivesse de temer o povo livre... mas ambos sabiam bem demais que os selvagens não eram os únicos que aguardavam na floresta.

— Tendes comida suficiente?

— Pão duro, queijo duro, bolos de aveia, bacalhau salgado, vaca salgada, carneiro salgado e um odre de vinho doce para me enxaguar todo esse sal da boca. Não hei de morrer à fome.

— Então está na altura de partirdes.

— Tendes a minha palavra, Lorde Snow. Regressarei, com Tormund ou sem ele. — Val deitou uma olhadela ao céu. A Lua estava apenas meio cheia. — Esperai-me no primeiro dia da Lua cheia.

— Esperarei. — *Não me falhes*, pensou, *senão Stannis cortar-me-á a cabeça.* “Tenho a vossa palavra de que guardareis a nossa princesa bem guardada?” dissera o rei, e Jon prometera que o faria. *Mas Val não é princesa alguma. Eu disse-lhe isso meia centena de vezes.* Era uma espécie débil de evasiva, um triste farrapo enrolado em volta da sua palavra ferida. O pai nunca teria aprovado. *Sou a espada que defende os reinos dos homens*, lembrou Jon a si próprio, *e no fim de contas isso deve valer mais do que a honra de um homem.*

O caminho sob a Muralha era tão escuro e frio como a barriga de um dragão de gelo e tão tortuoso como uma serpente. O Edd Doloroso seguiu à frente com um archote na mão. Mully tinha as chaves para os três portões, onde barras de aço negro, grossas como o braço de um homem, fechavam a passagem. Lanceiros em cada portão levaram os punhos às testas por Jon Snow, mas fitaram abertamente Val e o seu garrano.

Quando emergiram a norte da Muralha, através de uma espessa porta feita de madeira verde acabada de cortar, a princesa selvagem fez uma pausa momentânea para fitar o campo coberto de neve onde o Rei Stannis vencera a sua batalha. Para lá dele, a floresta assombrada esperava, escura e silenciosa. A luz da meia Lua transformava o cabelo louro como mel de Val num pálido prateado e deixava-lhe o rosto tão branco como neve. Respirou fundo.

— O ar tem um sabor doce.

— A minha língua está demasiado entorpecida para perceber. A única coisa que consigo saborear é o frio.

— Frio? — Val soltou uma leve gargalhada. — Não. Quando estiver frio, respirar doerá. Quando os Outros chegarem...

A ideia era inquietante. Seis dos patrulheiros que Jon enviara para o exterior ainda estavam desaparecidos. *Ê cedo demais. Podem ainda voltar.* Mas outra parte de si insistia: *Eles estão mortos, todos e cada um. Envia-te-los para a morte e estás a fazer o mesmo com Val.*

— Dizei a Tormund o que eu disse.

— Ele pode não dar ouvidos às vossas palavras, mas vai ouvi-las. — Val deu-lhe um leve beijo na bochecha. — Os meus agradecimentos, Lorde Snow. Pelo cavalo meio cego, pelo bacalhau salgado, pelo ar livre. Pela esperança.

Os hálitos de ambos misturaram-se, uma névoa branca no ar. Jon Snow recuou e disse:

— O único agradecimento que eu quero é...

— ... Tormund Terror dos Gigantes. Pois. — Val puxou para cima o capuz da pele de urso. A pele castanha estava bem salpicada de cinzento. — Antes de me ir embora, uma pergunta. Matastes Jarl, senhor?

— Foi a Muralha que matou Jarl.

— Era o que tinha ouvido dizer. Mas tinha de ter a certeza.

— Dou-vos a minha palavra de honra. Não o matei. — *Embora pudesse ter matado, se as coisas tivessem corrido de outra forma.*

— Então é adeus — disse ela, quase em tom de brincadeira.

Jon Snow não estava com disposição para tal. *Está frio e escuro demais para brincar, e a hora é demasiado tardia.*

— Só por algum tempo. Regressareis. Pelo rapaz, se não for por outro motivo.

— O filho de Craster? — Val encolheu os ombros. — Ele não é da minha família.

— Ouvi-vos a cantar para ele.

— Estava a cantar para mim. É culpa minha que ele me escute? — Um ténue sorriso roçou-lhe pelos lábios. — Isso fá-lo rir. Oh, muito bem. É um doce monstrinho.

— Monstrinho?

— É o seu nome de leite. Tinha de lhe chamar qualquer coisa. Assegurai-vos de que ele permaneça em segurança e quente. Pela mãe e por mim. E mantende-o longe da mulher vermelha. Ela sabe quem ele é. Vê coisas nos seus fogos.

Arya, pensou, com esperança de que assim fosse.

— Cinzas e faúlhas.

— Reis e dragões.

Outra vez dragões. Por um momento, Jon quase conseguiu também vê-los, enrolando-se na noite, com as asas negras delineadas contra um mar de chamas.

— Se ela soubesse ter-nos-ia tirado o rapaz. O filho de Dalla, não o vosso monstrinho. Uma palavra ao ouvido do rei e seria o fim dele. — *E de mim. Stannis teria encarado o que fiz como traição*. — Porquê deixar que acontecesse, se soubesse?

— Porque lhe convinha. O fogo é uma coisa caprichosa. Ninguém sabe para que lado irá uma chama. — Val pôs um pé no estribo, passou uma perna sobre o dorso do cavalo e olhou-o de cima da sela. — Lembrais-vos do que a minha irmã vos disse?

— Sim. — *Uma espada sem cabo, sem maneira segura de lhe pegar*. Mas Melisandre tinha razão. Até uma espada sem cabo é melhor do que uma mão vazia quando estamos rodeados de inimigos.

— Ainda bem. — Val virou o garrano para norte. — Então até à primeira noite da Lua cheia. — Jon viu-a a afastar-se, perguntando a si próprio se voltaria a ver o seu rosto. *Não sou nenhuma senhora sulista*, ouviu-a a dizer, *mas uma mulher do povo livre*.

— Não me interessa o que ela diz — resmungou o Edd Doloroso enquanto Val desaparecia por trás de um grupo de pinheiros marciais. — O ar *está* tão frio que dói respirar. Eu parava, mas isso magoava mais. — Esfregou as mãos uma na outra. — Isto vai acabar mal.

— Dizes isso de tudo.

— Pois, s'nhor. Normalmente tenho razão.

Mully pigarreou.

— S'nhor? A princesa selvagem, deixá-la ir, os homens podem dizer...

— ... que eu próprio sou meio selvagem, um vira-mantos que pretende vender o reino aos nossos atacantes, canibais e gigantes. — Jon não precisava de fitar um fogo para saber o que se dizia dele. A pior parte era que não se enganavam, não por completo. — As palavras são vento, e na Muralha o vento está sempre a soprar. Vinde.

Ainda estava escuro quando Jon regressou aos seus aposentos por trás do armeiro. Viu que o Fantasma ainda não tinha regressado. *Ainda na caça*. O grande lobo gigante branco, nos últimos tempos, passava mais tempo por longe do que por perto, a percorrer zonas cada vez mais longínquas em busca de presas. Entre os homens da Patrulha e os selvagens lá em baixo em Vila Toupeira, as colinas e campos próximos de Castelo Negro tinham sido limpos de caça e já havia pouca para começar. *O inverno está a chegar*, refletiu Jon. *E será em breve, demasiado em breve*. Perguntou a si próprio se chegariam a ver uma primavera.

O Edd Doloroso fez a viagem até às cozinhas e depressa regressou com uma caneca de cerveja castanha e uma bandeja tapada. Sob a tampa, Jon foi descobrir três ovos de pato fritos em banha, uma fatia de bacon, duas salsichas, uma morcela e meio pão, ainda quente do forno. Comeu o pão e meio ovo. Teria também comido o bacon, mas o corvo escapuliu-se com ele antes de ter oportunidade de o provar.

— Gatuno — disse Jon, enquanto a ave esvoaçava até ao lintel por cima da porta para devorar o que capturara.

— *Gatuno* — concordou o corvo.

Jon provou a morcela. Estava a lavar o sabor da boca com um gole de cerveja quando Edd regressou para lhe dizer que Bowen Marsh estava lá fora.

— O Othell tá com ele, e o Septão Cellador também.

Foi depressa. Perguntou a si próprio quem andaria a contar histórias, e se haveria mais de uma pessoa.

— Manda-os entrar.

— Sim, s'nhor. Com aqueles cá dentro ireis querer vigiar as salsichas. Têm um ar esfomeado.

“Esfomeado” não era a palavra que Jon teria usado. O Septão Cellador parecia confuso e zozzo e com uma necessidade urgente de algumas escamas do dragão que o inflamara, enquanto o Primeiro Construtor Othell Yarwyck parecia ter engolido alguma coisa que não estava a conseguir digerir. Bowen Marsh estava zangado. Jon conseguia vê-lo nos seus olhos, na tensão em volta da boca, no rubor naquelas bochechas redondas. *Aquele vermelho não é do frio*.

— Sentai-vos, por favor — disse. — Posso oferecer-vos comida ou bebida?

— Quebrámos o jejum na sala comum — disse Marsh.
— Eu não me importava de engolir mais umas coisas. — Yarwyck deixou-se cair numa cadeira. — Obrigado por oferecerdes.
— Talvez um pouco de vinho? — disse o Septão Celladar.
— *Grão* — gritou o corvo de cima do lintel. — *Grão, grão.*
— Vinho para o septão e um prato para o nosso Primeiro Construtor — disse Jon ao Edd Doloroso. — Nada para o pássaro. — Voltou a virar-se para os visitantes. — Estais aqui por causa de Val.
— E de outros assuntos — disse Bowen Marsh. — Os homens estão preocupados, senhor.

E quem foi que te nomeou para falar em seu nome?

— Tal como eu. Othell, como vai o trabalho em Fortenoite? Recebi uma carta de Sor Axell Florent, que chama a si próprio Mão da Rainha. Diz-me que a Rainha Selyse não está satisfeita com os seus aposentos em Atalaialeste-do-Mar e quer mudar-se imediatamente para a nova sede do marido. Isso será possível?

Yarwyck encolheu os ombros.

— Temos a maior parte da fortaleza recuperada, e voltámos a pôr um telhado nas cozinhas. Ela vai precisar de comida, mobília e lenha, atenção, mas talvez sirva. Não há tanto conforto como em Atalaialeste, de certeza. E fica muito longe dos navios, se Sua Graça desejar deixar-nos, mas... sim, ela podia viver lá, se bem que vá demorar anos até que o sítio se pareça como um castelo como deve ser. Seria mais rápido se tivesse mais construtores.

— Podia oferecer-vos um gigante.

Aquilo sobressaltou Othell.

— O monstro do pátio?

— O nome dele é Wun Weg Wun Dar Wun, segundo me diz o Couros. É muito em que enrolar a língua, eu sei. O Couros chama-lhe Wun Wun, e isso parece servir. — Wun Wun parecia-se muito pouco com os gigantes nas histórias da Velha Nan, aquelas enormes criaturas selváticas que misturavam sangue nas papas matinais e devoravam touros inteiros, com pelagem, cornos e tudo. Aquele gigante não comia qualquer carne, embora fosse terrível quando lhe era servido um cesto de raízes, esmagando cebolas e nabos, mesmo dos duros e crus, entre os seus grandes dentes quadrados. — É um trabalhador prestável, embora nem sempre seja fácil levá-lo a entender o que se quer. Fala o idioma antigo, de certa forma, mas nada do comum. Mas é incansável e tem uma força prodigiosa. Podia executar o trabalho de uma dúzia de homens.

— Eu... senhor, os homens nunca... os gigantes comem carne humana, acho eu... não, senhor, agradeço-vos, mas não tenho homens para vigiar uma criatura dessas, ele...

Jon Snow não se sentiu surpreendido.

— Como quiserdes. Manteremos o gigante aqui. — Em boa verdade, teria relutância em separar-se de Wun Wun. *Não sabes nada, Jon Snow*, poderia dizer Ygritte, mas Jon falava com o gigante sempre que podia, por intermédio do Couros ou de alguém do povo livre que tivessem trazido do arvoredo, e estava a aprender mais que muito sobre o povo dele e a sua história. Só desejava que Sam ali estivesse para escrever as histórias.

Isso não queria dizer que estivesse cego para o perigo que Wun Wun representava. O gigante golpeava com violência quando era ameaçado, e aquelas enormes mãos eram suficientemente fortes para desfazer um homem. Fazia-lhe lembrar Hodor. *Um Hodor duas vezes maior, duas vezes mais forte e com metade da esperteza. Ai está uma ideia capaz de pôr sóbrio mesmo o Septão Cellador. Mas se Tormund tem gigantes consigo, o Wun Wed Wun Dar Wun pode ajudar-nos a lidar com eles.*

O corvo de Mormont resmungou o seu aborrecimento quando a porta se abriu por baixo dele, anunciando o regresso do Edd Doloroso com um jarro de vinho e um prato de ovos e salsichas. Bowen Marsh esperou com óbvia impaciência enquanto Edd servia, só retomando a conversa quando ele se voltou a ir embora.

— O Tollett é um bom homem, e simpatizam com ele, e o Emmett de Ferro tem sido um bom mestre-de-armas — disse então. — Mas segundo se diz pretendeis mandá-los para longe.

— Precisamos de bons homens em Monte Longo.

— Os homens começaram a chamar-lhe Buraco das Rameiras — disse Marsh — mas não importa. É verdade que pretendeis substituir o Emmett por aquele selvagem, Couros, como nosso mestre-de-armas? Esse é um cargo normalmente reservado a cavaleiros ou pelo menos a patrulheiros.

— O Couros é selvagem — concordou Jon com brandura. — Posso atestá-lo. Já o experimentei no pátio de treinos. É tão perigoso com um machado de pedra como a maior parte dos cavaleiros o são com aço forjado em castelo. Admito que não é tão paciente como eu gostaria, e apavora alguns dos rapazes... mas isso não é mau de todo. Um dia darão por si numa verdadeira luta, e uma certa familiaridade com o terror servir-lhes-á bem.

— Ele é um *selvagem*.

— Era, até ter proferido as palavras. Agora é nosso irmão. Um irmão que pode ensinar aos rapazes mais do que esgrima. Não lhes fará mal aprenderem algumas palavras do idioma antigo, e um pouco dos costumes do povo livre.

— *Livre* — resmungou o corvo. — *Grão. Rei.*

— Os homens não confiam nele.

Que homens?, poderia Jon ter perguntado. *Quantos?* Mas isso levá-lo-ia por um caminho que não pretendia percorrer.

— Lamento ouvir isso. Há mais alguma coisa?

O Septão Cellador interveio.

— Aquele rapaz, o Cetim. Diz-se que pretendeis fazer dele vosso intendente e escudeiro, em lugar de Tollett. Senhor, o rapaz é um prostituto... um... atrever-me-ei a dizê-lo?... um *catamito* pintado dos bordéis de Vilavelha.

E tu és um bêbado.

— O que ele era em Vilavelha não nos diz respeito. É rápido a aprender e muito inteligente. Os outros recrutas começaram por desprezá-lo, mas conquistou-os e transformou-os a todos em amigos. É destemido em combate e até sabe ler e escrever, de certa forma. Deve ser capaz de me ir buscar a comida e de me selar o cavalo, não vos parece?

— É provável que sim — disse Bowen Marsh, com uma expressão de pedra — mas os homens não gostam da ideia. Tradicionalmente, os escudeiros do Senhor Comandante são rapazes de bom nascimento a serem educados para o comando. O senhor crê que os homens da Patrulha da Noite alguma vez seguirão um prostituto para a batalha?

A irritação de Jon veio ao de cima.

— Seguiram pior do que isso. O Velho Urso deixou ao seu sucessor algumas notas de aviso sobre certos homens. Temos um cozinheiro na Torre Sombria que gostava de violar septãs. Queimava uma estrela de sete pontas na sua pele por cada uma. O braço direito é só estrelas do pulso ao cotovelo, e também tem estrelas a marcar-lhe as barrigas das pernas. Em Atalaialeste temos um homem que incendiou a casa do pai e trancou a porta. Toda a sua família morreu queimada, todos os nove. Independentemente do que o Cetim tenha feito em Vilavelha, é agora nosso irmão e *será* o meu escudeiro.

O Septão Cellador bebeu um pouco de vinho. Othell Yarwyck apunhalou uma salsicha com o punhal. Bowen Marsh corou. O corvo bateu as asas e disse: “*Grão, grão, mata.*” Por fim, o Senhor Intendente pigarreou.

— Vossa senhoria saberá o que é melhor, de certeza. Posso perguntar o que se faz àqueles cadáveres nas celas de gelo? Deixam os homens intranquilos. E mantê-los *guardados*? Decerto que é um desperdício de dois bons homens, a menos que temais que eles...

— ... se levantem? Rezo para que o façam.

O Septão Cellador empalideceu.

— Que os Sete nos salvem. — Vinho escorreu-lhe pelo queixo numa fita vermelha. — Senhor comandante, as criaturas são coisas monstruosas

e antinaturais. Abominações aos olhos dos deuses. Vós... vós não podeis querer tentar *falar* com elas.

— Será que elas *podem* falar? — perguntou Jon Snow. — Acho que não, mas não posso afirmar saber. Até podem ser monstros, mas eram homens antes de morrerem. Quanto resta? Aquela que eu matei estava decidida a matar o Senhor Comandante Mormont. Era claro que se lembrava de quem ele era e de onde o encontraria. — Jon não duvidava de que o Mestre Armon compreenderia as suas intenções; Sam Tarly ficaria aterrorizado, mas também teria compreendido. — O senhor meu pai costumava dizer-me que um homem tem de conhecer os seus inimigos. Pouco compreendemos sobre as criaturas, e menos sobre os Outros. Precisamos de aprender.

Aquela resposta não lhes agradou. O Septão Cellador afagou o cristal que lhe pendia do pescoço e disse:

— Julgo que isso é muito insensato, Lorde Snow. Rezarei à Velha para que erga a sua lâmpada brilhante e vos leve pelo caminho da sabedoria.

A paciência de Jon Snow estava esgotada.

— Beneficiariamos todos de um pouco mais de sabedoria, certamente. — *Não sabes nada, Jon Snow.* — Bom, falamos de Val?

— Então é verdade? — disse Marsh. — Libertaste-la.

— Para lá da Muralha.

O Septão Cellador susteve a respiração.

— A prisioneira do rei. Sua Graça ficará muito furioso quando descobrir que ela se foi.

— Val regressará. — *Antes de Stannis, se os deuses forem bons.*

— Como podeis saber isso? — quis saber Bowen Marsh.

— Ela disse que regressaria.

— E se mentiu? Se deparar com contrariedades?

— Ora, nesse caso tereis a hipótese de escolher um senhor comandante mais do vosso agrado. Até essa altura, temo que tenhais de me tolerar. — Jon bebeu um gole de cerveja. — Mandei-a procurar Tormund Terror dos Gigantes e levar-lhe a minha oferta.

— Se pudermos saber, que oferta é essa?

— A mesma que fiz em Vila Toupeira. Comida, abrigo e paz, se quiser juntar as suas forças às nossas, combater o nosso inimigo comum, ajudar a defender a Muralha.

Bowen Marsh não pareceu surpreendido.

— Pretendeis deixá-lo passar. — A sua voz sugeria que sempre o soubera. — Abrir-lhe os portões, a ele e aos seus seguidores. Centenas, milhares.

— Se lhe restarem tantos.

O Septão Cellador fez o sinal da estrela. Othell Yarwyck soltou um grunhido. Bowen Marsh disse:

— Há quem talvez chame a isto traição. Estes homens são selvagens. Assaltantes, violadores, mais animais do que homens.

— Tormund não é nenhuma dessas coisas — disse Jon — não o é mais que Mance Rayder. Mas mesmo se todas as palavras que dizeis fossem verdadeiras, eles continuariam a ser homens, Bowen. Homens vivos, humanos como vós e eu. O inverno está a chegar, senhores, e quando chegar nós, os vivos, teremos de nos unir contra os mortos.

— *Snow* — gritou o corvo do Lorde Mormont. — *Snow, Snow.*

Jon ignorou-o.

— Temos vindo a interrogar os selvagens que trouxemos da mata. Vários contaram uma história interessante, sobre uma bruxa da floresta chamada Mãe Toupeira.

— Mãe *Toupeira*? — disse Bowen Marsh. — Um nome improvável.

— Supostamente terá vivido numa toca por baixo de uma árvore oca. Seja qual for a verdade que há nisso, ela teve uma visão de uma frota de navios que viria levar o povo livre para a segurança do outro lado do mar estreito. Milhares daqueles que fugiram à batalha estavam suficientemente desesperados para acreditar nela. A Mãe Toupeira levou-os para Larduro, para aí rezarem e esperarem a salvação vinda do outro lado do mar.

Othell Yarwyck franziu o sobrolho.

— Eu não sou nenhum patrulheiro, mas... diz-se que Larduro é um lugar terrível. Amaldiçoado. Até o vosso tio costumava dizer isso, Lorde Snow. Porque haveriam de ir *para lá*?

Jon tinha um mapa na sua frente em cima da mesa. Virou-o para que os outros pudessem ver.

— Larduro fica numa baía abrigada, e tem um porto natural suficientemente profundo para os maiores navios que existem. Há fartura de madeira e pedra na zona. As águas estão repletas de peixes, e há colónias de focas e vacas marinhas lá perto.

— Tudo isso é verdade, não duvido — disse Yarwyck — mas não é um sítio onde eu quisesse passar uma noite. Conheceis a lenda.

Conhecia. Larduro estivera a meio caminho de se tornar uma vila, a única verdadeira vila a norte da Muralha, até à noite, seiscentos anos antes, em que o inferno a engolira. O seu povo fora levado para a escravatura ou massacrado para ser comida, dependendo de em qual das versões da história se acreditava, as casas e edifícios públicos tinham sido consumidos num incêndio que ardera tão fortemente que os vigias na Muralha, muito a sul, tinham julgado que o Sol estava a erguer-se a norte. Depois disso, tinham chovido cinzas tanto sobre a floresta assombrada como sobre o Mar Trememente durante quase meio ano. Mercadores relataram ter encontrado apenas uma devastação de pesadelo onde Larduro se erguera, uma paisagem

de árvores carbonizadas e ossos queimados, águas sufocadas por cadáveres inchados, guinchos de congelar o sangue a ecoar vindos das entradas das cavernas que perfuravam o grande penhasco que se erguia acima do povoado.

Seis séculos tinham chegado e partido desde essa noite, mas Larduro ainda era evitado. Jon fora informado de que a natureza reclamara o local, mas os patrulheiros afirmavam que as ruínas cobertas de vegetação eram assombradas por vampiros e demónios e fantasmas ardentes com um gosto pouco saudável por sangue.

— Também não é o tipo de refúgio que eu escolheria — disse Jon — mas a Mãe Toupeira foi ouvida a pregar que o povo livre encontraria salvação onde antes encontrara a perdição.

O Septão Cellador espetou os lábios.

— A salvação só pode ser encontrada através dos Sete. Essa bruxa condenou-os a todos.

— E salvou a Muralha, talvez — disse Bowen Marsh. — É de inimigos que estamos a falar. Eles que rezem entre as ruínas, e se os seus deuses enviarem navios para os levarem para um mundo melhor, que lhes faça bom proveito. Neste mundo não temos comida para os alimentar.

Jon fletiu os dedos da mão da espada.

— As galés de Cotter Pyke passam por Larduro de vez em quando. Ele diz-me que não há aí nenhum abrigo além das grutas. *As grutas gritadoras*, segundo lhes chamam os homens dele. A Mãe Toupeira e aqueles que a seguiram morrerão aí, de frio e de fome. Centenas deles. Milhares.

— Milhares de inimigos. Milhares de *selvagens*.

Milhares de pessoas, pensou Jon. *Homens, mulheres, crianças*. A ira ergueu-se dentro dele, mas quando falou a sua voz estava calma e fria.

— Sois assim tão cego, ou será que não quereis ver? Que julgais vós que irá acontecer quando todos esses inimigos estiverem mortos?

Por cima da porta o corvo resmungou:

— *Mortos, mortos, mortos*.

— Deixai que vos diga o que acontecerá — disse Jon. — Os mortos voltarão a erguer-se, às centenas e aos milhares. Erguer-se-ão como criaturas, com mãos pretas e olhos azuis claros, e *virão contra nós*. — Pôs-se em pé, com os dedos da mão da espada a abrirem-se e a fecharem-se. — Tendes a minha licença para vos irdes embora.

O Septão Cellador ergueu-se de cara cinzenta e a suar, Othell Yarrowyck rigidamente, Bowen Marsh de lábios apertados e pálido.

— Obrigado pelo tempo dispensado, Lorde Snow. — E saíram sem mais palavra.

TYRION

A porca tinha melhor feitio do que alguns dos cavalos que tinha montado.

Paciente e de patas seguras, aceitou Tyrion quase sem um guincho quando lhe subiu para o dorso e permaneceu imóvel enquanto ele estendia a mão para o escudo e a lança. Mas quando lhe pegou nas rédeas e lhe encostou os pés aos flancos mexeu-se de imediato. O seu nome era Bonita, abreviatura de Porca Bonita, e fora treinada para usar sela e arreios desde os tempos de leitoa.

A armadura de madeira pintada estridulou quando a Bonita percorreu o convés a trote. Os sovaços de Tyrion formigavam com transpiração, e uma gota de suor escorria-lhe pela cicatriz abaixo, sob o elmo grande de mais que lhe servia mal, mas por um absurdo momento sentiu-se quase como Jaime, a cavalgar de lança na mão para um campo de torneios, com a armadura dourada a relampejar ao sol.

Quando as gargalhadas começaram, o sonho dissolveu-se. Não era campeão algum, só um anão montado num porco agarrado a um pau, a cabriolar para divertimento de uns irrequietos marinheiros ensopados em rum, na esperança de lhes melhorar o estado de espírito. Algures no inferno, o pai fervia e Joffrey soltava risadinhas. Tyrion sentia os olhos frios e mortos deles a observar aquela farsa de saltimbanco, tão ávidos como a tripulação do *Selaesori Qhoran*.

E agora aí vinha a sua adversária. Centava montava o grande cão cinzento, fazendo oscilar ebriamente a lança listada quando o animal percorreu o convés aos saltos. O escudo e a armadura tinham sido pintados de vermelho, apesar de a tinta estar lascada e a desvanecer-se; a armadura de Tyrion era azul. *Minha, não. Do Tostão. Rezo para que nunca seja minha.*

Tyrion deu com os calcanhares nos quadris de Bonita para a pôr a ritmo de arremetida, enquanto os marinheiros o incentivavam com aclamações e gritos. Não poderia ter afirmado com certeza se estariam a gritar encorajamentos ou a troçar dele, mas fazia uma ideia razoável. *Porque raio me deixei convencer a participar nesta farsa?*

Mas conhecia a resposta. Havia já doze dias que o navio estava preso numa calmaria no Golfo da Mágoa. O humor da tripulação andava feio, e era provável que se tornasse mais feio quando a ração diária de rum se esgotasse. Havia um número limitado de horas que um homem podia dedicar a remendar velas, a calafetar vazamentos e a pescar. Jorah Mormont ouvira

os resmungos sobre como a sorte dos anões lhes falhara. Embora o cozinheiro do navio ainda desse uma esfregadela à cabeça de Tyrion de vez em quando, na esperança de isso poder levantar algum vento, os outros tinham passado a deitar-lhe olhares venenosos sempre que atravessava os seus caminhos. A sorte de Centava era ainda pior, visto que o cozinheiro espalhou a ideia de que apertar os seios de uma anã talvez fosse precisamente o que lhes faria recuperar a sorte. Também se começara a referir à Porca Bonita como “Bacon,” um gracejo que parecera muito mais engraçado quando fora Tyrion a fazê-lo.

— Temos de os fazer rir — dissera Centava, suplicante. — Temos de os fazer gostar de nós. Se lhes apresentarmos um espetáculo, isso ajudá-los-á a esquecer. *Por favor, s’nhor.* — E de algum modo, de alguma forma, de alguma maneira, ele consentira. *Deve ter sido o rum.* O vinho do capitão fora a primeira coisa a esgotar-se. Tyrion Lannister descobrira que é possível ficar bêbado muito mais depressa com rum do que com vinho.

E assim deu por si vestido com a armadura de madeira pintada de Tostão, montado na porca de Tostão, enquanto a irmã de Tostão o instruía nas minudências da justa a fingir que fora o seu ganha-pão. Havia aí uma certa deliciosa ironia, considerando que Tyrion quase perdera uma vez a cabeça por se recusar a montar o cão para retorcido divertimento do so-brinho. Mas, sem que soubesse porquê, achava difícil apreciar o humor da coisa montado na porca.

A lança de Centava desceu mesmo a tempo da sua ponta romba lhe raspar no ombro; a dele oscilou quando a fez descer e colidir ruidosamente com um canto do escudo dela. A rapariga manteve-se sentada. Ele não. Mas enfim, era o que devia fazer.

Fácil como cair de um porco... se bem que cair daquele porco em particular fosse mais difícil do que parecia. Tyrion enrolou-se numa bola enquanto caía, lembrando-se da aula, mas mesmo assim atingiu o convés com um forte estrondo e mordeu a língua com tal força que lhe soube a sangue. Sentiu-se como se tivesse de novo doze anos e estivesse a cabriolar ao longo da mesa de jantar do grande salão de Rochedo Casterly. Nessa altura tinha o tio Gerion por perto para elogiar os seus esforços, em vez de marinheiros carrancudos. O riso destes pareceu escasso e tenso, comparado com as grandes gargalhadas que tinham acolhido as palhaçadas de Tostão e Centava no banquete de casamento de Joffrey, e alguns silvaram-lhe, zangados.

— Sem-Nariz, tu cavalgas como és, feio — gritou um homem do castelo de popa. — Não debes ter tomates, p’á deixar que uma moça te ganhe. — *Ele apostou em mim,* decidiu Tyrion. Deixou o insulto passar. Ouvira pior nos seus tempos.

A armadura de madeira tornava complicado levantar-se. Deu por si a esbracejar como uma tartaruga caída de costas. Isso, ao menos, pôs alguns dos marinheiros às gargalhadas. *Pena não ter partido uma perna, isso haveria de pô-los a uivar de riso. E se tivessem estado naquela latrina quando trespassei as tripas do meu pai, podiam ter rido o suficiente para cagarem as bragas como ele fez. Mas qualquer coisa serve para manter os malditos bastardos simpáticos.*

Por fim, Jorah Mormont apiedou-se das dificuldades de Tyrion e puxou-o, pondo-o em pé.

— Pareceste um idiota.

Era essa a intenção.

— É difícil parecer um herói quando se está montado num porco.

— Deve ser por isso que eu não me ponho em cima de porcos.

Tyrion desafiou o elmo, tirou-o e cuspiu borda fora uma escarreta rosada de sangue.

— Sinto-me como se tivesse arrancado meia língua à dentada.

— Da próxima vez morde com mais força. — Sor Jorah encolheu os ombros. — Em boa verdade, já vi piores justadores.

Aquilo foi um elogio?

— Caí do maldito porco e mordi a língua. O que é que pode ser pior do que isso?

— Apanhar com uma lasca no olho e morrer.

Centava saltara de cima do cão, um grande brutamontes cinzento chamado Trincão.

— A ideia não é justar bem, Hugor. — Tinha sempre o cuidado de lhe chamar Hugor quando alguém pudesse ouvir. — A ideia é fazê-los rir e atirar-nos moedas.

Fracô pagamento pelo sangue e as nódoas negras, pensou Tyrion, mas guardou também isso para si.

— Também falhámos nisso. Ninguém atirou moedas. — *Nem um centavo, nem um tostão.*

— Atirarão quando melhorarmos. — Centava tirou o elmo. O cabelo, castanho como a pelagem de um rato, derramou-se-lhe até às orelhas. Os seus olhos também eram castanhos por baixo de uma pesada testa, as bochechas eram lisas e estavam coradas. Tirou algumas bolotas de um saco de couro para a Porca Bonita. A porca comeu-as da sua mão, guinchando, contente. — Quando atuarmos para a Rainha Daenerys, vai chover prata, vais ver.

Alguns dos marinheiros estavam a gritar-lhes e a bater com os calcanhares no convés, exigindo outra justa. O cozinheiro do navio era o mais ruidoso, como sempre. Tyrion aprendera a desprezar aquele homem, mes-

mo apesar de ser o único jogador meio decente de *cynasse* que havia na coca.

— Vês? Gostaram de nós — disse Centava, com um sorrisinho esperançoso. — Vamos outra vez, Hugor?

Estava a ponto de recusar quando um grito vindo de um dos oficiais o poupou a essa necessidade. Estava-se a meio da manhã, e o capitão queria os barcos de novo no mar. A enorme vela listada da coca pendia flácida do mastro, como fazia há vários dias, mas o capitão tinha a esperança de que seria possível encontrar vento algures a norte. Isso significava remar. Mas os barcos eram pequenos e a coca grande; rebocá-la era trabalho quente, suado e esgotante que deixava as mãos cheias de bolhas e as costas a doer, e não conseguia coisa alguma. A tripulação odiava-o. Tyrion não podia censurá-la.

— A viúva devia ter-nos posto numa galé — resmungou amargamente. — Se alguém puder ajudar-me a sair destas malditas tábuas ficarei grato. Acho que tenho uma lasca espetada nas virilhas.

Mormont cumpriu esse dever, embora com pouca delicadeza. Centava reuniu o cão e a porca e levou-os a ambos para baixo.

— Podes querer dizer à tua senhora para manter a porta fechada e trancada quando estiver lá dentro — disse Sor Jorah enquanto desafivelava as correias que uniam a placa de peito à placa das costas. — Ando a ouvir demasiadas conversas sobre costeletas, presuntos e bacon.

— Aquela porca é metade do seu sustento.

— Uma tripulação ghisariota comeria também o cão. — Mormont separou a placa de peito da das costas. — Limita-te a dizer-lhe o que te disse.

— Como queiras. — Tinha a túnica ensopada de suor e pegada ao peito. Tyrion repuxou-a, ansiando por um pouco de brisa. A armadura de madeira era tão quente e pesada como desconfortável. Metade parecia ser tinta velha, camadas sobre camadas sobre camadas de tinta, de uma centena de anteriores pinturas. Lembrou-se de que no banquete de casamento de Joffrey um dos cavaleiros exibira o lobo gigante de Robb Stark, o outro as armas e cores de Stannis Baratheon. — Vamos precisar de ambos os animais se quisermos justar para a Rainha Daenerys — disse. Se os marinheiros metessem na cabeça matar a Porca Bonita, nem ele nem Centava podiam ter a esperança de lhes pôr travão... mas a espada de Sor Jorah podia pelo menos fazê-los hesitar.

— É assim que esperas ficar com a cabeça sobre os ombros, Duende?

— Sor Duende, por favor. E sim. Uma vez que Sua Graça conheça o meu verdadeiro valor, irá acarinhar-me. Eu sou um tipinho adorável, afinal de contas, e conheço muitas coisas úteis sobre a minha família. Mas até esse momento, é melhor que a mantenha divertida.

— Cabriola tudo o que quiseres, que isso não anulará os teus crimes. Daenerys Targaryen não é uma criança pateta para ser divertida por gracejos e trambolhões. Ela lidará contigo com justiça.

Oh, espero que não. Tyrion estudou Mormont com os seus olhos desiguais.

— E como te irá acolher a ti, esta rainha justa? Um abraço caloroso, um risinho de menina, um machado de carrasco? — Sorriu perante o óbvio desconcerto do cavaleiro. — Esperavas que eu acreditasse que estavas a tratar de assuntos da rainha naquele bordel? A defendê-la a meio mundo de distância? Ou seria que andavas a fugir, que a tua rainha dos dragões te expulsou de junto de si? Mas porque haveria ela... oh, espera, tu andavas a *espia-la*. — Tyrion soltou um som cacarejante. — Esperas comprar o caminho de regresso às suas boas graças presenteando-a com a minha pessoa. Um estratagema mal pensado, diria eu. Até se pode falar de um ato de desespero bêbado. Se eu fosse Jaime, talvez... mas Jaime matou o pai dela, eu só matei o meu. Achas que Daenerys vai executar-me e perdoar-te, mas o inverso é igualmente provável. Talvez *devesse* saltar para cima daquela porca, Sor Jorah. Enfiar um fato de retalhos de ferro, como Florian, o...

O murro que o grande cavaleiro lhe atirou virou-lhe a cabeça para trás e fê-lo cair de lado com tal força que a cabeça ricocheteou no convés. Sangue encheu-lhe a boca quando se voltou a apoiar num joelho. Cuspiu um dente partido. *Vou ficando mais bonito todos os dias, mas parece-me que meti o dedo numa ferida.*

— O anão disse alguma coisa que vos ofendesse, sor? — perguntou Tyrion inocentemente, a limpar bolhas de sangue do lábio ferido com as costas da mão.

— Estou farto da tua boca, anão — disse Mormont. — Ainda tens alguns dentes. Se queres ficar com eles, mantém-te longe de mim durante o resto desta viagem.

— Isso pode ser difícil. Partilhamos uma cabina.

— Podes arranjar outro lugar onde dormir. Lá em baixo no porão, cá em cima no convés, não importa. Desde que te mantinhas longe da minha vista.

Tyrion voltou a pôr-se de pé.

— Como quiserdes — respondeu com uma boca cheia de sangue, mas o grande cavaleiro já se tinha ido embora, fazendo ressoar as tábuas do convés com as botas.

Lá em baixo, na cozinha, estava a enxaguar a boca com rum e água e a estremecer com o quanto isso ardia quando Centava o encontrou.

— Ouvei falar do que aconteceu. Oh, estais ferido?

Encolheu os ombros.

— Um bocado de sangue e um dente partido. — *Mas acho que o magoei mais.* — E é ele um cavaleiro. É triste dizê-lo, mas não contaria com Sor Jorah no caso de precisarmos de proteção.

— Que fizestes? Oh, tendes o lábio a sangrar. — Tirou um lenço da manga e deu pancadinhas no lábio. — Que foi que dissestes?

— Algumas verdades que Sor Bezoar não queria ouvir.

— Não podeis troçar dele. Não sabeis *nada*? Não se pode falar dessa maneira com uma pessoa grande. Elas podem *magoar-vos*. Sor Jorah podia ter-vos atirado ao mar. Os marinheiros teriam rido de vos verem a afogar-vos. Tem de se ter cuidado perto de pessoas grandes. O meu pai sempre disse: sê alegre e brincalhona com eles, mantém-nos a sorrir, fá-los rir. O vosso pai nunca vos disse como agir com as pessoas grandes?

— O meu pai chamava-lhes genticinha — disse Tyrion — e ele não era aquilo a que se pode chamar um homem alegre. — Emborcou outro trago de rum aguado, bochechou com ele, cuspiu-o. — Mesmo assim, percebo o que queres dizer. Tenho muito a aprender sobre ser-se um anão. Talvez tenhas a bondade de me ensinar, entre as justas e as cavalgadas na porca.

— Ensinarei, s'nhor. De bom grado. Mas... que verdades foram essas? Porque foi que Sor Jorah vos bateu com tanta força?

— Ora, por amor. O mesmo motivo por que eu estufei aquele cantor. — Pensou em Shae, e na expressão que ela tinha nos olhos enquanto ele apertava a corrente em volta da sua garganta, torcendo-a no punho. Uma corrente de mãos douradas. *Pois mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.* — És donzela, Centava?

Ela corou.

— Sim. Claro. Quem teria...

— Fica assim. Amor é loucura e desejo é veneno. Conserva a tua virgindade. Ficarás mais feliz assim, e é menos provável que dês por ti num qualquer bordel sórdido no Roine com uma rameira que se parece um pouco com o teu amor perdido. — *Ou a correr meio mundo na esperança de encontrar o lugar para onde as rameiras vão.* — Sor Jorah sonha com salvar a sua rainha do dragão e em se refastelar com a sua gratidão, mas eu sei uma ou duas coisas sobre a gratidão dos reis, e preferia ter um palácio em Valíria. — Interrompeu-se de súbito. — Sentiste aquilo? O navio moveu-se.

— Senti. — A cara de Centava iluminou-se de alegria. — Estamos outra vez em movimento. O vento... — Correu para a porta. — Quero ver. Vinde, faço uma corrida convosco até lá acima. — E saiu.

Ela é nova, teve Tyrion de recordar a si próprio enquanto Centava corria para fora da cozinha e pela íngreme escada de madeira acima o mais depressa que as suas curtas pernas permitiam. *Quase uma criança.* Ainda assim, agradeceu-lhe ver o entusiasmo da rapariga. Seguiu-a para o convés.

A vela regressara à vida, enfunando-se, esvaziando-se, depois voltando a enfunar-se, com as riscas vermelhas da tela a contorcer-se como serpentes. Marinheiros precipitavam-se pelos conveses e puxavam cabos enquanto os oficiais berravam ordens na língua da Velha Volantis. Os remadores nos botes do navio tinham soltado os cabos de reboque e haviam virado para a coca, remando com força. O vento soprava de oeste, turbilhonnante e em rajadas, puxando por cabos e por mantos como uma criança travessa. O *Selaesori Qhoran* estava a caminho.

Afinal talvez cheguemos a Meereen, pensou Tyrion.

Mas quando subiu a escada que levava ao castelo de popa e olhou por sobre a popa, o sorriso esmoreceu. *Aqui é céu azul e mar azul, mas para oeste... nunca vi um céu daquela cor*. Uma grossa faixa de nuvens corria ao longo do horizonte.

— Uma barra sinistra — disse a Centava, apontando.

— Que quer isso dizer? — perguntou ela.

— Quer dizer que um grande bastardo se aproxima de nós por trás.

Surpreendeu-se por descobrir que Moqorro e dois dos seus fogosos dedos se lhes tinham juntado no castelo de popa. Era só meio-dia e não era hábito que o sacerdote vermelho e os seus homens saíssem da cabina até ao pôr-do-sol. O sacerdote fez-lhe um aceno solene.

— Ali a vê, Hugar Hill. A fúria do Deus. O Senhor da Luz não tolera que dele trocem.

Tyrion tinha um mau pressentimento a respeito daquilo.

— A viúva disse que este navio nunca chegaria ao seu destino. Julguei que isso queria dizer que depois de estarmos no mar, para lá do alcance dos triarcas, o capitão mudaria de rumo para Meereen. Ou talvez que vós capturásseis o navio com a vossa Mão Fugosa e nos levásseis a Daenerys. Mas não foi nada disso que o vosso alto sacerdote viu, pois não?

— Não. — A profunda voz de Moqorro repicava tão solenemente como um sino funerário. — O que ele viu foi isto. — O sacerdote vermelho ergueu o bastão e inclinou a cabeça deste para oeste.

Centava não estava a compreender.

— Não percebo. Que quer isso dizer?

— Quer dizer que é melhor descermos. Sor Jorah exilou-me da nossa cabina. Posso esconder-me na tua, quando o momento chegar?

— Sim — disse ela. — Seríeis... oh...

Durante a maior parte de três horas correram à frente do vento, enquanto a tempestade se aproximava. O céu ocidental tornou-se verde, depois cinzento, depois negro. Uma muralha de nuvens escuras erguia-se atrás deles, agitando-se como uma chaleira de leite deixada ao lume tempo demais. Tyrion e Centava observaram do castelo de proa, aninhados ao

lado da figura de proa e de mãos dadas, com o cuidado de se manterem fora do caminho do capitão e da tripulação.

A última tempestade fora entusiasmante, embriagante, uma borrasca súbita que o deixara a sentir-se purificado e refrescado. Esta foi diferente logo desde o início. O capitão também o sentia. Mudou de rota para nor-nordeste, para tentar sair do caminho da tormenta.

Foi um esforço fútil. Aquela tempestade era demasiado grande. Os mares em volta tornaram-se mais agitados. O vento começou a uivar. O *Intendente Fedorento* foi-se erguendo e caindo enquanto as vagas se lhe esmagavam contra o casco. Por trás deles, relâmpagos atiraram estocadas desde o céu, cegantes faíscas purpúreas que dançavam pelo mar em teias de luz. Seguiram-se trovões.

— Chegou a altura de nos escondermos. — Tyrion pegou no braço de Centava e levou-a para baixo.

A Bonita e o Trincão estavam ambos loucos de medo. O cão ladrava, ladrava, ladrava. Derrubou Tyrion quando entraram. A porca tinha andado a cagar por todo o lado. Tyrion limpou a porcaria o melhor que pôde enquanto Centava tentava acalmar os animais. Depois, ataram ou guardaram tudo o que estava ainda solto.

— Estou assustada — confessou Centava. A cabina começara a inclinar-se e a saltar, deslocando-se para um lado ou para o outro quando as vagas colidiam com o casco do navio.

Há maneiras de morrer piores que o afogamento. O teu irmão aprendeu esse facto, e o senhor meu pai também. E Shae, essa puta mentirosa. Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.

— Devíamos jogar um jogo — sugeriu Tyrion. — Isso pode ajudar a afastar-nos a ideia da tempestade.

— De *cyvasse* não — disse ela de imediato.

— De *cyvasse* não — concordou Tyrion, enquanto a coberta se erguia debaixo dele. Tentar jogar *cyvasse* só faria com que as peças voassem violentamente pela cabina e depois chovessem sobre a porca e o cão. — Quando eras rapariguinha alguma vez jogaste ao entra-no-meu-castelo?

— Não. Podeis ensinar-me?

Poderia? Tyrion hesitou. *Anão parvo. Claro que ela nunca jogou ao entra-no-meu-castelo. Ela nunca teve um castelo.* O entra-no-meu-castelo era um jogo para crianças de nascimento elevado, um jogo que se destinava a ensinar-lhes cortesia, heráldica e uma ou duas coisas sobre os amigos e inimigos dos senhores seus pais.

— Isso não vai... — começou a dizer. O convés voltou a balançar com violência, atirando-os um contra o outro. Centava soltou um guincho

de medo. — Esse jogo não vai servir — disse-lhe Tyrion, fazendo ranger os dentes. — Desculpa. Não sei que jogo...

— Eu sei. — Centava beijou-o.

Foi um beijo desastrado, apressado, desajeitado. Mas apanhou-o completamente de surpresa. As mãos saltaram para cima e agarraram-lhe os ombros, para a afastar. Em vez disso hesitou, e depois puxou-a para mais perto, apertando-a. Os lábios dela estavam secos, duros, mais bem fechados do que a bolsa de um avarento. *Uma pequena mercê*, pensou Tyrion. Aquilo não era nada que tivesse querido. Gostava de Centava, apiedava-se de Centava, até admirava Centava, de certa forma, mas não a desejava. Não tinha qualquer vontade de a magoar, porém; os deuses e a sua querida irmã já lhe tinham dado bastante mágoa. Portanto deixou o beijo prolongar-se, segurando-a gentilmente pelos ombros. Manteve os lábios firmemente fechados. O *Selaesori Qhoran* rolou e estremeceu à volta deles.

Por fim, ela afastou-se um par de centímetros. Tyrion conseguiu ver o seu reflexo a brilhar nos olhos dela. Olhos bonitos, pensou, mas viu também outras coisas. *Muito medo, um pouco de esperança... mas nem um bocadinho de luxúria. Ela não me deseja mais do que eu a ela.*

Quando ela baixou a cabeça, pôs-lhe a mão sob o queixo e voltou a erguê-la.

— Não podemos jogar esse jogo, senhora. — Lá em cima, o trovão estrondeou, agora bem perto.

— Eu nunca quis... nunca antes tinha beijado um rapaz, mas... só pensei, e se nos afogarmos, e eu... eu...

— Foi bom — mentiu Tyrion — mas sou casado. Ela estava comigo no banquete, talvez vos lembreis dela. A Senhora Sansa.

— Era a vossa esposa? Ela... ela era muito bela...

E falsa. Sansa, Shae, todas as minhas mulheres... Tysha foi a única que alguma vez me amou. Para onde vão as rameiras?

— Uma rapariga adorável — disse Tyrion — e estamos unidos aos olhos dos deuses e dos homens. Pode ser que ela esteja perdida para mim, mas até eu ter a certeza disso tenho de lhe ser fiel.

— Compreendo. — Centava afastou a cara da dele.

A minha mulher perfeita, pensou Tyrion com amargura. *Uma mulher ainda suficientemente nova para acreditar em mentiras tão óbvias.*

O casco estava a ranger, a coberta a mexer-se e a Bonita guinchava de aflição. Centava atravessou o chão da cabina a gatinhar, envolveu a cabeça da porca nos braços, e murmurou-lhe palavras tranquilizadoras. Olhando-as às duas, era difícil perceber quem estava a reconfortar quem. A cena era tão grotesca que devia ter sido hilariante, mas Tyrion não conseguiu sequer encontrar um sorriso. *A rapariga merece melhor que uma porca*, pen-

sou. *Um beijo honesto, um pouco de bondade, todas as pessoas merecem isso, por maiores ou mais pequenas que sejam.* Olhou em volta em busca da taça de vinho, mas quando a achou todo o rum se tinha derramado. *Afogar-me já é suficientemente mau, refletiu com amargura, mas afogar-me triste e sóbrio é demasiado cruel.*

No fim de contas, não se afogaram... embora tivesse havido alturas em que a perspectiva de um belo e pacífico afogamento tivesse exercido uma certa atração. A fúria da tempestade prosseguiu durante o resto desse dia, penetrando bem noite dentro. Ventos húmidos uivaram em volta deles e vagas ergueram-se como os punhos de gigantes afogados, indo esmagar-se-lhes no convés. Mais tarde ficaram a saber que lá em cima um oficial e dois marinheiros foram atirados borda fora, que o cozinheiro do navio ficou cego quando um tacho de gordura quente lhe saltou para a cara, e que o capitão foi atirado do castelo de popa para o convés principal com tal violência que partiu ambas as pernas. Em baixo, Trincão uivou e ladrou e tentou morder Centava, e a Porca Bonita desatou outra vez a cagar, transformando a exígua e húmida cabina num chiqueiro. Tyrion conseguiu evitar não passar por tudo isso a vomitar, graças principalmente à falta de vinho. Centava não teve tanta sorte, mas Tyrion abraçou-a na mesma enquanto o casco do navio rangia e gemia de forma alarmante à volta deles, como uma pipa prestes a rebentar.

Perto da meia-noite, os ventos finalmente amainaram, e o mar acalmou o suficiente para Tyrion voltar a subir ao convés. O que aí viu não o tranquilizou. A coca estava à deriva num mar de vidro de dragão sob uma abóbada de estrelas, mas a toda a volta a tempestade continuava a enfurecer-se. Para leste, oeste, norte, sul, para onde quer que olhasse as nuvens erguiam-se como montanhas negras, cujas encostas precipitosas e colossais penhascos ganhavam vida com relâmpagos azuis e purpúreos. Não caía qualquer chuva mas, debaixo dos seus pés, o convés estava escorregadio e húmido.

Tyrion ouviu alguém a gritar de baixo, uma voz fina e aguda, histérica de medo. Também conseguia ouvir Moqorro. O sacerdote vermelho estava em pé no castelo de proa, encarando a tempestade, com o bordão erguido acima da cabeça enquanto trovejava uma prece. A meia-nau, uma dúzia de marinheiros e dois dos dedos ferosos estavam a lutar com cabos emaranhados e tela ensopada, mas Tyrion nunca soube se estariam a tentar voltar a içar a vela ou a arreá-la. Fosse o que fosse que os homens estavam a tentar fazer, pareceu-lhe uma péssima ideia. E era mesmo.

O vento regressou como uma ameaça sussurrada, frio e húmido, roçando-lhe na cara, fazendo esvoaçar a vela húmida, rodopiando e puxando pelas vestes escarlates de Moqorro. Um instinto qualquer levou Tyrion a

agarrar-se à amurada mais próxima, e mesmo a tempo. No espaço de três segundos, a pequena brisa transformou-se numa ventania uivante. Moqorro gritou qualquer coisa, e chamas verdes saltaram da goela do dragão no topo do seu bordão e foram desaparecer na noite. Então chegaram as chuvas, negras e cegantes, e tanto o castelo de proa como o de popa desapareceram por trás de uma muralha de água. Algo enorme esvoaçou por cima da cabeça de Tyrion, e o anão olhou para cima a tempo de ver a vela a enfunar-se, ainda com dois homens a pender dos cabos. De seguida, ouviu um estalo. *Oh, maldito inferno*, teve tempo de pensar, *aquilo só pode ter sido o mastro*.

Encontrou um cabo e puxou-o, lutando por avançar na direção da escotilha a fim de se abrigar em baixo, fora da tempestade, mas uma rajada de vento fê-lo perder o apoio dos pés e uma segunda atirou-o contra a amurada e aí o deixou agarrado. Chuva chicoteou-lhe a cara, cegando-o. Tinha a boca outra vez cheia de sangue. O navio gemeu e rosnou debaixo dele como um homem com prisão de ventre e fazer força para cagar.

Então, o mastro rebentou.

Tyrion não o chegou a ver, mas ouviu-o. De novo aquele som de estalar e depois um grito de madeira torturada, e de súbito o ar ficou cheio de estilhaços e lascas. Uma não lhe acertou no olho por centímetro e meio, uma segunda foi dar com o seu pescoço, uma terceira espetou-se-lhe na barriga da perna, atravessando botas, bragas e tudo. Gritou. Mas agarrou-se ao cabo, agarrou-se com uma força desesperada que não sabia ter. *A viúva disse que este navio nunca chegaria ao seu destino*, recordou. Depois riu e riu, com descontrolo e histeria, enquanto o trovão estrondeava, os madeiramentos gemiam e ondas se esmagavam a toda a volta.

Quando a tempestade amainou e os sobreviventes, entre os passageiros e a tripulação, regressaram de gatas ao convés, como pálidos vermes rosados a vir à superfície, contorcendo-se, após uma chuvada, o *Selaesori Qhoran* era uma coisa quebrada, flutuando meio afundado na água e adornado dez graus para bombordo, com o casco fendido em meia centena de sítios, o porão submerso em água do mar, o mastro transformado numa ruína estilhaçada que não era mais alta do que um anão. Nem a figura de proa escapara; um dos seus braços partira-se, aquele que tinha todos os pergaminhos. Nove homens tinham-se perdido, incluindo um oficial, dois dos dedos fogueiros, e o próprio Moqorro.

Terá Benerro visto isto nas suas fogueiras?, perguntou Tyrion a si próprio, quando se apercebeu de que o enorme sacerdote vermelho desaparecera. *E Moqorro, terá visto isto?*

— A profecia é como uma mula meio treinada — queixou-se a Jorah Mormont. — Parece poder vir a ser útil, mas no momento em que se confia

nela, dá-nos um coice na cabeça. Aquela maldita viúva sabia que o navio nunca chegaria ao seu destino, avisou-nos disso, disse que Benerro o tinha visto nas suas fogueiras, só que eu julguei que isso queria dizer... bem, que importa? — A boca torceu-se-lhe. — O que queria realmente dizer era que uma tempestade grande como o raio nos ia transformar o mastro em acendalhas para ficarmos à deriva, sem rumo, no Golfo da Mágoa, até se nos esgotar a comida e começarmos a comer-nos uns aos outros. Quem te parece que vão trincar primeiro... a porca, o cão, ou eu?

— O mais ruidoso, diria eu.

O capitão morreu no dia seguinte, o cozinheiro do navio três noites mais tarde. O restante da tripulação foi só com grande esforço que manteve o destroço a flutuar. O oficial que assumira o comando calculou que estivessem algures ao largo da ponta meridional da Ilha dos Cedros. Quando baixou os botes do navio para os rebocar na direção da terra mais próxima, um deles afundou-se e os homens que estavam no outro cortaram o cabo e afastaram-se rumo a norte, abandonando a coca e todos os companheiros.

— Escravos — disse Jorah Mormont, com desprezo.

O grande cavaleiro passara a tempestade a dormir, de acordo com o que dizia. Tyrion tinha as suas dúvidas, mas guardou-as para si. Um dia podia querer morder alguém na perna, e para isso era preciso ter-se dentes. Mormont pareceu satisfeito por ignorar o desacordo entre ambos, portanto Tyrion decidiu fingir que não acontecera.

Derivaram durante dezanove dias, enquanto a comida e a água se iam reduzindo. O sol espancava-os, inexorável. Centava aninhava-se na cabina com o cão e a porca e Tyrion levava-lhe comida, coxeando sobre a sua coxa ligada e farejando o ferimento à noite. Quando não tinha mais nada para fazer também picava os dedos dos pés e das mãos. Sor Jorah fazia questão de afiar a espada todos os dias, amolando a ponta até a deixar a cintilar. Os três dedos fagosos que restavam acendiam a fogueira noturna quando o Sol se punha, mas usavam as ornamentadas armaduras enquanto lideravam as preces da tripulação, e tinham as lanças à mão. E nem um único marinheiro tentou esfregar a cabeça de nenhum dos anões.

— Não devíamos voltar a justar para eles verem? — perguntou Centava uma noite.

— É melhor não — disse Tyrion. — Isso só ia servir para lhes fazer lembrar que temos um belo porco rechonchudo. — Isto muito embora a Bonita se fosse tornando menos rechonchuda a cada dia que passava, e Trincão fosse só pele e osso.

Nessa noite, voltou a sonhar que estava de regresso a Porto Real, com uma besta na mão.

— Para onde quer que as rameiras vão — disse o Lorde Tywin, mas

quando o dedo de Tyrion se contraiu e a corda da besta soltou um *trum*, foi Centava quem ficou com o dardo enterrado na barriga.

Acordou ao som dos gritos.

O convés movia-se debaixo do corpo, e durante meio segundo ficou tão confuso que julgou estar de volta à *Tímida Donzela*. Um bafo a merda de porco devolveu-lhe o juízo. As Mágoas estavam agora para trás de si, a meio mundo de distância, e as alegrias desses tempos também. Lembrou-se do belo aspeto de Lemore depois dos seus banhos matinais, com gotas de água a reluzir na pele nua, mas ali a única donzela era a sua pobre Centava, a pequena anã atrofiada.

Algo se passava, contudo. Tyrion esgueirou-se para fora da rede, bocejando, e olhou em volta à procura das botas. E, louco como estava, procurou também pela besta, mas claro que nada havia do género para descobrir. *Uma pena*, matutou, *podia servir de alguma coisa quando a gente grande viesse comer-me*. Calçou as botas e subiu ao convés para ver qual o motivo da gritaria. Centava chegara lá antes dele, com os olhos dilatados de assombro.

— Uma vela — gritou — ali, ali, estás a ver? Uma vela, e eles viram-nos, viram-nos mesmo. Uma *vela*.

Daquela vez beijou-a... uma vez em cada bochecha, uma vez na testa e uma última na boca. Ela estava corada e a rir quando chegou ao último beijo, de novo tímida, mas não importava. O outro navio aproximava-se. Uma galé das grandes, viu Tyrion. Os seus remos deixavam uma longa esteira branca para trás.

— Que navio é aquele? — perguntou a Sor Jorah Mormont. — Conseguis ler o seu nome?

— Não preciso de ler o nome. Estamos contra o vento. Consigo cheirá-lo. — Mormont puxou pela espada. — Aquilo é um traficante de escravos.

O VIRA-MANTOS

Os primeiros flocos começaram a cair na altura em que o Sol se punha a oeste. Quando a noite caiu nevava tanto que a Lua se ergueu por trás de uma cortina branca, sem ser vista.

— Os deuses do norte libertaram a sua fúria contra o Lorde Stannis — anunciou Roose Bolton ao chegar a manhã, quando os homens se reuniram no Grande Salão de Winterfell para quebrar o jejum. — Aqui é um estranho, e os deuses antigos não toleram que sobreviva.

Os seus homens rugiram em aprovação, esmurrando as longas mesas de tábuas. Winterfell podia estar arruinado, mas as suas paredes de granito continuavam a manter afastado o pior do vento e do mau tempo. Estavam bem abastecidos de comida e bebida; tinham fogos para se aquecerem quando não estavam de serviço, um lugar onde secarem a roupa, cantos aconchegados onde se deitarem e dormirem. O Lorde Bolton preparara lenha em quantidade suficiente para manter os fogos alimentados durante meio ano, e por conseguinte o Grande Salão estava sempre morno e acolhedor. Stannis não tinha nada disso.

Theon Greyjoy não se juntou às aclamações. E, como não deixou de reparar, os homens da Casa Frey também não. *Eles também são aqui estranhos*, pensou, observando Sor Aenys Frey e o seu meio-irmão Sor Hosteen. Nascidos e criados nas terras fluviais, os Frey nunca tinham visto um nevão como aquele. *O norte já reclamou para si três dos do seu sangue*, pensou Theon, lembrando-se dos homens que Ramsay procurara infrutiferamente, perdidos entre Porto Branco e a Vila Acidentada.

No estrado, o Lorde Wyman Manderly estava sentado entre dois dos seus cavaleiros de Porto Branco, enfiando na sua gorda cara colheradas de papas. Não parecia estar a gostar tanto, nem de perto nem de longe, como gostara dos empadões de porco da boda. Noutra ponta, o maneta Harwood Stout conversava em voz baixa com o cadavérico Terror-das-Rameiras Umber.

Theon juntou-se à fila dos outros homens que esperavam as papas, as quais eram tiradas às conchadas de panelas de cobre e despejadas em tigelas de madeira. Viu que os senhores e cavaleiros tinham leite e mel e até um pouco de manteiga para adoçar as suas doses, mas nada disso lhe seria oferecido. O seu reinado enquanto Príncipe de Winterfell fora breve. Desempenhara o seu papel naquele espetáculo de saltimbancos,

entregando a falsa Arya para ser casada, e agora já não tinha préstimo para Roose Bolton.

— No primeiro inverno de que me lembro, as neves subiram mais alto que a minha cabeça — disse um homem de Boscorno na fila à sua frente.

— Pois, mas nessa altura só tinhas um metro de altura — replicou um cavaleiro dos Regatos.

Na noite anterior, incapaz de dormir, Theon dera por si a matutar em fugir, em escapulir-se sem ser visto enquanto Ramsay e o senhor seu pai tinham a atenção posta noutras coisas. Mas todos os portões estavam fechados, trancados e fortemente guardados; a ninguém era permitido entrar ou sair do castelo sem a licença do Lorde Bolton. Mesmo se encontrasse alguma maneira secreta de sair, Theon não teria confiado nela. Não se esquecera de Kyra e das suas chaves. E se sáisse, para onde iria? O pai estava morto, e não tinha nenhum préstimo para os tios. Pyke estava perdido para ele. A coisa mais próxima de um lar que lhe restava era ali, entre os ossos de Winterfell.

Um homem arruinado, um castelo arruinado. O meu lugar é este.

Ainda estava à espera das papas quando Ramsay entrou de rompante no salão com os seus Rapazes do Bastardo, a gritar por música. Abel esfregou o sono para longe dos olhos, pegou no alaúde, e atirou-se a “A Mulher do Dornês,” enquanto uma das suas lavadeiras batia o tempo no tambor. Mas o cantor alterou as palavras. Em vez de provar a mulher de um dornês, cantou sobre provar a filha de um nortenho.

Podia perder a língua por aquilo, pensou Theon enquanto a tigela era enchida. É só um cantor. O Lorde Ramsay podia arrancar-lhe a pele das duas mãos e ninguém diria uma palavra. Mas a letra fez o Lorde Bolton sorrir e Ramsay riu alto. Então os outros ficaram a saber que era seguro rir também. O Picha Amarela achou a canção tão engraçada que até lhe saiu vinho pelo nariz.

A Senhora Arya não se encontrava presente para participar no divertimento. Não saíra dos seus aposentos desde a noite do casamento. O Alyn Azedo tinha andado a dizer que Ramsay mantinha a noiva nua e acorrentada a uma das colunas da cama, mas Theon sabia que isso era só boato. Não havia correntes, pelo menos não existia nenhuma que os homens pudessem ver. Só um par de guardas à porta do quarto, para evitar que a rapariga deambulasse. *E só fica nua quando toma banho.*

Isso, contudo, era algo que fazia quase todas as noites. O Lorde Ramsay queria a mulher limpa.

— Não tem aias, coitadinha — dissera ele a Theon. — Restas tu, Cheirete. Achas que te devo vestir com um vestido? — Rira-se. — Talvez se mo

suplicares. Por agora, bastará que sejas a sua aia de banhos. Não a quero a cheirar como tu. — Portanto, sempre que Ramsay tinha vontade de se deitar com a mulher, cabia a Theon ir pedir emprestadas umas criadas à Senhora Walda ou à Senhora Dustin, e trazer água quente das cozinhas. Embora Arya nunca falasse com nenhuma delas, não podiam evitar ver-lhe as nódoas negras. *Foi culpa dela. Não o satisfez.*

— Limita-te a ser Arya — dissera uma vez à rapariga, enquanto a ajudava a entrar na água. — O Lorde Ramsay não te quer magoar. Ele só nos magoa quando nós... quando nos esquecemos. Nunca me cortou sem motivo.

— Theon... — sussurrara ela, chorando.

— Cheirete. — Agarrara-lhe no braço e sacudira-a. — Aqui sou Cheirete. Tens de te lembrar, Arya. — Mas a rapariga não era uma verdadeira Stark, só a pirralha de um intendente. *Jeyne, o nome dela é Jeyne. Não devia procurar salvamento em mim.* Theon Greyjoy talvez tivesse tentado ajudá-la, em tempos. Mas Theon nascera no ferro, e era um homem mais corajoso do que o Cheirete. *Cheirete, Cheirete, rima com tapete.*

Ramsay tinha um novo brinquedo para o divertir, um brinquedo com mamas e uma coninha... mas depressa as lágrimas de Jeyne perderiam o sabor, e Ramsay voltaria a querer o seu Cheirete. *Vai esfolar-me centímetro a centímetro. Quando ficar sem dedos, cortar-me-á as mãos. Depois dos dedos dos pés, os pés. Mas só quando eu o suplicar, quando a dor for tão insuportável que lhe suplique que me dê algum alívio.* Não haveria banhos quentes para o Cheirete. Voltaria a rebolar em merda, proibido de se lavar. A roupa que usava transformar-se-ia em farrapos, nojentos e fedorentos, e seria obrigado a usá-los até apodrecerem. O melhor que podia esperar era ser devolvido aos canis com as raparigas de Ramsay por companhia. *Kyra*, recordou. *Chama Kyra à cadela nova.*

Levou a tigela para o fundo do salão e arranjou lugar num banco vazio, a metros do archote mais próximo. De dia ou de noite, os bancos abaixo do sal nunca estavam menos de meio cheios de homens a beber, a jogar aos dados, a conversar ou a dormir vestidos em cantos sossegados. Os seus sargentos acordavam-nos ao pontapé quando chegava a sua vez de se voltarem a encolher nos mantos e percorrer as muralhas. Mas nenhum homem entre eles acolheria bem a companhia de Theon Vira-Mantos, e ele tampouco tinha grande gosto pelas deles.

As papas estavam cinzentas e aguadas, e pô-las de parte depois da terceira colherada, deixando que coagulassem na tigela. Na mesa seguinte, homens estavam a discutir sobre a tempestade interrogando-se em voz alta sobre quanto tempo a neve levaria a cair.

— Todo o dia e toda a noite, e pode ser ainda mais tempo — insistia

um arqueiro grande de barba negra com um machado Cerwyn cosido ao peito. Alguns dos homens mais velhos falavam de outros nevões e insistiam que aquilo não passava de uma nevasczinha quando comparada com o que tinham visto nos invernos da juventude. Os homens do rio estavam aterrados. *Não têm qualquer gosto pela neve e o frio, estas espadas do sul.* Homens que entravam no salão aninhavam-se junto aos fogos ou batiam palmas por cima de braseiros incandescentes enquanto os mantos pendiam a pingar de cavilhas junto da porta.

O ar estava denso e fumarento e formara-se uma crosta por cima das suas papas quando uma voz de mulher atrás dele disse:

— Theon Greyjoy?

O meu nome é Cheirete, quase respondeu.

— Que queres?

Ela sentou-se a seu lado, a cavalo no banco, e afastou dos olhos uma depenteada madeixa de cabelo castanho-arruivado.

— Porque comeis sozinho, s'nhor? Vinde, levantai-vos, juntai-vos à dança.

Theon regressou às papas.

— Eu não danço. — O Príncipe de Winterfell fora um dançarino elegante, mas o Cheirete, com os dedos que lhe faltavam, seria grotesco. — Deixa-me em paz. Não tenho dinheiro.

A mulher fez um sorriso torto.

— Tomais-me por uma rameira? — Era uma das lavadeiras do cantor, a alta e escanzelada, demasiado esguia e coriácea para lhe chamarem bonita... se bem que tivesse havido uma altura em que Theon a teria derubado na mesma, para ver como era ter aquelas longas pernas enroladas à sua volta. — Para que me serve aqui o dinheiro? Que compraria com ele, um bocado de neve? — Ela riu-se. — Podíeis pagar-me com um sorriso. Nunca vos vi sorrir, nem mesmo durante o banquete de casamento da vossa irmã.

— A Senhora Arya não é minha irmã. — *E eu não sorrio*, podia ter-lhe dito. *Ramsay odiava os meus sorrisos, portanto atirou-me um martelo aos dentes. Mal consigo comer.* — Nunca foi minha irmã.

— Mas é uma donzela bonita.

Eu nunca fui bela como Sansa, mas todos diziam que era bonita. As palavras de Jeyne pareceram ecoar na sua cabeça, ao ritmo dos tambores que duas das outras raparigas de Abel estavam a tocar. Outra puxara o Walder Pequeno Frey para cima da mesa a fim de lhe ensinar a dançar. Todos os homens se riam.

— Deixa-me em paz — disse Theon.

— Não sou do agrado do s'nhor? Podia mandar-vos a Myrtle, se qui-

serdes. Ou a Holly, talvez gostásseis mais dela. Todos os homens gostam da Holly. Elas também não são minhas irmãs, mas são simpáticas. — A mulher aproximou-se mais. O seu hálito cheirava a vinho. — Se não tendes um sorriso para mim, contai-me como capturastes Winterfell. O Abel poria a história numa canção, e vós viveríeis para sempre.

— Como traidor. Como Theon Vira-Mantos.

— E porque não Theon, o Esperto? Foi um feito audaz, segundo ouvimos dizer. Quantos homens tínheis? Uma centena? Cinquenta?

Menos.

— Foi uma loucura.

— Gloriosa loucura. Stannis tem cinco mil, segundo dizem, mas Abel diz que nem dez vezes mais conseguiriam abrir uma brecha nestas muralhas. Portanto como foi que vós entrastes, s'nhor? Tínheis alguma maneira secreta?

Tinha cordas, pensou Theon. Tinha fateixas. Tinha a escuridão do meu lado, e a surpresa. O castelo tinha apenas uma guarnição ligeira, e eu apanhei-os desprevenidos. Mas não disse nada disso. Se Abel fizesse uma canção sobre ele, o mais certo era Ramsay furar-lhe os tímpanos para se assegurar de que nunca a ouviria.

— Podeis confiar em mim, s'nhor. O Abel confia. — A lavadeira pôs a mão sobre a dele. As mãos de Theon estavam enluvadas em lã e couro. As dela estavam nuas e tinham dedos longos, rudes, com unhas roídas até ao sabugo. — Não chegastes a perguntar-me o nome. É Rowan.

Theon afastou-se bruscamente. Aquilo era um truque, sabia que era. *Foi Ramsay que a enviou. É outra das suas brincadeiras, como a Kyra com as chaves. Uma alegre brincadeira, nada mais. Quer que eu fuja, para poder punir-me.*

Apeteceu-lhe bater-lhe, arrancar-lhe aquele sorriso trocista da cara. Apeteceu-lhe beijá-la, fodê-la ali mesmo na mesa e obrigá-la a gritar o seu nome. Mas sabia que não se atrevia a tocar-lhe, em fúria ou em desejo. *Cheirete, Cheirete, o meu nome é Cheirete. Não posso esquecer o meu nome.* Pôs-se em pé de um salto, e abriu caminho sem uma palavra até às portas, manquejando sobre os pés mutilados.

Lá fora, a neve continuava a cair. Húmida, pesada, silenciosa, já começara a cobrir os passos deixados pelos homens que iam e vinham do salão. Os montes de neve acumulada chegavam-lhe quase ao topo das botas. *Na mata de lobos deve estar mais profunda... e na estrada de rei, onde o vento sopra, não haverá forma de lhe fugir.* No pátio travava-se uma batalha; Ryswells a fazer chover bolas de neve sobre rapazes de Vila Acidentada. Lá em cima, viam-se alguns escudeiros a construir bonecos de neve nas ameias. Estavam a armá-los com lanças e escudos, pondo-lhes meios elmos

de ferro nas cabeças, e dispendo-os ao longo da muralha interior, uma fileira de sentinelas de neve.

— O Senhor Inverno juntou-se-nos com os seus recrutas — brincou uma das sentinelas que estava à porta do Grande Salão... até que viu a cara de Theon, e se apercebeu de quem era o homem com quem estava a falar. Depois virou a cabeça e cuspiu.

Atrás das tendas, os grandes corcéis dos cavaleiros de Porto Branco e das Gémeas tremiam nas suas fileiras de cavalos. Ramsay queimara os estábulos quando saqueara Winterfell, portanto o pai construíra outros novos duas vezes maiores do que os antigos, para acolher os cavalos de guerra e palafreiros dos senhores e cavaleiros seus vassalos. O resto dos cavalos estava amarrado nos pátios. Palafreiros encapuzados deslocavam-se entre eles, cobrindo-os com mantas para os manterem quentes.

Theon dirigiu-se mais para o interior das partes arruinadas do castelo. Enquanto avançava pela pedra estilhaçada que fora em tempos o torreão do Mestre Luwin, corvos observavam-no do rasgão na parede, mais acima, resmungando uns com os outros. De vez em quando, um lançava um grito roufenho. Parou na entrada de um quarto que em tempos fora seu (enterrado até aos tornozelos em neve que entrara por uma janela partida), visitou as ruínas da forja de Mikken e do septo da Senhora Catelyn. Sob a Torre Queimada, passou por Rickard Ryswell, que tinha o nariz enterrado no pescoço de outra das lavadeiras de Abel, a rechonchuda com bochechas rosadas e nariz arrebitado. A rapariga estava descalça na neve, envolta num manto de peles. Theon achou que provavelmente estaria nua por baixo. Quando o viu, disse qualquer coisa ao Ryswell que o fez soltar uma gargalhada.

Theon afastou-se pesadamente deles. Havia uma escada atrás dos estábulos, raramente usada; foi para aí que os pés o levaram. Os degraus eram íngremes e traiçoeiros. Subiu com cuidado, e deu por si sozinho nas ameias da muralha interior, bem longe dos escudeiros e dos seus bonecos de neve. Ninguém lhe dera liberdade de castelo, mas também ninguém lha negara. Podia ir onde quisesse, dentro das muralhas.

A muralha interior de Winterfell era a mais antiga e a mais alta das duas, e as suas antigas ameias cinzentas erguiam-se a uma altura de trinta metros, com torres quadradas em cada canto. A muralha exterior, erguida muitos séculos mais tarde, era seis metros mais baixa, mas era mais espessa e estava em melhor estado, ostentando torres octogonais em vez de quadradas. Entre as duas muralhas ficava o fosso, profundo e largo... e gelado. Montes de neve tinham começado a avançar pela superfície gelada. Neve também se acumulava ao longo das ameias, enchendo os intervalos entre os merlões e pondo suaves coruchéus brancos no topo de todas as torres.

Para lá das muralhas, até tão longe quanto a vista alcançava, o mundo estava a ficar branco. Os bosques, os campos, a estrada de rei — as neves estavam a cobri-los a todos sob um suave manto branco, enterrando os restos da vila de inverno, escondendo as paredes enegrecidas que os homens de Ramsay tinham deixado para trás quando passaram as casas pelo archote. *As feridas que o Snow fez, a neve esconde*, mas isso não estava certo. Ramsay era agora um Bolton, não um Snow, nunca um Snow.

Mais longe, a estrada sulcada desaparecera, perdida entre os campos e colinas onduladas, tudo uma vasta extensão branca. E a neve continuava a cair, pairando em silêncio de um céu sem vento. *Stannis Baratheon está algures por ali, gelando*. Iria o Lorde Stannis tentar tomar Winterfell de assalto? *Se o fizer, a sua causa está condenada*. O castelo era forte demais. Mesmo com o fosso coberto de gelo, as defesas de Winterfell continuavam a ser formidáveis. Theon capturara o castelo pela calada, mandando os seus melhores homens escalar as muralhas e atravessar o fosso a nado a coberto da escuridão. Os defensores nem sequer se tinham apercebido de que estavam sob ataque até ser tarde demais. Nenhum subterfúgio semelhante era possível para Stannis.

Ele talvez preferisse isolar o castelo do mundo exterior e vencer os defensores pela fome. Os armazéns e as adegas de Winterfell estavam vazios. Uma longa coluna logística tinha atravessado o Gargalo com Bolton e os seus amigos de Frey, a Senhora Dustin trouxera de Vila Acidentada comida e rações para os animais, e o Lorde Manderly chegara bem aprovisionado de Porto Branco... mas a hoste era grande. Com tantas bocas para alimentar, as suas reservas não podiam durar muito tempo. *Mas o Lorde Stannis e os seus amigos deverão estar igualmente esfomeados. E também com frio e com bolhas nos pés, nada em condições para um combate... se bem que a tempestade os vá deixar desesperados para entrarem no castelo*.

A neve também estava a cair no bosque sagrado, derretendo quando tocava no chão. Sob as árvores cobertas de branco a terra transformara-se em lama. Gavinhas de névoa pairavam no ar como fitas fantasmagóricas. *Porque foi que vim cá? Estes não são os meus deuses. Este lugar não é meu*. A árvore coração estava na frente dele, um pálido gigante com uma cara esculpida e folhas que eram como mãos sangrentas.

Uma fina película de gelo cobria a superfície da lagoa sob o represeiro. Theon caiu sobre os joelhos a seu lado.

— Por favor — murmurou por entre os dentes quebrados — eu nunca quis... — As palavras prenderam-se-lhe na garganta. — Salvai-me — conseguiu por fim dizer. — Dai-me... — *O quê? Força? Coragem? Misericórdia?* A neve caía à sua volta, pálida e silenciosa, guardando os conselhos para si. O único som era um ténue e suave soluçar. *Jeyne*, pensou. *É ela, a*

soluçar na sua cama de noiva. Quem mais poderá ser? Os deuses não choravam. Ou chorarão?

O som era demasiado doloroso para suportar. Theon agarrou um ramo e puxou-se até se pôr em pé, sacudiu a neve das pernas e regressou a coxear na direção das luzes. *Há fantasmas em Winterfell*, pensou, *e eu sou um deles.*

Mais bonecos de neve tinham crescido no pátio quando Theon Greyjoy regressou. Para comandar as sentinelas nevadas nas muralhas, os escudeiros tinham erguido uma dúzia de senhores nevados. Um pretendia claramente ser o Lorde Manderly; era o boneco de neve mais gordo que Theon vira na vida. O senhor maneta só podia ser Harwood Stout, a senhora de neve Barbrey Dustin. E aquele que estava mais perto da porta, com a barba feita de pingentes, tinha de ser o Terror-das-Rameiras Umber.

Lá dentro, os cozinheiros estavam a servir estufado de carne de vaca e cevada, cheio de cenouras e cebolas, em trinchos abertos em pães do dia anterior. Eram atirados bocados para o chão, que eram devorados pelas raparigas de Ramsay e pelos outros cães.

As raparigas mostraram-se felizes por vê-lo. Conheciam-no pelo cheiro. A Jeyne Vermelha aproximou-se aos saltos e lambeu-lhe a mão, e Helicent enfiou-se debaixo da mesa e enrolou-se aos seus pés, roendo um osso. Eram bons cães. Era fácil esquecer que cada um recebera o nome de uma rapariga que Ramsay caçara e matara.

Fatigado como estava, Theon tinha apetite suficiente para comer um pouco de estufado, empurrado para baixo com cerveja. Por essa altura já o salão se enchera de vozes roufenhas. Dois dos batedores de Roose Bolton tinham regressado pelo Portão do Caçador para relatar que o avanço do Lorde Stannis abrandara até quase parar. Os seus cavaleiros montavam corcéis de batalha, e os grandes cavalos afundavam-se na neve. Os pequenos garranos de patas seguras dos clãs da montanha estavam a portar-se melhor, segundo os batedores, mas os homens dos clãs não se atreviam a avançar demasiado para evitar que a hoste se desfizesse. O Lorde Ramsay ordenou a Abel para lhes cantar uma canção de marcha em honra da difícil caminhada de Stannis pelas neves, de modo que o bardo voltou a pegar no alaúde, enquanto uma das suas lavadeiras convenceu o Alyn Azedo a emprestar-lhe uma espada e imitou Stannis a atirar espadeiradas aos flocos de neve.

Theon estava a fitar os últimos restos da terceira caneca quando a Senhora Barbrey Dustin entrou de rompante no salão e ordenou a dois dos homens a si ajuramentados que o levassem até ela. Quando parou abaixo do estrado, ela olhou-o de cima a baixo e soltou uma fungadela.

— Essa é a mesma roupa que usastes no casamento.

— Sim, senhora. É a roupa que me foi dada. — Essa era uma das lições que aprendera no Forte do Pavor: aceitar o que lhe era dado, e nunca pedir mais.

A Senhora Dustin vestia de negro, como sempre, embora as mangas estivessem forradas de veiro. O vestido tinha um colarinho alto e rígido que lhe enquadrava a cara.

— Vós conheceis este castelo.

— Conheci em tempos.

— Algures por baixo de nós encontram-se as criptas onde os velhos reis Stark estão sentados nas trevas. Os meus homens não foram capazes de encontrar a entrada. Percorreram todas as galerias e caves, andaram mesmo nas masmorras, mas...

— Não é possível aceder às criptas a partir das masmorras, senhora.

— Podeis mostrar-me o caminho até lá abaixo?

— Lá não há nada a não ser...

— Starks mortos? Pois. E calha que todos os meus Starks preferidos estão mortos. Conheceis o caminho ou não?

— Conheço. — Não gostava das criptas, nunca gostara das criptas, mas não lhe eram estranhas.

— Mostrai-me. Sargento, vai buscar uma lanterna.

— A senhora vai querer um manto quente — acautelou Theon. — Vamos precisar de ir ao exterior.

O nevão estava mais forte do que nunca quando saíram do salão, com a Senhora Dustin envolta em zibelina. Aconchegados nos seus mantos com capuz, os guardas lá fora eram quase indistinguíveis dos bonecos de neve. Só os seus hálitos a carregar o ar de neblina eram prova de que ainda estavam vivos. Ardiam fogueiras ao longo das ameias, uma vã tentativa de afastar as sombras. O pequeno grupo que eles constituíam deu por si a avançar penosamente por uma extensão lisa e virgem de brancura que lhes subia até meio das pernas. As tendas no pátio estavam meio enterradas, ajujadas sob o peso da neve acumulada.

A entrada das criptas ficava na secção mais antiga do castelo, perto da base da Primeira Torre, a qual não era usada há centenas de anos. Ramsay passara-a pelo archote quando saqueara Winterfell, e muito daquilo que não ardera ruína. Só restava uma casca, com um lado aberto aos elementos e a encher-se de neve. Havia entulho por todo o lado; grandes bocados de pedra quebrada, vigas queimadas, gárgulas partidas. A neve caída cobrira quase tudo, mas parte de uma gárgula ainda se projetava da superfície da neve, com um rosto grotesco que rosnava cegamente ao céu.

Foi ali que encontraram Bran quando caiu. Theon andara à caça nesse dia, cavalgando com o Lorde Eddard e o Rei Robert, sem qualquer indício

das terríveis notícias que os aguardavam quando regressaram ao castelo. Lembrou-se da cara de Robb quando lhe contaram. Ninguém esperara que o rapaz quebrado sobrevivesse. *Os deuses não conseguiram matar Bran, tal como eu não consegui.* Era um estranho pensamento, e era ainda mais estranho lembrar-se que Bran podia ainda estar vivo.

— Ali. — Theon apontou para o local onde um monte de neve começara a subir a parede da fortaleza. — Debaixo daquilo. Cuidado com as pedras partidas.

Os homens da Senhora Dustin precisaram da maior parte de meia hora para destapar a entrada, cavando a neve e afastando entulho. Quando o fizeram, a porta estava trancada com gelo. O sargento teve de ir à procura de um machado antes de conseguir abri-la, com as dobradiças a gritar, revelando degraus de pedra que desciam em espiral para as trevas.

— É uma longa descida, senhora — acautelou Theon.

A Senhora Dustin não se deixou demover.

— Beron, a luz.

O caminho era estreito e íngreme, o centro dos degraus estava gasto por séculos de pés. Seguiram em fila única; o sargento com a lanterna, depois Theon e a Senhora Dustin, e o outro homem atrás deles. Theon sempre pensara nas criptas como um lugar frio, e pareciam sê-lo no verão, mas agora, à medida que desciam, o ar foi-se tornando mais quente. Não quente, nunca quente, mas mais quente do que lá em cima. Cá em baixo, no subsolo, segundo parecia, o frio era constante, imutável.

— A noiva chora — disse a Senhora Dustin enquanto desciam, um degrau cuidadoso após outro. — A nossa pequena Senhora Arya.

Agora tem cuidado. Tem cuidado, tem cuidado. Pôs uma mão na parede. A luz mutável do archote fazia com que os degraus parecessem mexer-se sob os seus pés.

— É... é como dizeis, s'nhora.

— Roose não está contente. Dizei isso ao vosso bastardo.

Ele não é o meu bastardo, quis dizer, mas outra voz dentro dele disse: *Mas é, mas é. O Cheirete pertence a Ramsay e Ramsay pertence ao Cheirete. Não te podes esquecer do teu nome.*

— Vesti-la de cinzento e branco não serve de nada se a rapariga for posta a soluçar. Os Frey podem não se importar, mas os nortenhos... temem o Forte do Pavor, mas amam os Stark.

— Vós não — disse Theon.

— Eu não — confessou a Senhora de Vila Acidentada — mas os outros sim. O velho Terror-das-Rameiras só aqui está porque os Frey têm o Grande-Jon cativo. E imaginais que os homens de Boscorno esqueceram o último casamento do Bastardo, e o modo como a sua senhora foi deixada

à fome, a roer os próprios dedos? Que julgais que lhes passa pelas cabeças quando ouvem a nova esposa chorar? A preciosa rapariguinha do valente Ned?

Não, pensou. *Ela não é do sangue do Lorde Eddard, o seu nome é Jeyne, é só filha de um intendente.* Não duvidava de que a Senhora Dustin suspeitava, mas mesmo assim...

— Os soluços da Senhora Arya causam-nos mais dano do que todas as espadas e lanças do Lorde Stannis. Se o Bastardo quiser permanecer como Senhor de Winterfell, é melhor que ensine a esposa a rir.

— Senhora — interrompeu Theon. — Chegámos.

— A escada continua a descer — observou a Senhora Dustin.

— Há andares inferiores. Mais antigos. O mais profundo ruiu parcialmente, segundo ouvi dizer. Nunca estive lá em baixo. — Abriu a porta com um empurrão e levou-os para um longo túnel abobadado, onde poderosos pilares de granito marchavam dois a dois negrume adentro.

O sargento da Senhora Dustin ergueu a lanterna. Sombras deslizaram e alteraram-se. *Uma pequena luz numa grande escuridão.* Theon nunca se sentira confortável nas criptas. Conseguia sentir os reis de pedra a fitá-lo com os seus olhos de pedra, os dedos de pedra enrolados nos cabos de espadas ferrugentas. Nenhum deles sentia qualquer apreço por nascidos no ferro. Uma sensação familiar de terror encheu-o.

— Tantos — disse a Senhora Dustin. — Sabeis os seus nomes?

— Soube em tempos... mas foi há muito tempo. — Theon apontou.

— Os deste lado foram Reis no Norte. Torrhen foi o último.

— O Rei Que Ajoelhou.

— Sim, senhora. Depois dele eram só senhores.

— Até ao Jovem Lobo. Onde está a tumba de Ned Stark?

— No fim. Por aqui, senhora.

Os passos do grupo ecoaram na abóbada quando avançaram entre as fileiras de pilares. Os olhos de pedra dos mortos pareceram segui-los, e os olhos dos seus lobos gigantes de pedra também. As caras despertaram ténues recordações. Alguns nomes voltaram-lhe à memória, de moto próprio, sussurrados na voz fantasmagórica do Mestre Luwin. O Rei Edrick Barba-de-Neve, que governara o Norte durante cem anos. Brandon, o Construtor Naval, que velejara para lá do sol-posto. Theon Stark, o Lobo Faminto. *O meu homónimo.* O Lorde Beron Stark, que fizera causa comum com o Rochedo Casterly para guerrear contra Dagon Greyjoy, Senhor de Pyke, nos dias em que os Sete Reinos eram governados em tudo menos no nome pelo feiticeiro bastardo a que os homens chamavam Corvo de Sangue.

— Aquele rei não tem a espada — observou a Senhora Dustin.

Era verdade. Theon não se lembrava de qual era o rei, mas a espada

que devia ter na mão desaparecera. Riscos de ferrugem permaneciam para mostrar onde ela estivera. A cena inquietou-o. Sempre ouvira dizer que o ferro que havia na espada mantinha os espíritos dos mortos fechados no interior das suas tumbas. Se uma espada desaparecera...

Há fantasmas em Winterfell. E eu sou um deles.

Continuaram a caminhar. A cara de Barbrey Dustin parecia endurecer a cada passo. *Ela não gosta mais deste lugar do que eu.* Theon ouviu-se a dizer:

— Senhora, porque odiais os Stark?

Ela estudou-o.

— Pelo mesmo motivo porque vós os amais.

Theon tropeçou.

— Amá-los? Eu nunca... eu tomei este castelo das mãos deles, senhora. Mandeí... mandei executar Bran e Rickon, montei as cabeças deles em espigões, eu...

— ... cavalgastes para sul com Robb Stark, combatestes a seu lado no Bosque dos Murmúrios e em Correrrio, regressastes às Ilhas de Ferro como seu emissário para negociar com o vosso próprio pai. Vila Acidentada também enviou homens com o Jovem Lobo. Dei-lhe o mínimo de homens que me atrevi a dar, mas sabia que tinha de lhe dar alguns para não arriscar ser alvo da ira de Winterfell. Portanto tinha os meus olhos e ouvidos nessa hoste. Mantinham-me bem informada. Eu sei o que sois. Agora respondi à minha pergunta. Porque amais os Stark?

— Eu... — Theon apoiou uma mão enluvada a um pilar. — ... eu queria ser um deles...

— E nunca pudestes sê-lo. Temos mais em comum do que julgais, senhor. Mas vinde.

Só um pouco mais à frente, três sepulturas estavam agrupadas muito juntas. Foi aí que pararam.

— O Lorde Rickard — observou a Senhora Dustin, estudando a figura central. A estátua erguia-se acima deles; de cara longa, barbuda, solene. Tinha os mesmos olhos de pedra dos outros, mas os dele pareciam tristes. — Também lhe falta uma espada.

Era verdade.

— Alguém esteve cá em baixo a roubar espadas. A de Brandon também desapareceu.

— Ele odiaria isso. — Ela descalçou a luva e tocou o joelho da estátua, pele pálida contra pedra escura. — O Brandon amava a sua espada. Adorava amolá-la. “Quero-a suficientemente afiada para rapar os pintelhos de uma mulher,” costumava ele dizer. E como adorava usá-la. “Uma espada ensanguentada é uma coisa linda,” disse-me ele uma vez.

— Conhecíei-lo — disse Theon.

A luz da lanterna nos olhos dela fez com que parecessem estar em fogo.

— O Brandon foi criado em Vila Acidentada com o velho Lorde Dustin, o pai daquele com que me casei mais tarde, mas passou a maior parte do tempo a cavalgar pelos Regatos. Adorava cavalgar. Nisso, a irmã mais nova saiu a ele. Um par de centauros, aqueles dois. E o senhor meu pai ficava sempre feliz por fazer de anfitrião do herdeiro de Winterfell. O meu pai tinha grandes ambições para a Casa Ryswell. Teria entregado a minha virgindade a qualquer Stark que passasse por lá, mas não houve necessidade. O Brandon nunca se coibiu de tomar o que queria. Agora sou velha, uma coisa seca, viúva há tempo a mais, mas ainda me lembro do meu sangue de donzela na picha dele na noite em que me possuiu. Acho que Brandon também gostou da cena. Uma espada ensanguentada é uma coisa linda, pois. Doe, mas foi uma doce dor. Mas no dia em que soube que Brandon ia casar com Catelyn Tully... não houve nada de doce *nessa* dor. Ele nunca a quis, garanto-vos. Disse-me isso mesmo na última noite que passámos juntos... mas Rickard Stark também tinha grandes ambições. Ambições *meridionais*, que não seriam promovidas se o seu herdeiro se casasse com a filha de um dos seus vassalos. Depois disso, o meu pai nutriu alguma esperança de me casar com o irmão de Brandon, Eddard, mas Catelyn Tully também ficou com esse. Restou-me o jovem Lorde Dustin, até Ned Stark mo tirar.

— A rebelião de Robert...

— Eu e o Lorde Dustin ainda não estávamos casados há meio ano quando Robert se revoltou e Ned Stark convocou os vassalos. Supliquei ao meu marido para não ir. Tinha familiares que podia enviar em seu lugar. Um tio afamado pela sua perícia com um machado, um tio-avô que combatiera na Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros. Mas ele era um homem e estava cheio de orgulho, nada serviria a menos que liderasse pessoalmente os recrutas de Vila Acidentada. Dei-lhe um cavalo no dia em que partiu, um garanhão vermelho com uma crina fogaosa, o orgulho das manadas do senhor meu pai. O meu senhor jurou que voltaria para casa a cavalo nele quando a guerra chegasse ao fim. O Ned Stark devolveu-me o cavalo quando aqui parou de regresso a Winterfell. Disse-me que o meu senhor tinha tido uma morte honrosa, que o seu corpo fora deixado em repouso à sombra das montanhas vermelhas de Dorne. Mas trouxe os ossos da irmã para norte, e ali jaz ela... mas garanto-vos, os ossos do Lorde Eddard nunca repousarão ao lado dos dela. Pretendo dá-los aos meus cães para os roerem.

Theon não compreendeu.

— Os... os ossos dele...?

Os lábios dela torceram-se. Foi um sorriso feio, um sorriso que lhe fez lembrar os de Ramsay.

— Catelyn Tully enviou os ossos de Eddard Stark para norte antes do Casamento Vermelho, mas o vosso tio de ferro capturou o Fosso Cailin e fechou o caminho. Tenho estado de atalaia desde então. Se esses ossos alguma vez saírem dos pântanos, não irão mais longe do que Vila Acidentada. — Atirou um último olhar demorado ao retrato de Eddard Stark. — Já fizemos aqui o que viemos fazer.

A tempestade de neve continuava em plena fúria quando saíram das criptas. A Senhora Dustin manteve-se em silêncio durante a subida, mas quando voltaram a parar à sombra das ruínas da Primeira Torre, estremeceu e disse:

— Faríeis bem em não repetir nada do que eu posso ter dito lá em baixo. Está entendido?

Estava.

— Dominar a língua ou perdê-la.

— O Roose treinou-vos bem. — E deixou-o ali.

A PRESA DO REI

A hoste do rei partiu de Bosque Profundo à luz de uma alvorada dourada, desenrolando-se de trás de paliçadas de troncos como uma longa serpente de aço a emergir do ninho.

Os cavaleiros do sul partiram vestidos de placa de aço e cota de malha, amolgadas e riscadas pelas batalhas que tinham travado, mas ainda suficientemente brilhantes para reluzir quando apanhavam o Sol nascente. Desbotados e manchados, rasgados e remendados, os seus estandartes e sobretudos ainda exibiam uma extravagância de cores no seio do bosque de inverno; azul celeste e laranja, vermelho e verde, púrpura e azul e dourado, cintilando por entre troncos nus e castanhos, pinheiros e sentinelas verdes acinzentados, montes de neve suja.

Cada cavaleiro tinha os seus escudeiros, criados e homens de armas. Atrás deles vinham armeiros, cozinheiros, palafreiros; fileiras de homens armados de lanças, machados, arcos; experientes veteranos de uma centena de batalhas e rapazes verdes a caminho de travar a primeira. À frente deles marchavam os homens dos clãs das montanhas; chefes e campeões montados em hirsutos garranos, com os seus hirsutos guerreiros a trotar a seu lado, vestidos de peles, couro fervido e velhas cotas de malha. Alguns pintavam as caras de castanho e verde e atavam feixes de arbustos à sua volta, para se esconderem entre as árvores.

Atrás da coluna principal seguia a coluna logística; mulas, cavalos, bois, uma milha de carros e carroças carregados de comida, feno, tendas e outras provisões. Por fim, a guarda da retaguarda; mais cavaleiros de placa de aço e cota de malha, com uma proteção de batedores que seguiam semicultos para se assegurarem de que nenhum inimigo seria capaz de se aproximar deles apanhando-os desprevenidos.

Asha Greyjoy seguia na coluna logística, numa carroça coberta, com duas enormes rodas de aro de ferro, agrilhoada nos pulsos e tornozelos e vigiada de dia e de noite por uma Ursa que ressonava mais que qualquer homem. Sua Graça, o Rei Stannis, não queria correr nenhum perigo da sua presa escapar ao cativo. Tencionava levá-la para Winterfell a fim de aí a exhibir a ferros para que os senhores do norte a vissem, a filha da lula gigante presa e quebrada, demonstração do seu poder.

Trombetas despediram-se da coluna quando ela se pôs em marcha. Pontas de lanças brilharam à luz do Sol nascente e, ao longo das margens, a

erva brilhava com a geada da manhã. Entre Bosque Profundo e Winterfell estendiam-se cem léguas de floresta. Trezentas milhas em voo de corvo.

— Quinze dias — diziam os cavaleiros uns aos outros.

Asha ouviu o Lorde Fell a vangloriar-se:

— Robert tê-lo-ia feito em dez. — O seu avô fora morto por Robert em Solarestival; sem que Asha percebesse como, isso emprestara àquele que o matara uma perícia divina, aos olhos do neto. — Robert teria estado dentro de Winterfell há uma quinzena, fazendo um manguito a Bolton de cima das ameias.

— É melhor não dizeres isso a Stannis — sugeriu Justin Massey — senão obriga-nos a marchar não só de dia mas também de noite.

O rei vive à sombra do irmão, pensou Asha.

O tornozelo ainda lhe causava uma punhalada de dor sempre que tentava pôr-lhe o peso em cima. Asha não duvidava de que algo estava partido lá dentro. O inchaço desaparecera em Bosque Profundo, mas a dor permanecera. Uma entorse já teria sarado por aquela altura, sem dúvida. Os seus ferros retiniam sempre que se mexia. As grilhetas arranhavam-lhe os pulsos e o orgulho. Mas era esse o preço da submissão.

— Nunca nenhum homem morreu por dobrar o joelho — dissera-lhe o pai uma vez. — Aquele que ajoelha pode voltar a erguer-se, de espada na mão. Aquele que não ajoelha fica morto, com as pernas hirtas e tudo. — Balon Greyjoy demonstrara a verdade das suas palavras quando a sua primeira rebelião falhara; a lula gigante dobrara o joelho ao veado e ao lobo gigante, só para voltar a erguer-se depois de Robert Baratheon e Eddard Stark estarem mortos.

E assim, em Bosque Profundo, a filha da lula gigante fizera o mesmo quando fora despejada na frente do rei, atada e a coxear (embora abençoadamente não violada), com o tornozelo transformado num incêndio de dor.

— Rendo-me, Vossa Graça. Fazei comigo o que quiserdes. Só peço que poupeis os meus homens. — Qarl e Tris e os outros que haviam sobrevivido à mata de lobos eram tudo o que tinha para se preocupar. Só restavam nove. “*Os esfarrapados nove*,” como lhes chamava Croom. Era ele o ferido mais grave.

Stannis concedera-lhe as vidas deles. Mas não encontrava no homem uma verdadeira misericórdia. Era determinado, sem dúvida. E não lhe faltava coragem. Os homens diziam que era justo... e se a sua forma de justiça era dura e violenta, bem, a vida nas Ilhas de Ferro acostumara Asha Greyjoy a isso. Ainda assim, não conseguia gostar daquele rei. Aqueles seus encovados olhos azuis pareciam sempre semicerrados de suspeita, com uma fúria fria a ferver logo abaixo da superfície. A vida dela significava menos que

pouco para ele. Era apenas sua refém, uma presa para mostrar ao norte que era capaz de vencer os nascidos no ferro.

Mais tolo é. Derrubar uma mulher não era coisa que espantasse nenhum nortenho, se bem conhecia a raça, e o seu valor como refém era menor que nenhum. Agora era o tio quem governava as Ilhas de Ferro, e o Olho de Corvo não se importaria se ela vivia ou morria. Podia importar um pouco à desgraçada ruína de marido que Euron lhe impusera, mas Eric Ferreiro não tinha dinheiro que chegasse para a resgatar. Contudo, não havia forma de explicar essas coisas a Stannis Baratheon. A própria condição de mulher parecia ofendê-lo. Bem sabia que os homens das terras verdes gostavam das mulheres suaves e doces e vestidas de seda, e não trajadas de cota de malha e couro com um machado de arremesso em cada mão. Mas a sua breve convivência com o rei em Bosque Profundo convencera-a de que ele não teria gostado mais dela de vestido. Mesmo com a esposa de Galbart Glover, a piedosa Senhora Sybelle, o rei mostrara-se correto e cortês, mas claramente desconfortável. Aquele rei do sul parecia ser um daqueles homens para os quais as mulheres são outra raça, tão estranha e insondável como os gigantes, os gramequins e os filhos da floresta. A Ursa também o fazia ranger os dentes.

Só havia uma mulher a que Stannis dava ouvidos, e deixara-a na Murralha.

— Embora eu preferisse que ela estivesse connosco — confessara Sor Justin Massey, o cavaleiro de cabelo claro que comandava a coluna logística. — A última vez que partimos para a batalha sem a Senhora Melisandre foi na Água Negra, quando a sombra do Lorde Renly caiu sobre nós e empurrou metade da nossa hoste para a baía.

— A última vez? — dissera Asha. — Esta feiticeira estava em Bosque Profundo? Não a vi.

— A isso dificilmente se chamaria uma batalha — dissera Sor Justin, sorrindo. — Os vossos homens de ferro lutaram com bravura, senhora, mas tínhamos muitas vezes mais homens do que vós, e apanhámo-vos desprevenidos. Winterfell saberá que vamos a caminho. E Roose Bolton tem tantos homens como nós.

Ou mais, pensara Asha.

Mesmo os prisioneiros tinham ouvidos e ela ouvira todo o falatório em Bosque Profundo, quando o Rei Stannis e os seus capitães estavam a debater aquela marcha. Sor Justin opusera-se-lhe desde o início, com muitos dos cavaleiros e senhores que tinham vindo com Stannis do sul. Mas os lobos insistiam; não se podia tolerar que Roose Bolton controlasse Winterfell, e a filha de Ned tinha de ser salva das garras do seu bastardo. Era o que diziam Morgan Liddle, Brandon Norrey, o Grande Balde Wul, os Flint, até a Ursa.

— Uma centena de léguas de Bosque Profundo a Winterfell — dissera Artos Flint, na noite em que a discussão rebentara no salão de Galbart Glover. — Trezentas milhas em voo de corvo.

— Uma longa marcha — dissera um cavaleiro chamado Corliss Penny.

— Não é assim tão longa — insistira Sor Godry, o grande cavaleiro a que os outros chamavam Mata-Gigantes. — Já viemos até tão longe como isso. O Senhor da Luz incendiará um caminho para nós.

— E quando chegarmos junto de Winterfell? — dissera Justin Massey. — Duas muralhas com um fosso entre elas, e a muralha interior com trinta metros de altura. O Bolton nunca sairá para nos enfrentar em campo aberto, e não temos provisões para montar um cerco.

— Arnolf Karstark juntará as suas forças às nossas, não esqueçais — dissera Harwood Fell. — Mors Umber também. Teremos tantos nortenhos como o Lorde Bolton. E a floresta é densa a norte do castelo. Ergueremos torres de cerco, construiremos aríetes...

E morrereis aos milhares, pensara Asha.

— Talvez fizéssemos melhor se passássemos aqui o inverno — sugerira o Lorde Peasebury.

— Passar aqui o *inverno*? — rugira o Grande Balde. — Quanta comida e ração julgais vós que Galbart Glover armazenou?

Então Sor Richard Horpe, o cavaleiro com a cara devastada e as borboletas caveira no sobretudo, virara-se para Stannis e dissera:

— Vossa Graça, o vosso irmão...

O rei interrompera-o.

— Todos sabemos o que o meu irmão faria. Robert galoparia sozinho até aos portões de Winterfell, quebrá-los-ia com o seu martelo de guerra e cavalaria por cima dos escombros para matar Roose Bolton com a mão esquerda e o Bastardo com a direita. — Stannis pusera-se em pé. — Eu não sou Robert. Mas marcharemos, e libertaremos Winterfell... ou morrere-mos a tentar.

Fossem quais fossem as dúvidas que os senhores pudessem nutrir, os homens comuns pareciam ter fé no seu rei. Stannis esmagara os selvagens de Mance Rayder na Muralha e varrera Asha e os seus nascidos no ferro de Bosque profundo, era irmão de Robert, vitorioso numa famosa batalha naval ao largo da Ilha Bela, o homem que defendera Ponta Tempestade durante toda a Rebelião de Robert. E usava uma espada de herói, a lâmina encantada Luminífera, cujo brilho iluminava a noite.

— Os nossos inimigos não são tão terríveis como parecem — assegurara Sor Justin a Asha no primeiro dia de marcha. — Roose Bolton é temido, mas pouco amado. E os seus amigos Frey... o norte não esqueceu

o Casamento Vermelho. Todos os senhores presentes em Winterfell perderam lá familiares. Stannis só precisa de fazer Bolton sangrar, e os nortenhos abandoná-lo-ão.

Pelo menos é o que esperas, pensara Asha, mas primeiro o rei tem de o fazer sangrar. Só um tolo abandona o lado vencedor.

Sor Justin visitara a sua carroça meia dúzia de vezes nesse primeiro dia, para lhe trazer comida e bebida e notícias da marcha. Homem de sorrisos fáceis e intermináveis gracejos, grande e bem fornecido de carnes, com bochechas rosadas, olhos azuis e um emaranhado sacudido pelo vento de cabelo louro esbranquiçado tão claro como linho, era um carcereiro atencioso, sempre cuidadoso com o conforto da sua cativa.

— Ele deseja-vos — dissera a Ursa, após a terceira visita do homem. O seu verdadeiro nome era Alysanne da Casa Mormont, mas usava o outro tão facilmente como usava a cota de malha. Baixa, entroncada, musculosa, a herdeira da Ilha dos Ursos tinha grandes coxas, grandes seios e grandes mãos sulcadas de calos. Mesmo durante o sono usava cota de malha debaixo das peles, couro fervido debaixo da malha e uma velha pele de ovelha debaixo do couro, virada ao contrário para aquecer melhor. Todas essas camadas faziam com que parecesse quase tão larga como alta. *E feroz.* Às vezes era difícil a Asha Greyjoy lembrar-se de que ela e a Ursa eram quase da mesma idade.

— Ele deseja as minhas terras — respondera Asha. — Deseja as Ilhas de Ferro. — Conhecia os sinais. Já antes vira o mesmo em outros pretendentes. Os domínios ancestrais de Massey, situados muito a sul, estavam perdidos para ele, portanto tinha de arranjar um casamento vantajoso ou de se resignar a não passar de um cavaleiro na guarda do rei. Stannis frustrara as esperanças que Sor Justin nutrira de se casar com a princesa selvagem de que Asha tanto ouvira falar, por isso agora pusera os olhos nela. Sem dúvida que sonhava pô-la na Cadeira da Pedra do Mar em Pyke e governar por seu intermédio, como seu amo e senhor. Isso tornaria necessário livrá-la do seu atual amo e senhor, com certeza... já para não falar do tio que a casara com ele. *Não é provável,* avaliou Asha. *O Olho de Corvo é homem para comer Sor Justin ao pequeno-almoço e nem sequer arrotar.*

Não importava. As terras do pai nunca seriam dela, casasse-se com quem se casasse. Os nascidos no ferro não eram um povo indulgente, e ela fora derrotada por duas vezes. Uma na assembleia de homens livres pelo tio Euron, e de novo no Bosque Profundo por Stannis. Mais do que suficiente para a marcar como incapaz de governar. Casar-se com Justin Massey, ou com qualquer outro dos fidalgos de Stannis Baratheon, faria mais mal do que bem. *A filha da lula gigante, afinal, não passa de uma mulher,* diriam

os capitães e os reis. *Vede como abre agora as pernas àquele lorde mole das terras verdes.*

Ainda assim, se Sor Justin desejava cortejar os seus favores com comida, vinho e conversa, Asha não ia desencorajá-lo. O homem era melhor companhia do que a taciturna Ursa, e se não contasse com eles Asha estava sozinha entre cinco mil inimigos. Tris Botley, Qarl, o Donzel, Cromm, Roggon e o resto do seu bando ensanguentado tinham sido deixados para trás em Bosque Profundo, nas masmorras de Galbart Glover.

O exército percorreu vinte e duas milhas no primeiro dia, pelos cálculos dos guias que a Senhora Sybelle lhes dera, batedores e caçadores ajuramentados a Bosque Profundo com nomes de clã como Forrester e Woods, Branch e Bole. No segundo dia, a hoste avançou vinte e quatro milhas, e a vanguarda ultrapassou as terras dos Glover, penetrando nas profundezas da mata de lobos.

— *R'hllor, enviai a vossa luz para nos indicar o caminho através destas sombras* — rezaram os fiéis nessa noite, quando se reuniram em volta de uma ruidosa fogueira à porta do pavilhão do rei. Cavaleiros e homens-de-armas do sul, todos eles. Asha ter-lhes-ia chamado homens do rei, mas os outros homens das terras da tempestade e da coroa chamavam-lhes homens da rainha... se bem que a rainha que seguiam fosse a vermelha em Castelo Negro, não a esposa que Stannis Baratheon deixara em Atalaiaeste-do-Mar. — *Oh, Senhor da Luz, suplicamo-vos, virai o vosso olhar fogo para nós e mantende-nos a salvo e quentes* — cantaram às chamas — *pois a noite é escura e cheia de terrores.*

Era um grande cavaleiro chamado Sor Godry Farring que os liderava. *Godry, o Mata-Gigantes. Um grande nome para um homem pequeno.* Farring tinha um peito largo e era musculoso sob o aço e a cota de malha. Também era arrogante e vaidoso, segundo parecia a Asha; faminto de glória, surdo à cautela, um glutão de elogios, e desdenhoso para com os plebeus, os lobos e as mulheres. Neste último detalhe, não se diferenciava do seu rei.

— Deixai-me seguir a cavalo — pediu Asha a Sor Justin quando este se aproximou da carroça com meio presunto. — Estou a dar em doida com estas correntes. Não vou tentar fugir. Tendes a minha palavra a esse respeito.

— Bem gostaria de poder, senhora. Sois cativa do rei, não minha.

— O vosso rei não aceita a palavra de uma mulher.

A Ursa rosnou.

— Porque haveríamos de confiar na palavra de qualquer nascido no ferro depois do que o vosso irmão fez em Winterfell?

— Eu não sou Theon — insistiu Asha... mas as correntes ficaram.

Quando Sor Justin avançou a galope coluna adiante, Asha deu por si

a lembrar-se da última vez que vira a mãe. Fora em Harlaw, nas Dez Torres. Uma vela tremeluzia no quarto da mãe, mas a grande cama entalhada estava vazia sob o seu dossel poeirento. A Senhora Alannys encontrava-se sentada junto de uma janela, a fitar o mar.

— Trouxeste-me o meu filhinho? — perguntara, com a boca a tremer.

— O Theon não pôde vir — dissera-lhe Asha, baixando os olhos para a ruína da mulher que a dera à luz, uma mãe que perdera dois dos filhos. E o terceiro...

Mando a cada um de vós um bocado de príncipe.

Acontecesse o que acontecesse quando se travasse batalha em Winterfell, não parecia a Asha que fosse provável que o irmão lhe sobrevivesse. *Theon Vira-Mantos. Até a Ursa quer ver a cabeça dele num espigão.*

— Tendes irmãos? — perguntou Asha à sua guarda.

— Irmãs — respondeu Alysanne Mormont, abrupta como sempre. — Éramos cinco. Todas raparigas. Lyanna está na Ilha dos Ursos. Lyra e Jory estão com a nossa mãe. Dacey foi assassinada.

— O Casamento Vermelho.

— Pois. — Alysanne fitou Asha por um momento. — Eu tenho um filho. Tem só dois anos. A minha filha tem nove.

— Começastes nova.

— Nova demais. Mas é melhor do que esperar até ser tarde demais.

Uma estocada contra mim, pensou Asha, mas não importa.

— Sois casada.

— Não. Os meus filhos foram gerados por um urso. — Alysanne sorriu. Tinha os dentes tortos, mas havia qualquer coisa de cativante naquele sorriso. — As mulheres Mormont são troca-peles. Transformamo-nos em ursos e arranjamos parceiros na floresta. Toda a gente sabe.

Asha respondeu ao sorriso.

— E as mulheres Mormont também são todas combatentes.

O sorriso da outra mulher desvaneceu-se.

— O que somos é aquilo que de nós fizestes. Na Ilha dos Ursos todas as crianças aprendem a temer lulas gigantes que se erguem do mar.

O Costume Antigo. Asha afastou a cara, fazendo tinir debilmente as correntes.

No terceiro dia, a floresta fechou-se bem à volta deles, e as estradas sulcadas reduziram-se a trilhos de caça que depressa se revelaram estreitos demais para as carroças maiores. Aqui e ali passavam por lugares que lhe eram familiares; uma colina pedregosa que se parecia um pouco com a cabeça de um lobo quando vista de um certo ângulo, uma queda de água meio gelada, um arco natural de pedra revestido de musgo cinzento-esverdeado. Asha reconheceu-os a todos. Já antes passara por ali, cavalgando para Win-

terfell, a fim de convencer o irmão Theon a abandonar a sua conquista e a regressar com ela à segurança de Bosque Profundo. *Também falhei nisso.*

Nesse dia avançaram catorze milhas, e sentiram-se contentes por isso.

Quando caiu o ocaso, o condutor puxou a carroça para baixo de uma árvore. Enquanto libertava os cavalos dos tirantes, Sor Justin surgiu a trote e abriu as grillhetas em volta dos tornozelos de Asha. Ele e a Ursa escoltaram-na pelo acampamento até à tenda do rei. Podia ser uma cativa, mas continuava a ser uma Greyjoy de Pyke, e agradava a Stannis Baratheon alimentá-la com bocados da sua própria mesa, onde jantava com os seus capitães e comandantes.

O pavilhão do rei era quase tão grande como o salão de Bosque Profundo, mas havia nele pouco de grandioso além do tamanho. As suas rígidas paredes de pesada lona amarela estavam muito desbotadas, manchadas por lama e água, com pontos de bolor nelas visíveis. No topo da estaca central esvoaçava o estandarte real, dourado, com uma cabeça de veado no interior de um coração ardente. Os pavilhões dos senhores do sul que tinham vindo para norte com Stannis rodeavam-no por três lados. No quarto rugia a fogueira noturna, chicoteando o céu que escurecia com turbilhões de chamas.

Uma dúzia de homens partia lenha para alimentar o fogo quando Asha chegou a coxear com os seus guardas. *Homens da rainha.* O seu deus era o rubro R'hllor, e que ciumento deus este era. O deus dela, o Deus Afogado das Ilhas de Ferro, era um demónio aos olhos deles, e se ela não adotasse aquele Senhor da Luz, seria amaldiçoada e danada. *Queimar-me-iam tão alegremente como àqueles toros e ramos partidos.* Alguns tinham insistido nisso mesmo, ao alcance dos seus ouvidos, depois da batalha na floresta. Stannis recusara.

O rei estava em pé à porta da tenda, a fitar a fogueira noturna. *Que vê ele ali? Vitória? Perdição? O rosto do seu deus vermelho e faminto?* Os olhos dele estavam afundados em profundos poços, a sua barba cortada curta não passava de uma sombra no rosto encovado e no maxilar ossudo. No entanto, havia poder no olhar, uma ferocidade férrea que dizia a Asha que aquele homem nunca, nunca se afastaria do seu rumo.

Caiu sobre um joelho na sua frente.

— Senhor. — *Estou suficientemente humilhada para vós, Vossa Graça? Estou suficientemente derrotada, vergada e quebrada para o vosso gosto?* — Tirai-me estas correntes dos pulsos, suplico-vos. Deixai-me montar a cavalo. Não tentarei qualquer fuga.

Stannis olhou-a como poderia olhar para um cão que se atrevesse a tentar acasalar com a sua perna.

— Vós conquistastes esses ferros.

— É verdade. Agora ofereço-vos os meus homens, os meus navios e os meus miolos.

— Os vossos navios são meus, ou então estão queimados. Os vossos homens... quantos restam? Dez? Doze?

Novo. Seis, se só contares os que têm força suficiente para combater.

— Dagmar Boca-Fendida controla a Praça de Torrhen. Um combatente feroz, e um servo leal da Casa Greyjoy. Posso entregar-vos esse castelo, bem como a sua guarnição. — *Talvez*, poderia ter acrescentado, mas não serviria a sua causa mostrar dúvidas perante aquele rei.

— A Praça de Torrhen não vale a lama que tenho por baixo dos calcanhares. O que importa é Winterfell.

— Tirai-me estes ferros e deixai-me ajudar-vos a tomá-lo, senhor. O régio irmão de Vossa Graça era renomado por transformar inimigos caídos em amigos. Transformai-me num dos vossos homens.

— Os deuses não fizeram de vós um homem. Como posso eu fazê-lo? — Stannis voltou a virar-se para a fogueira noturna, e para o que quer que aí via a dançar entre as chamas cor de laranja.

Sor Justin Massey pegou em Asha pelo braço e empurrou-a para dentro da tenda do rei.

— Aquilo foi insensato, senhora — disse-lhe. — Não lhe faleis nunca de Robert.

Devia saber que assim seria. Asha sabia como as coisas se passavam com os irmãos mais novos. Lembrava-se de Theon em rapaz, uma criança tímida que vivia fascinada com Rodrick e Maron, e com medo deles. *Os irmãos mais novos nunca ultrapassam o facto*, decidiu. *Podem viver até aos cem anos, mas serão sempre irmãos mais novos.* Fez chocalhar as joias de ferro, e imaginou como seria agradável aproximar-se de Stannis por trás e esganá-lo com a corrente que lhe prendia os pulsos.

Nessa noite jantaram um estufado de veado feito com um cervo escazelado que um batedor chamado Benjicot Branch abatera. Mas só na tenda do rei. Para lá daquelas paredes de lona, cada homem recebeu um pão e um bocado de morcela que não era maior que um dedo, empurrados para baixo pelo resto da cerveja de Galbart Glover.

Uma centena de léguas de Bosque Profundo a Winterfell. Trezentas milhas em voo de corvo.

— Era bom se fôssemos corvos — disse Justin Massey no quarto dia de marcha, o dia em que a neve começou a cair. Só uns nevõezinhos a princípio. Frios e húmidos, mas nada que não conseguissem atravessar com facilidade.

Mas voltou a nevar no dia seguinte, e no outro a seguir, e no outro

depois desse. As espessas barbas dos lobos depressa se cobriram de gelo onde o seu hálito congelava, e todos os rapazes escanhoados do sul estavam a deixar crescer a barba para manterem a cara quente. O chão à frente da coluna não demorou muito tempo a ficar coberto de brancura, a qual ocultava pedras, raízes retorcidas e emaranhados de ramos e troncos caídos, transformando cada passo numa aventura. O vento também aumentou de intensidade, empurrando a neve na sua frente. A hoste do rei transformou-se numa coluna de bonecos de neve, cambaleando através de montes de neve que lhes chegavam aos joelhos.

No terceiro dia de nevão, a hoste do rei começou a desfazer-se. Enquanto os cavaleiros e fidalgos do sul lutavam com problemas, os homens das colinas do norte saíam-se melhor. Os seus garranos eram animais de patas seguras que comiam menos que palafréns, e muito menos do que os grandes corcéis de batalha, e os homens que os montavam sentiam-se em casa na neve. Muitos dos lobos calçaram uns curiosos apetrechos para os pés. Chamavam-lhes patas de urso, estranhas coisas alongadas feitas de madeira dobrada e correias de couro. Atadas às solas das botas, as coisas de alguma forma permitiam-lhes caminhar por cima da neve sem quebrarem a crosta e se afundarem até às coxas.

Alguns também tinham patas de urso para os cavalos, e os hirsutos garraninhos usavam-nas com a mesma facilidade com que outras montadas usavam ferraduras de ferro... mas os palafréns e corcéis não queriam saber de tal coisa. Quando alguns dos cavaleiros do rei lhes amarraram às patas mesmo assim, os grandes cavalos do sul fizeram negaças e recusaram-se a avançar, ou tentaram sacudir aquelas coisas das patas. Um corcel partiu um tornozelo tentando caminhar com elas.

Os nortenhos com as patas de urso depressa começaram a distanciar-se do resto da hoste. Ultrapassaram os cavaleiros na coluna principal, depois Sor Godry Farring e a sua vanguarda. E entretanto, os carros e carroças da coluna logística iam ficando cada vez mais para trás, tanto que os homens da guarda de retaguarda não paravam de lhes gritar para avançarem mais depressa.

No quinto dia da tempestade, a coluna logística atravessou uma extensão ondulada de neve acumulada que ocultava uma lagoa gelada. Quando o gelo oculto estalou sob o peso das carroças, três carroceiros e quatro cavalos foram engolidos pela água gelada, o mesmo acontecendo a dois dos homens que tentaram salvá-los. Um deles foi Harwood Fell. Os seus cavaleiros puxaram-no para fora de água antes de se afogar, mas não antes de os seus lábios se tornarem azuis e a pele pálida como leite. Depois, nada do que fizessem parecia ser capaz de o aquecer. Tremeu violentamente durante horas, mesmo quando o libertaram da roupa encharcada, o envolveram em

peles quentes e o sentaram junto à fogueira. Nessa mesma noite deixou-se cair num sono febril. Nunca mais acordou.

Foi essa a noite em que Asha ouviu pela primeira vez os homens da rainha a resmungar a propósito de um sacrifício; uma oferenda ao seu deus vermelho, para que ele pusesse fim à tempestade.

— Os deuses do norte atiraram esta tempestade contra nós — disse Sor Corliss Penny.

— Falsos deuses — insistiu Sor Godry, o Mata-Gigantes.

— R'hllor está connosco — disse Sor Clayton Suggs.

— Mas Melisandre não está — disse Justin Massey.

O rei não disse nada. Mas ouviu. Asha tinha a certeza disso. Manteve-se sentado na mesa elevada enquanto um prato de sopa de cebola que mal provara arrefecia à sua frente, fitando a chama da vela mais próxima com aqueles olhos encapuzados, ignorando as conversas que o rodeavam. O segundo comandante, o cavaleiro esguio e alto chamado Richard Horpe, falou por ele.

— A tempestade deve terminar em breve — declarou.

Mas a tempestade só piorou. O vento transformou-se num látego tão cruel como um chicote de escravagista. Asha julgara ter sentido frio em Pyke, quando o vento uivava do mar, mas isso nada era comparado com aquilo. *Isto é um frio que enlouquece os homens.*

Mesmo quando chegou ao longo das fileiras o grito para montar o acampamento para a noite, aquecer não foi coisa fácil. As tendas estavam húmidas e pesadas, difíceis de montar, mais difíceis de desmontar, e tendiam a colapsar subitamente se demasiada neve se acumulasse em cima delas. A hoste do rei rastejava pelo coração da maior floresta dos Sete Reinos, mas tornou-se difícil encontrar madeira seca. Cada acampamento mostrava menos fogueiras a arder, e aquelas que eram acendidas geravam mais fumo do que calor. Tornara-se comum ingerir a comida fria, ou até crua.

Mesmo a fogueira noturna minguou e tornou-se débil, para consternação dos homens da rainha.

— *Senhor da Luz, protegei-nos deste mal* — rezaram, liderados pela profunda voz de Sor Godry, o Mata-Gigantes. — *Voltai a mostrar-nos o vosso brilhante sol, aquietai estes ventos e derretei estas neves, para que possamos alcançar os nossos inimigos e esmagá-los. A noite é escura e fria e cheia de terrores, mas vosso é o poder e a glória e a luz. R'hllor, enchei-nos com o vosso fogo.*

Mais tarde, quando Sor Corliss Penny se interrogou em voz alta sobre se alguma vez um exército inteiro teria morrido congelado numa tempestade de inverno, os lobos riram-se.

— Isto não é inverno nenhum — declarou o Grande Balde Wull. —

Lá em cima nos montes dizemos que o outono nos beija, mas o inverno nos fode com força. Isto é só o beijo do outono.

Então que deus permita que eu nunca experimente o verdadeiro inverno. A própria Asha era poupada ao pior; afinal de contas era a presa do rei. Enquanto outros passavam fome, ela era alimentada. Enquanto outros tremiam, ela estava quente. Enquanto outros lutavam por atravessar as neves em cima de cavalos fatigados, ela seguia numa cama de peles dentro de uma carroça, com um teto de tela rígida para manter a neve afastada, confortável nas suas grilhetas.

Os cavalos e os plebeus eram quem sofria mais. Dois escudeiros das terras da tempestade mataram um homem-de-armas à punhalada numa querela sobre quem haveria de se sentar mais perto da fogueira. Na noite seguinte, alguns arqueiros desesperados por calor conseguiram, sem que se soubesse como, pegar fogo à tenda, o que pelo menos teve a virtude de aquecer as adjacentes. Corcéis começaram a morrer de exaustão e de frio.

— O que é um rei sem um cavalo? — perguntavam os homens em jeito de adivinha. — Um boneco de neve com uma espada. — Qualquer cavalo que caísse era morto aí mesmo, para obter carne. As provisões tinham também começado a escassear.

Peasebury, Cobb, Foxglove e outros senhores de sul insistiram com o rei para montar um acampamento até que a tempestade passasse. Stannis nem quis ouvir falar da ideia. E tampouco deu ouvidos aos homens da rainha quando vieram instigá-lo a fazer uma oferenda ao seu faminto deus vermelho.

Essa história ouviu ela de Justin Massey, que era menos devoto do que a maioria.

— Um sacrifício demonstrará que a nossa fé ainda arde verdadeira, senhor — dissera Clayton Suggs ao rei. E Godry, o Mata-Gigantes dissera:

— Os velhos deuses do norte enviaram esta tempestade contra nós. Só R'hllor pode pôr-lhe fim. Temos de lhe entregar um incréu.

— Metade do meu exército é composta por incréus — respondera Stannis. — Não quero queimas. Rezai com mais força.

Não morrerá ninguém queimado hoje, ninguém morrerá queimado amanhã... mas se os nevões continuarem quanto tempo demorará até que a determinação do rei comece a enfraquecer? Asha nunca partilhara da fé do tio Aeron no Deus Afogado, mas nessa noite rezou Àquele que Habita Sob as Ondas com tanto fervor como o Cabelo-Molhado. A tempestade não perdeu força. A marcha prosseguiu, abrandando até se transformar em cambaleio, e depois em rastejo. Num dia bom avançavam cinco milhas. Depois três. Depois duas.

Ao nono dia de tempestade, todo o acampamento viu os capitães e

comandantes a entrar na tenda do rei molhados e fatigados, para caírem sobre um joelho e relatarem as perdas do dia.

— Um homem morto, três desaparecidos.

— Seis cavalos perdidos, um dos quais o meu.

— Dois homens mortos, um dos quais um cavaleiro. Quatro cavalos caídos. Conseguimos recuperar um. Os outros estão perdidos. Corcéis, e um palafrém.

Asha ouviu chamarem àquilo *a fria contagem*. A coluna logística era a que mais sofria; cavalos mortos, homens perdidos, carroças viradas e quebradas.

— Os cavalos afundam-se na neve — disse Justin Massey ao rei. — Os homens deambulam para a floresta ou simplesmente sentam-se para morrer.

— Deixai-os — exclamou o rei. — Nós prosseguimos.

Os nortenhos passavam muito melhor, com os seus garranos e patas de urso. O Donnel Preto Flint e o seu meio irmão Artos só perderam um homem entre os dois. Os Liddle, os Wull e os Norrey não perderam ninguém. Uma das mulas de Morgan Liddle extraviara-se, mas ele parecia pensar que os Flint a tinham roubado.

Uma centena de léguas de Bosque Profundo a Winterfell. Trezentas milhas em voo de corvo. Quinze dias. Os quinze dias de marcha chegaram e partiram, e eles cobriram metade da distância. Um trilho de carroças partidas e cadáveres congelados estendia-se atrás deles, enterrados sob a neve soprada pelo vento. O sol, a lua e as estrelas tinham desaparecido há tanto tempo que Asha começava a perguntar a si própria se não os teria sonhado.

Foi no vigésimo dia de caminhada que finalmente se viu livre das correntes dos tornozelos. Ao fim dessa tarde, um dos cavalos que puxavam a sua carroça morreu preso aos tirantes. Não foi possível encontrar substituto; os cavalos de tração que restavam eram necessários para puxar as carroças que continham a comida e as rações. Quando Sor Justin Massey se aproximou a cavalo, disse-lhes para esquartejarem o cavalo morto e para partirem a carroça para lenha. Depois removeu as correntes que rodeavam os tornozelos de Asha, massajando-lhe as barrigas das pernas para afastar a rigidez.

— Não tenho montada para vos dar, senhora — disse — e se tentássemos seguir em montaria dupla, isso seria também o fim do meu cavalo. Tereis de caminhar.

O tornozelo de Asha latejava sob o seu peso a cada passo. *O frio há de entorpecê-lo em breve*, disse a si própria. *Dentro de uma hora, já nem sentirei os pés.* Só se enganava em parte; demorou menos tempo do que isso. Quando a escuridão fez parar a coluna, andava aos tropeções e ansiava

pelo conforto da sua prisão rolante. *Os ferros deixaram-me fraca*. O jantar foi encontrá-la tão extenuada que adormeceu à mesa.

No vigésimo sexto dos quinze dias de marcha, foram consumidos os últimos legumes. No trigésimo segundo dia, os últimos cereais e a última palha. Asha perguntou a si própria quanto tempo conseguiria um homem sobreviver de carne de cavalo crua e meio congelada.

— Branch jura que estamos só a três dias de Winterfell — disse Sor Richard Horpe ao rei nessa noite, depois da fria contagem.

— Se deixarmos os homens mais fracos para trás — disse Corliss Penny.

— Os homens mais fracos já não podem ser salvos — insistiu Horpe. — Os que ainda têm força suficiente têm de chegar a Winterfell, senão morrerão também.

— O Senhor da Luz entregar-nos-á o castelo — disse Sor Godry Faring. — Se a Senhora Melisandre estivesse connosco...

Por fim, depois de um dia de pesadelo em que a coluna avançou uma mera milha e perdeu uma dúzia de cavalos e quatro homens, o Lorde Peasebury virou-se contra os nortenhos.

— Esta marcha foi uma loucura. Morrem mais todos os dias, e para quê? Uma rapariga qualquer?

— A rapariga de Ned — disse Morgan Liddle. Era o segundo de três filhos, portanto os outros lobos chamavam-lhe o Liddle do Meio, embora não o fizessem com frequência onde ele pudesse ouvir. Fora Morgan quem quase matara Asha na luta por Bosque Profundo. Viera ter com ela mais tarde, durante a marcha, para pedir-lhe perdão... por lhe chamar “puta” no calor da batalha, não por tentar fender-lhe a cabeça com um machado.

— A rapariga de Ned — ecoou o Grande Balde Wull. — E já devíamos tê-la, e ao castelo, em nosso poder se vós, os estúpidos pavões do sul, não mijassem as bragas de cetim com um bocadinho de neve.

— Um *bocadinho* de neve? — A suave boca de rapariga de Peasebury torceu-se de fúria. — Foram os vossos maus conselhos que nos impuseram esta marcha, Wull. Estou a começar a suspeitar de que são criaturas do Bolton desde o princípio. É assim que as coisas são? Ele enviou-vos até nós para resmungardes veneno aos ouvidos do rei?

O Grande Balde riu-se-lhe na cara.

— O Lorde Vagem. Se fosses um homem, matava-te por isso, mas a minha espada é feita de um aço bom demais para a emporcalhar com sangue de cobarde. — Bebeu um trago de cerveja e limpou a boca. — Sim, há homens a morrer. Mais morrerão antes de vermos Winterfell. E depois? Isto é a guerra. Os homens morrem na guerra. É assim que deve ser. Como sempre foi.

Sor Corliss Penny deitou ao chefe de clã um olhar incrédulo.

— Vós *quereis* morrer, Wull?

Aquilo pareceu divertir o nortenho.

— Eu quero viver para sempre numa terra onde o verão dure mil anos. Quero um castelo nas nuvens de onde possa olhar o mundo. Quero ter outra vez vinte e seis anos. Quando tinha vinte e seis anos, conseguia levar o dia inteiro a combater e a noite toda a foder. O que os homens querem não importa. O inverno já quase chegou, rapaz. E inverno é morte. Prefiro que os meus homens morram a combater pela miudinha do Ned do que sozinhos e esfomeados na neve, a chorar lágrimas que lhes congelam nas caras. Ninguém canta canções sobre homens que morrem assim. E quanto a mim, sou velho. Este será o meu último inverno. Deixai-me tomar banho em sangue Bolton antes de morrer. Quero senti-lo a salpicar-me a cara quando o meu machado morder profundamente o crânio de um Bolton. Quero lambê-lo dos meus lábios e morrer com o seu sabor na língua.

— *Isso!* — gritou Morgan Liddle. — *Sangue e batalha!* — Depois todos os homens dos montes se puseram aos gritos, batendo na mesa com as taças e cornos de beber, enchendo a tenda do rei com o alarido.

A própria Asha Greyjoy de bom grado acolheria um combate. *Uma batalha, para pôr fim a este sofrimento. Aço contra aço, neve rosada, escudos quebrados e membros cortados, e tudo chegaria ao fim.*

No dia seguinte, os batedores do rei encontraram por acaso uma aldeia abandonada de agricultores entre dois lagos; um sítio sujo e miserável que não passava de algumas cabanas, um edifício público e uma torre de vigia. Richard Horpe ordenou uma paragem, muito embora o exército não tivesse avançado mais que meia milha nesse dia e estivessem a horas do crepúsculo. Já passara há muito do nascer da Lua quando a coluna logística e a retaguarda chegaram à aldeia. Asha vinha nesse grupo.

— Há peixe nestes lagos — disse Horpe ao rei. — Abriremos buracos no gelo. Os nortenhos sabem como se faz.

Mesmo envolto no seu volumoso manto de peles e com a armadura pesada, Stannis parecia um homem com um pé na cova. A pouca carne que restava na sua constituição alta e magra em Bosque Profundo desaparecera durante a marcha. Via-se a forma do seu crânio sob a pele, e tinha o maxilar cerrado com tal força que Asha temeu que os dentes se lhe estilhaçassem.

— Então pescai — disse, despachando cada palavra com uma dentada. — Mas marchamos à primeira luz da aurora.

Mas quando a luz chegou, o acampamento despertou para a neve e o silêncio.

O céu passou de negro a branco e não pareceu mais luminoso. Asha Greyjoy acordou com câibras e frio sob a pilha de peles de dormir, escu-

tando os roncões da Ursa. Nunca conhecera uma mulher que ressonasse tão ruidosamente, mas habituara-se àquilo durante a marcha, e agora até a reconfortava até certo ponto. Era o silêncio que a perturbava. Nenhuma trombeta soava para dizer aos homens para montar, formar uma coluna, preparar-se para marchar. Nenhum corno de guerra convocava os nortenhos. *Há algo de errado.*

Asha saiu de debaixo das suas peles de dormir e saiu da tenda, derrubando a parede de neve que as isolava lá dentro durante a noite. As grilhetas retiniram quando se pôs em pé e inspirou uma golfada do gelado ar da manhã. A neve continuava a cair, ainda mais fortemente do que quando se enfiara na tenda. Os lagos tinham desaparecido, e a floresta também. Via as silhuetas das outras tendas e abrigos temporários, e o clarão indistinto e alaranjado do fogo sinaleiro no topo da torre de vigia, mas não a própria torre. A tempestade engolira o resto.

Alguns, mais à frente, Roose Bolton aguardava-os por trás das muralhas de Winterfell, mas a hoste de Stannis Baratheon estava presa pela neve e imóvel, emparedada por gelo e neve, a passar fome.

DAENERYS

A vela já quase se fora. Restavam menos de três centímetros, que se projetavam de um charco de cera quente derretida e deitavam a sua luz sobre a cama da rainha. A chama começara a vacilar.

Vai apagar-se não tarda muito, compreendeu Dany, e quando o fizer outra noite chegará ao fim.

A aurora chegava sempre cedo demais.

Ela não dormira, não pudera dormir, não quisera dormir. Nem sequer se atrevera a fechar os olhos, por temer que fosse manhã quando os voltasse a abrir. Se ao menos tivesse poder para tal, teria feito com que as noites que passavam juntos se prolongassem para sempre, mas o melhor que podia fazer era ficar acordada para tentar saborear todos os momentos de doçura antes de a alvorada os transformar em nada mais que memórias que se apagavam.

A seu lado, Daario Naharis dormia tão pacificamente como um bebé recém-nascido. Gabava-se de que tinha um dom para dormir, sorrindo daquela sua maneira arrogante. Em campo, segundo afirmava, era frequente dormir na sela para estar bem repousado no caso de deparar com uma batalha. Sol ou tempestade, não importava.

— Um guerreiro que não consegue dormir depressa deixa de ter força para combater — dissera. E também nunca era incomodado por pesadelos. Quando Dany lhe disse como Serwyn do Escudo Espelhado era atormentado pelos fantasmas de todos os cavaleiros que matara, Daario limitara-se a rir. — Se aqueles que eu matei vierem incomodar-me, voltarei a matá-los a todos. — *Ele tem uma consciência de mercenário, apercebera-se ela então. O que equivale a dizer que não tem consciência alguma.*

Daario estava deitado de barriga para baixo, com as leves colchas de linho enroladas em volta das longas pernas e a cara meio enterrada nas almofadas.

Dany percorreu-lhe as costas com a mão, seguindo a linha da espinha. A pele era lisa sob o seu toque, quase desprovida de pelos. *A pele dele é seda e cetim.* Adorava senti-lo sob os seus dedos. Adorava passar-lhe os dedos pelo cabelo, massajar-lhe as pernas para afastar a dor de um longo dia na sela, pegar-lhe na picha e senti-la a endurecer na palma da mão.

Se fosse uma mulher comum, de bom grado passaria toda a vida a tocar Daario, a percorrer-lhe as cicatrizes com os dedos e a obrigá-lo a

contar-lhe como ficara com cada uma delas. *Renunciaria à coroa se ele mo pedisse*, pensou Dany... mas ele não o pedira, e nunca pediria. Daario podia sussurrar palavras de amor quando os dois eram como um só, mas sabia que era a rainha dos dragões que amava. *Se eu renunciasse à coroa, ele não me quereria*. Além disso, era frequente que os reis que perdiam as coroas perdessem também as cabeças, e Dany não via motivo para esse facto ser diferente para uma rainha.

A vela tremeluziu uma última vez e morreu, afogada na própria cera. A escuridão engoliu a cama e os seus dois ocupantes, e encheu todos os cantos do aposento. Dany envolveu o seu capitão nos braços e encostou-se-lhe às costas. Bebeu o seu odor, saboreando o calor da carne, a sensação de ter a pele dele encostada à sua. *Recorda*, disse a si própria. *Recorda a sensação que ele dava*. Beijou-o no ombro.

Daario rolou para ela, de olhos abertos.

— Daenerys. — Fez um sorriso indolente. Aquele era outro dos seus talentos; despertava de repente, como um gato. — É a aurora?

— Ainda não. Ainda temos algum tempo.

— Mentirosa. Vejo os teus olhos. Conseguiria fazer isso se fosse noite cerrada? — Daario libertou-se da colcha com um pontapé e sentou-se. — Meia-luz. O dia chegará em breve.

— Não quero que esta noite acabe.

— Ah não? E porquê, minha rainha?

— Tu sabes.

— O casamento? — Ele riu-se. — Casa comigo em vez dele.

— Sabes que não posso fazer isso.

— És uma rainha. Podes fazer o que quiseres. — Fez deslizar uma mão ao longo da sua perna. — Quantas noites nos restam?

Duas. Só duas.

— Sabes tão bem como eu. Esta noite e a próxima, depois temos de pôr fim a isto.

— Casa comigo, e podemos ter todas as noites para sempre.

Se pudesse, casaria. Khal Drogo fora o seu sol-e-estrelas, mas estava morto há tanto tempo que Daenerys quase esquecera como era amar e ser amada. Daario ajudara-a a recordar. *Estive morta e ele trouxe-me de volta à vida. Estava adormecida e ele despertou-me. O meu bravo capitão*. Mesmo assim, nos últimos tempos tornara-se demasiado ousado. No dia em que regressara da sua última surtida, atirara a cabeça de um senhor yunkaita para junto dos seus pés e beijara-a no salão para todo o mundo ver, até que Barristan Selmy os separara. O Sor Avô estivera tão furioso que Dany temera que sangue pudesse ser derramado.

— Não podemos casar, meu amor. Sabes porquê.

Ele saltou da cama.

— Então casa com o Hizdahr. Eu dou-lhe um belo par de cornos como presente de casamento. Os homens ghiscariotas gostam de andar por aí com cornos. Fazem-nos com o cabelo, com pentes, cera e ferros. — Daario descobriu as bragas e vestiu-as. Não se incomodava com roupa interior.

— Depois de eu estar casada, desejar-me será alta traição. — Dany puxou a colcha para tapar os seios.

— Então eu devo ser um traidor. — Enfiou uma túnica de seda azul pela cabeça e endireitou as pontas da barba com os dedos. Pintara-a de fresco por ela, deixando o púrpura e voltando ao azul que usava quando Dany o conheceu. — Cheiro a ti — disse, cheirando os dedos e sorrindo.

Dany adorava o modo como o dente de ouro do mercenário reluzia quando ele sorria. Adorava os pelos finos no seu peito. Adorava a força nos seus braços, o som do seu riso, o modo como ele a olhava sempre nos olhos e dizia o seu nome quando introduzia a picha nela.

— És lindo — deixou escapar, enquanto o via calçar e atar as botas de montar. Em certos dias ele deixava que ela lhe fizesse aquilo, mas naquele não, aparentemente. *Isso também se acabou.*

— Mas não suficientemente lindo para casar. — Daario tirou o cinturão da espada da cavilha onde o pendurara.

— Para onde vais?

— Para a tua cidade — disse ele — beber um ou dois barris e meter-me numa rixa. Passou-se demasiado tempo desde que matei um homem. Talvez deva ir à procura do teu noivo.

Dany atirou-lhe uma almofada.

— Deixa Hizdahr em paz!

— Às ordens da minha rainha. Vais conceder audiências hoje?

— Não. Amanhã serei uma mulher casada, e Hizdahr será rei. *Ele* que conceda audiências. Esta é a gente dele.

— Alguns são dele, alguns são teus. Aqueles que libertaste.

— Estás a repreender-me?

— Aqueles a que chamas teus filhos. Querem a mãe.

— Estás. Estás a *repreender-me*.

— Só um bocadinho, coração brilhante. Vais conceder audiências?

— Depois do casamento, talvez. Depois da paz.

— Esse *depois* de que falas nunca chega. Devias conceder audiência.

Os meus novos homens não acreditam que és real. Aqueles que vieram dos Aventados. Nascidos e criados em Westeros, a maioria, cheios de histórias sobre Targaryens. Querem ver um com os seus próprios olhos. O Sapo tem um presente para ti.

— O Sapo? — disse ela, aos risinhos. — E quem é ele?

O mercenário encolheu os ombros.

— Um rapaz dornês qualquer. É escudeiro do grande cavaleiro a que chamam Tripas Verdes. Disse-lhe que me podia dar o presente dele que eu o entregaria, mas ele não quis.

— Oh, um sapo esperto. “*Dá-me o presente a mim.*” — Atirou-lhe a outra almofada. — Eu tê-lo-ia chegado a ver?

Daario afagou o bigode dourado.

— Roubaria eu a minha querida rainha? Se fosse um presente digno de ti, eu próprio o teria depositado nas tuas mãos suaves.

— Como sinal do teu amor?

— Quanto a isso não digo nada, mas disse-lhe que to podia dar. Não queres transformar Daario Naharis em mentiroso, pois não?

Dany viu-se impotente para recusar.

— Como queiras. Traz o teu sapo à corte amanhã. Os outros também. Os de Westeros. — Seria bom ouvir o idioma comum vindo de alguém além de Sor Barristan.

— Às ordens da minha rainha. — Daario fez uma profunda vénia, sorriu e retirou-se, fazendo rodopiar o manto atrás de si.

Dany ficou sentada entre a roupa amarrotada da cama, com os braços em volta dos joelhos, tão esquecida de si própria que nem ouviu quando Missandei entrou no aposento com pão, leite e figos.

— Vossa Graça? Não estais bem? No cerrado da noite esta ouviu-vos gritar.

Dany pegou num figo. Estava negro e gordo, ainda húmido de orvalho. *Far-me-á Hizdahr alguma vez gritar?*

— Foi o vento que ouviste gritar. — Deu uma dentada, mas a fruta perdera o sabor agora que Daario se fora. Suspirando, levantou-se e gritou a Irri que lhe trouxesse um roupão, após o que vagueou até ao terraço.

Tinha inimigos a toda a volta. Nunca havia menos do que uma dúzia de navios a seco na costa. Em alguns dias chegavam mesmo a uma centena, quando os soldados desembarcavam. Os yunkaitas até madeira traziam por mar. Atrás das valas que tinham aberto estavam a construir catapultas, balistas, grandes trabucos. Em noites sossegadas, conseguia ouvir os martelos a ressoar no ar quente e seco. *Mas nada de torres de cerco. Nada de aríetes.* Eles não tentariam tomar Meereen de assalto. Iriam esperar por trás das suas linhas de cerco, atirando pedras contra ela até que a fome e a doença fizessem ajoelhar o seu povo.

Hizdahr trar-me-á paz. Tem de a trazer.

Nessa noite os cozinheiros assaram para ela um cabrito com tâmaras e cenouras, mas Dany só conseguiu comer um bocado. A ideia de lutar com Meereen uma vez mais deixava-a fatigada. O sono custou a chegar, mesmo

quando Daario regressou, tão bêbado que mal conseguia manter-se em pé. Sob as colchas, virou-se e remexeu-se, sonhando que Hizdahr estava a beijá-la... mas os lábios dele estavam azuis e magoados e, quando a penetrou, o seu membro viril estava frio como gelo. Dany sentou-se com o cabelo em desordem e a roupa da cama toda enxovalhada. O seu capitão dormia ao lado, mas ela estava só. Apeteceu-lhe sacudi-lo, acordá-lo, obrigá-lo a abraçá-la, a fodê-la, a ajudá-la a esquecer, mas sabia que se o fizesse ele se limitaria a sorrir, a bocejar e a dizer:

— Foi só um sonho, minha rainha. Dorme.

Em vez disso, envergou um roupão com capuz e saiu para o terraço. Foi até ao parapeito e parou aí, olhando a cidade como fizera meia centena de vezes. *Esta cidade nunca será minha. Nunca será o meu lar.*

A pálida luz rosada da aurora foi encontrá-la ainda no terraço, adormecida na relva, sob uma manta de fino orvalho.

— Prometi a Daario que concederia audiência hoje — disse Daenerys às suas aias quando a acordaram. — Ajudai-me a encontrar a coroa. Oh, e roupa para vestir, qualquer coisa leve e fresca.

Fez a sua descida uma hora mais tarde.

— *Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Andalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.* — gritou Missandei.

Reznak mo Reznak fez uma vénia e um largo sorriso.

— Magnificência, tornais-vos mais bela todos os dias. Julgo que a perspetiva do casamento vos deu brilho. Oh, minha cintilante rainha!

Dany suspirou.

— Chamai o primeiro peticionário.

Passara-se tanto tempo desde a última vez que concedera audiência que a montanha de casos era quase avassaladora. O fundo do salão era uma multidão sólida, e rebentaram rixas por precedência. Como não podia deixar de ser, foi Galazza Galare quem avançou, de cabeça bem erguida, com a cara escondida por trás de um reluzente véu verde.

— Radiância, talvez fosse melhor que conversássemos em privado.

— Seria se eu tivesse tempo — disse Dany com simpatia. — Vou casar-me amanhã. — O seu último encontro com a Graça Verde não correra bem. — Que quereis de mim?

— Desejo falar convosco sobre o atrevimento de um certo capitão mercenário.

Ela atreve-se a dizer isto numa audiência aberta? Dany sentiu uma onda de fúria. *Tem coragem, admito, mas se acha que vou tolerar outra repreensão não podia estar mais enganada.*

— A traição de Ben Castanho Plumm chocou-nos a todos — disse — mas o vosso aviso chega tarde demais. E agora sei que quereis regressar ao vosso templo para rezar por paz.

A Graça Verde fez uma vénia.

— Rezarei também por vós.

Outra bofetada, pensou Dany, com a cor a subir-lhe à cara.

O resto foi um tédio que a rainha conhecia bem. Manteve-se sentada nas almofadas, à escuta, com um pé a bandear de impaciência. Jhiqui trouxe uma bandeja de figos e presunto ao meio-dia. Parecia não haver fim para os peticionários. Por cada par que mandava embora a sorrir, um saía de olhos vermelhos ou a resmungar.

O pôr-do-sol estava próximo quando Daario Naharis apareceu com os seus novos Corvos Tormentosos, os westorisanos que tinham vindo dos Aventados. Dany deu por si a deitar-lhes relances enquanto outro peticionário falava sem parar. *Aquela é a minha gente. Sou a sua legítima rainha.* Eram um grupo com mau aspeto, mas isso era de se esperar de mercenários. O mais novo não podia ser um ano mais velho do que ela; o mais velho devia ter visto sessenta dias do seu nome. Alguns ostentavam sinais de riqueza: ouro e anéis, túnicas de seda, cinturões de espadas tachonados de prata. *Saque.* A maior parte das suas roupas eram de fabrico simples, e mostravam sinais de muito uso.

Quando Daario os fez avançar, viu que um deles era uma mulher, grande e loura e toda coberta de cota de malha.

— Linda Meris — chamou-lhe o seu capitão, embora *linda* fosse a última coisa que Dany lhe teria chamado. Tinha um metro e oitenta e era desprovida de orelhas, possuindo um nariz fendido, profundas cicatrizes em ambas as faces e os olhos mais frios que a rainha vira na vida. Quanto aos outros...

Hugh Hungerford era magro e melancólico, de pernas longas e cara comprida, vestido com roupa fina mas desbotada. O Teias era baixo e musculoso, com aranhas tatuadas na cabeça, peito e braços. O vermelhusco Orson Stone afirmava ser um cavaleiro, e o esgalgado Lucifer Long dizia o mesmo. O Will dos Bosques olhou-a lubricamente logo desde que ajoelhou. Dick Straw tinha olhos azuis violáceos, um cabelo branco como linho e um sorriso perturbador. A cara do Jack Cenoura estava escondida por trás de uma hirsuta barba cor de laranja e a sua fala era ininteligível.

— Ele arrancou metade da língua à dentada na sua primeira batalha — explicou-lhe Hungerford.

Os dorneses pareciam diferentes.

— Se aprover a Vossa Graça — disse Daario — estes três são o Tripas Verdes, o Gerrold e o Sapo.

O Tripas Verdes era enorme e careca como um calhau, com braços suficientemente grossos para rivalizar até com Belwas, o Forte. Gerrold era um jovem alto e esguio com madeixas claras no cabelo e uns risonhos olhos verdes-azulados. *Aquele sorriso conquistou o coração de muitas donzelas, apostou.* O seu manto era feito de suave lã castanha forrada de sedareia, uma agradável peça de roupa.

Sapo, o escudeiro, era o mais jovem dos três, e o menos impressionante, um rapaz sério e entroncado, de cabelo e olhos castanhos. A cara era algo quadrada, com uma testa alta, um queixo pesado e um nariz largo. A barba rala nas bochechas e no queixo fazia com que parecesse um rapaz a tentar cultivar a primeira barba. Dany não viu nenhum indício do motivo por que lhe alguém lhe chamaria Sapo. *Talvez consiga saltar até mais longe do que os outros.*

— Podeis levantar-vos — disse. — Daario disse-me que viestes até nós desde Dorne. Os dorneses terão sempre boas-vindas na minha corte. Lançassolar manteve-se leal ao meu pai quando o Usurpador lhe roubou o trono. Deveis ter enfrentado muitos perigos para chegar até mim.

— Demasiados — disse Gerrold, o bem-parecido com as madeixas no cabelo. — Éramos seis quando partimos de Dorne, Vossa Graça.

— Lamento as vossas perdas. — A rainha virou-se para o seu grande companheiro. — Tripas Verdes é um nome estranho.

— É um gracejo, Vossa Graça. Dos navios. Vim enjoado de Volantis até aqui. A cambalear e... bem, não devo dizer.

Dany soltou um risinho.

— Acho que consigo adivinhar, sor. É *sor*, não é? Daario disse-me que sois um cavaleiro.

— Se aprouver a Vossa Graça, todos os três somos cavaleiros.

Dany deitou uma olhadela a Daario e viu um clarão de ira passar-lhe pelo rosto. *Ele não sabia.*

— Eu tenho necessidade de cavaleiros — disse.

As suspeitas de Sor Barristan tinham despertado.

— É fácil afirmar-se a condição de cavaleiro aqui tão longe de Westeros. Estais preparados para defender essa vanglória com espada ou lança?

— Se for necessário — disse Gerrold — embora eu não afirme que algum de nós se equipare a Barristan, o Ousado. Vossa Graça, peço-vos perdão, mas apresentámo-nos perante vós sob falsos nomes.

— Conheço outra pessoa que fez o mesmo — disse Dany — um homem chamado Arstan Barba-Branca. Então disse-me os vossos verdadeiros nomes.

— De bom grado... mas se pudermos suplicar a indulgência da rainha, haverá algum lugar com menos olhos e ouvidos?

Jogos dentro de jogos.

— Como quiserdes. Skahaz, evacuai a corte.

O Tolarrapada rugiu ordens. Os seus Feras de Bronze fizeram o resto, pastoreando os outros westerosianos e o resto dos peticionários do dia para fora da sala. Os conselheiros deixaram-se ficar.

— E agora — disse Dany — os vossos nomes.

O bonito e jovem Gerrold fez uma vénia.

— Sor Gerris Drinkwater, Vossa Graça. A minha espada é vossa.

O Tripas Verdes cruzou os braços ao peito.

— E o meu martelo de guerra também. Sou Sor Archibald Yronwood.

— E vós, sor? — perguntou a rainha ao rapaz chamado Sapo.

— Se aprover a Vossa Graça, posso primeiro entregar-vos o meu presente?

— Se quiserdes — disse Daenerys, curiosa, mas quando o Sapo avançou, Daario Naharis pôs-se na sua frente e estendeu uma mão enluvada.

— Dá-me a mim o presente.

Sem expressão, o rapaz entroncado dobrou-se, desatou a bota e, de uma dobra oculta no interior, retirou um pergaminho amarelado.

— O teu presente é este? Uma coisa escrita? — Daario arrancou o pergaminho das mãos do dornês e desenrolou-o, franzindo os olhos aos selos e assinaturas. — Muito bonitos, todos os dourados e fitinhas, mas eu não leio os vossos gatafunhos de Westeros.

— Trazei-o à rainha — ordenou Sor Barristan. — Já.

Dany sentiu a fúria que pairava no salão.

— Eu sou só uma rapariguinha, e as rapariguinhas têm de receber os seus presentes — disse com ligeireza. — Daario, por favor, não deves provocar-me. Dá-mo cá.

O pergaminho estava escrito no idioma comum. A rainha desenrolou-o lentamente, estudando os selos e as assinaturas. Quando viu o nome de Sor Willem Derry, o coração bateu-lhe um pouco mais depressa. Leu o pergaminho até ao fim, depois voltou a lê-lo.

— Podemos saber o que diz, Vossa Graça? — perguntou Sor Barristan.

— É um pacto secreto — disse Dany — feito em Bravos quando eu era pequenina. Quem assinou por nós foi Sor Willem Darry, o homem que fez com que eu e o meu irmão desaparecêssemos de Pedra do Dragão antes dos homens do Usurpador conseguirem apanhar-nos. O Príncipe Oberyn Martell assinou por Dorne e o Senhor do Mar de Bravos assinou como testemunha. — Entregou o pergaminho a Sor Barristan, para o velho cavaleiro poder ler com os seus olhos. — Diz que a aliança deve ser selada com um casamento. Em troca da ajuda de Dorne para derrubar o Usurpador, o meu

irmão Viserys deverá tomar a filha do Príncipe Doran, Arianne, como sua rainha.

O velho cavaleiro leu lentamente o pacto.

— Se Robert soubesse disto teria esmagado Lançassolar como esmagou Pyke, e cortado as cabeças do Príncipe Doran e da Víbora Vermelha... e, provavelmente, a cabeça desta princesa dornesa também.

— Foi sem dúvida por isso que o Príncipe Doran decidiu manter o pacto em segredo — sugeriu Daenerys. — Se o meu irmão Viserys soubesse que tinha uma princesa dornesa à sua espera, teria partido para Lançassolar assim que tivesse idade para casar.

— Fazendo assim cair sobre si e sobre Dorne o martelo de guerra de Robert — disse o Sapo. — O meu pai conformou-se com esperar pelo dia em que o Príncipe Viserys encontrasse o seu exército.

— O vosso pai?

— O Príncipe Doran. — Voltou a cair sobre um joelho. — Vossa Graça, tenho a honra de ser Quentyn Martell, um príncipe de Dorne e o mais leal dos vossos súbditos.

Dany riu-se.

O príncipe dornês ficou vermelho, enquanto a sua corte e conselheiros lhe dirigiam olhares confusos.

— Radiância? — disse Skahaz Tolarrapada, na língua ghiscariota. — Porque vos rides?

— Chamam-lhe *sapo* — disse ela — e acabámos de ficar a saber porquê. Nos Sete Reinos há histórias infantis sobre sapos que se transformam em príncipes encantados quando são beijados pelo seu verdadeiro amor. — Sorrindo aos cavaleiros dorneses, voltou ao idioma comum. — Dizei-me, Príncipe Quentyn, estais encantado?

— Não, Vossa Graça.

— Temi isso mesmo. — *Nem encantado nem encantador, infelizmente. Uma pena que o príncipe seja ele e não o dos ombros largos e cabelo cor de areia.* — Mas viestes em busca de um beijo. Pretendeis casar comigo. É assim? O presente que me trazeis é a vossa doce pessoa. Em vez de Viserys e a vossa irmã, teremos de ser vós e eu a selar este pacto, se eu quiser Dorne.

— O meu pai esperou que pudésseis achar-me aceitável.

Daario Naharis soltou uma gargalhada escarninha.

— O que eu digo é que és um cachorrinho. A rainha precisa de um homem a seu lado, não de um rapazinho chorão. Não és marido adequado para uma mulher como ela. Quando lambes os lábios ainda te sabe ao leite da mamã?

Sor Gerris Drinkwater indignou-se ao ouvir aquelas palavras.

— Cuidado com a língua, mercenário. Estás a falar com um príncipe de Dorne.

— E com a sua ama-de-leite, parece-me. — Daario passou os polegares pelos cabos das espadas, e fez um sorriso perigoso.

Skahaz franziu o sobrolho, como só ele era capaz.

— Este rapaz pode servir para Dorne, mas Meereen precisa de um rei de sangue ghiscariota.

— Eu conheço este tal Dorne — disse Reznak mo Reznak. — Dorne é areia e escorpiões, e desoladas montanhas vermelhas a torrar ao sol.

Foi o Príncipe Quentyn que lhe respondeu.

— Dorne é cinquenta mil lanças e espadas, postas ao serviço da nossa rainha.

— Cinquenta mil? — troçou Daario. — Eu conto três.

— Basta — disse Daenerys. — O Príncipe Quentyn atravessou meio mundo para me oferecer este presente, não quero que seja tratado com descortesia. — Virou-se para os dorneses. — Seria bom que tivésseis chegado há um ano. Prometi casar com o nobre Hizdahr zo Loraq.

Sor Gerris disse:

— Não é tarde demais...

— Quem avaliará isso serei eu — disse Daenerys. — Reznak, assegurai-vos de que ao príncipe e aos companheiros são dados aposentos adequados ao seu alto nascimento, e de que os seus desejos são satisfeitos.

— Como quiserdes, Radiância.

A rainha pôs-se em pé.

— Então por agora acabámos.

Daario e Sor Barristan seguiram-na pelas escadas até aos seus aposentos.

— Isto muda tudo — disse o velho cavaleiro.

— Isto nada muda — disse Dany enquanto Irri lhe tirava a coroa. — De que servem três homens?

— Três cavaleiros — disse Selmy.

— Três mentirosos — disse Daario em tom sombrio. — Enganaram-me.

— E também te compraram, não duvido. — Ele não se incomodou a negá-lo. Dany desenrolou o pergaminho e voltou a examiná-lo. *Bravos. Isto foi feito em Bravos, enquanto morávamos na casa da porta vermelha.* Porque seria que isso a fazia sentir-se tão estranha?

Deu por si a lembrar-se do pesadelo. *Às vezes existe verdade em sonhos.* Poderia Hizdahr zo Loraq estar a trabalhar para os feiticeiros, seria esse o significado do sonho? Poderia o sonho ter sido uma transmissão?

Estariam os deuses a dizer-lhe para pôr Hizdahr de parte e para se casar com aquele príncipe dornês? Algo lhe titilou a memória.

— Sor Barristan, quais são as armas da Casa Dorne?

— Um sol em esplendor, trespassado por uma lança.

O filho do sol. Foi percorrida por um arrepio.

— Sombras e murmúrios. — Que mais dissera Quaithe? *A égua branca e o filho do sol. Também havia um leão e um dragão. Ou será que o dragão sou eu?* — Cuidado com o senescal perfumado. — Disso lembrava-se. — Sonhos e profecias. Porque têm de ser sempre adivinhas? Detesto isto. Oh, deixai-me, sor. Amanhã é o dia do meu casamento.

Nessa noite, Daario possuiu-a de todas as maneiras que um homem pode possuir uma mulher, e ela entregou-se-lhe de boa vontade. Da última vez, enquanto o Sol nascia, usou a boca para voltar a entesá-lo, como Doreah lhe ensinara tanto tempo antes, e depois montou-o com tal violência que o ferimento que ele sofrera recomeçou a sangrar e, durante um doce segundo, deixou de conseguir distinguir se era ele que estava dentro dela ou ela que estava dentro dele.

Mas quando o Sol se ergueu sobre o dia do seu casamento, Daario Naharis fez o mesmo, vestindo a roupa e afivelando o cinturão da espada com as reluzentes libertinas douradas.

— Para onde vais? — perguntou-lhe Dany. — Proíbo-te de fazeres hoje uma surtida.

— A minha rainha é cruel — disse o seu capitão. — Se não puder matar os teus inimigos, como hei de divertir-me enquanto estás a casar-te?

— Ao cair da noite não terei inimigos.

— Ainda é só a alvorada, querida rainha. O dia é longo. Há tempo suficiente para uma última surtida. Quero trazer-te a cabeça de Ben Castanho Plumm como presente de casamento.

— Não quero cabeças — insistiu Dany. — Uma vez trouxeste-me flores.

— Hizdahr que te traga flores. Ele não é homem para se baixar e colher um dente-de-leão, é certo, mas tem criados que ficarão contentes por o fazer por ele. Tenho a tua licença para me ir embora?

— Não. — Queria que ele ficasse e a abraçasse. *Um dia ele partirá e não regressará,* pensou. *Um dia um arqueiro qualquer acertará com uma seta no seu peito, ou dez homens cairão sobre ele com lanças, espadas e machados, dez candidatos a heróis.* Cinco deles morreriam, mas isso não tornaria a sua dor mais fácil de suportar. *Um dia perdê-lo-ei, como perdi o meu sol-e-estrelas. Mas por favor, deuses, hoje não.* — Volta para a cama e beija-me. — Ninguém a beijara como Daario Naharis. — Sou a tua rainha e ordeno-te que me fodas.

Pretendera brincar, mas os olhos de Daario endureceram perante as suas palavras.

— Foder rainhas é trabalho para um rei. O teu nobre Hizdahr pode tratar disso, depois de vos casardes. E se ele se revelar demasiado bem nascido para trabalho tão suado, tem criados que ficarão contentes por também fazer isso por ele. Ou talvez possas chamar o rapaz dornês para a tua cama, e também o amigo bonito dele, porque não? — E saiu do quarto a passos largos.

Ele vai fazer uma surtida, compreendeu Dany, e se conseguir a cabeça de Ben Plumm vai entrar no banquete nupcial com ela e atirar-ma aos pés. Que os Sete me salvem. Porque não poderia ele ser mais bem-nascido?

Quando o mercenário se foi embora, Missandei trouxe à rainha uma refeição simples de queijo de cabra e azeitonas, com passas de sobremesa.

— Vossa Graça precisa de mais do que vinho para quebrar o jejum. Sois uma coisinha tão pequenina, e hoje ireis decerto precisar das vossas forças.

Aquilo fez Daenerys rir, por vir de uma rapariga tão pequena. Dependia tanto da pequena escriba que era frequente esquecer-se de que Missandei acabara de fazer onze anos. Partilharam a comida no terraço. Enquanto Dany mordiscava uma azeitona, a rapariga naatena fitou-a com olhos que eram como ouro derretido e disse:

— Não é tarde demais para lhes dizerdes que decidistes não casar.

Mas é, pensou a rainha, com tristeza.

— O sangue de Hizdahr é antigo e nobre. A nossa união juntará os meus libertos ao seu povo. Quando nos tornarmos um só, a nossa cidade fará o mesmo.

— Vossa Graça não ama o nobre Hizdahr. Esta pensa que preferiríeis ter outro homem como marido.

Hoje não posso pensar em Daario.

— Uma rainha ama quem deve, não quem quer. — O apetite abandonara-a. — Leva esta comida daqui — disse a Missandei. — Está na altura de tomar banho.

Mais tarde, enquanto Jhiqui a secava, Irri aproximou-se com o seu *tokar*. Dany invejou as calças largas de sedareia e os coletes pintados das aias dothraki. Estariam muito mais frescas do que ela com o *tokar*, com a sua pesada fimbria de pequenas pérolas.

— Ajudai-me a enrolar isto à minha volta, por favor. Não consigo lidar sozinha com todas estas pérolas.

Devia estar ardente de expectativa com o casamento e a noite que se seguiria, bem o sabia. Lembrou-se da noite do primeiro casamento, quando Khal Drogo lhe tirara a virgindade sob as estrelas estrangeiras. Lembrou-se

de quão assustada estivera, de quão excitada também. Seria também assim com Hizdahr? *Não. Eu não sou a rapariga que era, e ele não é o meu sol-e-estrelas.*

Missandei voltou a sair do interior da pirâmide.

— Reznak e Skahaz suplicam a honra de acompanhar Vossa Graça ao Templo das Graças. Reznak ordenou que o vosso palanquim fosse preparado.

Os meereeneses raramente andavam a cavalo no interior das muralhas da sua cidade. Preferiam palanquins e liteiras, abertas ou fechadas, transportadas aos ombros dos seus escravos.

— Os cavalos emporcalham as ruas — dissera-lhe um homem de Zakh — os escravos não. — Dany libertara os escravos, mas palanquins e liteiras ainda coalhavam as ruas como antes, e nenhuma flutuava magicamente pelo ar.

— O dia está quente demais para ficar trancada num palanquim — disse Dany. — Manda selar a minha prata. Não irei ter com o senhor meu esposo às costas de carregadores.

— Vossa Graça — disse Missandei — esta lamenta imenso, mas não podeis montar vestida com um *tokar*.

A pequena escriba tinha razão, como acontecia tantas vezes. O *tokar* não era uma peça de vestuário que se destinasse ao dorso de cavalos. Dany fez uma careta.

— É como dizes. Mas o palanquim não. Sufocaria por trás dessas cortinas. Manda preparar uma liteira coberta. — Se tinha de usar as suas orelhas de abano, então que todos os coelhos a vissem.

Quando Dany fez a sua descida, Reznak e Skahaz deixaram-se cair sobre os joelhos.

— Vossa Reverência brilha com tal brilho que cegará qualquer homem que se atreva a olhá-la — disse Reznak. O senescal usava um *tokar* de samito castanho com fímbria dourada. — Hizdahr zo Loraq é muito afortunado convosco... e vós com ele, se posso ter a ousadia de o dizer. Esta união salvará a nossa cidade, vereis.

— Rezamos para que sim. Quero plantar as minhas oliveiras e vê-las dar frutos. — *Importará que os beijos de Hizdahr não me agradem? A paz irá agradar-me. Serei eu uma rainha, ou só uma mulher?*

— Hoje as multidões serão densas como moscas. — O Tolarrapada trazia vestida uma camisa negra pregueada e uma placa de peito musculada, e tinha debaixo de um braço um elmo de bronze com a forma da cabeça de uma serpente.

— Deverei ter medo de moscas? Os vossos Feras de Bronze manter-me-ão a salvo de todo o mal.

Era sempre lusco-fusco no interior da base da grande pirâmide. Pa-

redes com nove metros de espessura abafavam o tumulto das ruas e mantinham o calor no exterior, por conseguinte lá dentro estava fresco e escuro. A sua escolta estava a formar no interior dos portões. Os estábulos dos cavalos, mulas e burros ficavam junto das paredes ocidentais, os dos elefantes junto das orientais. Dany adquirira três desses estranhos e enormes animais com a sua pirâmide. Faziam-lhe lembrar mamutes sem pelos e cinzentos, embora as suas presas tivessem sido cortadas curtas e douradas e os olhos fossem tristes.

Foi encontrar Belwas, o Forte, a comer uvas, enquanto Barristan Selmy observava um moço de estrebaria que prendia uma correia em volta do seu cavalo malhado cinzento. Os três dorneses estavam com ele, a conversar, mas interromperam-se quando a rainha apareceu. O príncipe caiu sobre um joelho.

— Vossa Graça, tenho de suplicar-vos. As forças do meu pai fraquejam, mas a sua devoção à vossa causa é tão forte como sempre. Se as minhas maneiras ou a minha pessoa vos desagradaram, o pesar é meu, mas...

— Se quereis agradar-me, sor, ficai feliz por mim — disse Daenerys. — Este é o dia do meu casamento. Na Cidade Amarela dançarão, não duvido. — Suspirou. — Erguei-vos, meu príncipe, e sorri. Um dia regressarei a Westeros, para reclamar o trono do meu pai, e procurarei ajuda em Dorne. Mas neste dia, os yunkaitas têm a minha cidade rodeada de aço. Eu posso morrer antes de ver os meus Sete Reinos. Hizdahr pode morrer. Westeros pode ser engolido pelas vagas. — Dany beijou-o na cara. — Vinde. Está na altura de me casar.

Sor Barristan ajudou-a a subir para a liteira. Quentyn voltou a juntar-se aos outros dorneses. Belwas, o Forte, berrou uma ordem para os portões serem abertos, e Daenerys Targaryen foi levada em direção ao sol. Selmy pôs-se a seu lado no cinzento malhado.

— Dizei-me — disse Dany enquanto a procissão virava para o Templo das Graças — se o meu pai e a minha mãe tivessem sido livres para seguir os corações, com quem se teriam casado?

— Foi há muito tempo. Vossa Graça não os conhecerá.

— Mas vós sabeis. Dizei-me.

O velho cavaleiro inclinou a cabeça.

— A rainha vossa mãe sempre esteve consciente do seu dever. — Estava bonito na armadura dourada e prateada, com o manto branco a escorrer-lhe dos ombros, mas soava como um homem cheio de dores, como se cada palavra fosse uma pedra que tinha de transmitir. — Mas em rapariga... esteve em tempos enamorada de um jovem cavaleiro oriundo das terras da tempestade que usou o seu favor num torneio e a nomeou rainha do amor e da beleza. Uma coisa breve.

— Que aconteceu a esse cavaleiro?

— Pôs de parte a lança no dia em que a senhora vossa mãe casou com o vosso pai. Depois tornou-se muito piedoso, e consta ter dito que só a Donzela podia substituir a Rainha Rhaella no seu coração. A sua paixão era impossível, claro. Um cavaleiro com terras não é um consorte adequado para uma princesa de sangue real.

E Daario Naharis é só um mercenário, indigno até de calçar as esporas douradas de um cavaleiro com terras.

— E o meu pai? Houve alguma mulher que ele amasse mais que à sua rainha?

Sor Barristan mexeu-se na sela.

— Não... amar não. *Desejar* talvez seja uma palavra mais correta, mas... foi só mexericos de cozinha, os murmúrios de lavadeiras e moços de estrebaria...

— Quero saber. Nunca conheci o meu pai. Quero saber tudo sobre ele. O bom e... o resto.

— Às vossas ordens. — O cavaleiro branco escolheu as palavras com cuidado. — O Príncipe Aerys... em jovem, enamorou-se de uma certa senhora de Rochedo Casterly, uma prima de Tywin Lannister. Quando ela e Tywin se casaram, o vosso pai bebeu demasiado vinho no banquete de casamento, e ouviram-no dizer que era uma grande pena que o direito do senhor à primeira noite tivesse sido abolido. Um gracejo ébrio, não passou disso, mas Tywin Lannister não era homem para esquecer tais palavras ou o... excesso de familiaridade que o vosso pai mostrou quando os noivos foram levados para a cama. — A cara de Sor Barristan enrubesceu. — Já disse demasiado, Vossa Graça. Eu...

— *Graciosa rainha, folgo encontrar-vos!* — Outro cortejo pusera-se ao lado do dela, e Hizdahr zo Loraq estava a sorrir-lhe da sua liteira. *O meu rei. Dany perguntou a si própria onde estaria Daario Naharis, o que andaria ele a fazer. Se isto fosse uma história, ele chegaria a galope mesmo na altura em que estivéssemos a chegar ao templo, para desafiar Hizdahr pela minha mão.*

Lado a lado, o seu cortejo e o de Hizdahr zo Loraq avançaram lentamente por Meereen, até que por fim o Templo das Graças se ergueu na frente deles, com as cúpulas douradas a relampejar ao sol. *Como é belo,* tentou a rainha dizer a si própria, mas dentro de si havia uma rapariguinha tola que não conseguia evitar olhar em volta em busca de Daario. *Se ele te amasse viria levar-te à espadeirada, como Rhaegar levou a sua rapariga nortenha,* insistia a rapariga em si, mas a rainha sabia que isso era uma loucura. Mesmo se o seu capitão fosse suficientemente louco para tentar fazê-lo, os Feras de Bronze abatê-lo-iam antes de se aproximar a menos de cem metros dela.

Galazza Galare aguardava-os à porta do templo, rodeada pelas irmãs de branco, de rosa e de vermelho, de azul, de dourado e de púrpura. *Há menos do que havia.* Dany procurou Ezzara e não a viu. *Será que a fluxão sangrenta até a ela levou?* Embora a rainha tivesse deixado os astapori passar fome do lado de fora das suas muralhas para evitar que a fluxão sangrenta se espalhasse, estava na mesma a espalhar-se. Muitos tinham sido atingidos; libertos, mercenários, Feras de Bronze, até dothraki, embora por enquanto nenhum dos Imaculados tivesse sido tocado. Rezou para que o pior tivesse passado.

As Graças apresentaram uma cadeira de marfim e uma bacia dourada. Segurando delicadamente o *tokar* a fim de não pisar as suas fímbrias, Daenerys Targaryen sentou-se no sumptuoso assento de veludo da cadeira e Hizdahr zo Loraq pôs-se de joelhos, descalçou-lhe as sandálias e lavou-lhe os pés enquanto cinquenta eunucos cantavam e dez mil olhos observavam. *Tem umas mãos gentis,* matutou ela, enquanto óleos tépidos e odoríferos lhe escorriam por entre os dedos. *Se também tiver um coração gentil, posso acabar por gostar dele com o tempo.*

Depois ficou com os pés limpos, Hizdahr secou-os com uma toalha suave, voltou a calçar-lhe as sandálias e ajudou-a a pôr-se em pé. De mãos dadas, seguiram a Graça Verde para dentro do templo, onde o ar estava pesado de incenso e os deuses de Ghis estavam envoltos em sombras nos seus nichos.

Quatro horas mais tarde voltaram a sair como marido e mulher, presos pelos pulsos e tornozelos com correntes de ouro amarelo.

JON

A Rainha Selyse caiu sobre Castelo Negro com a filha e o bobo da filha, as criadas e damas de companhia, e uma comitiva de cinquenta cavaleiros, espadas ajuramentadas e homens-de-armas. *Todos homens da rainha*, sabia Jon Snow. *Podem estar ao serviço de Selyse, mas quem servem é Melisandre*. A sacerdotisa vermelha avisara-o da sua vinda, quase um dia antes da chegada do corvo de Atalaiaeste com a mesma mensagem.

Encontrou-se com o grupo da rainha junto dos estábulos, acompanhado pelo Cetim, por Bowen Marsh e por meia dúzia de guardas vestidos com longos mantos negros. Nunca poderia apresentar-se àquela rainha sem uma comitiva sua, se metade do que se dizia dela era verdade. Podia confundi-lo com um moço de estrebaria e entregar-lhe as rédeas do cavalo.

As neves tinham finalmente partido para sul, dando-lhes uma folga. Havia até um vestígio de calor no ar quando Jon Snow caiu sobre um joelho perante a rainha sulista.

— Vossa Graça. Castelo Negro dá as boas-vindas a vós e aos vossos.

A Rainha Selyse olhou-o do alto.

— Agradeço. Acompanhai-me, por favor, ao vosso senhor comandante.

— Os meus irmãos escolheram-me para essa honra. Sou Jon Snow.

— Vós? Disseram que éreis jovem, mas... — A cara da Rainha Selyse era pálida e macilenta. Usava uma coroa de ouro vermelho com pontas em forma de chamas, uma gémea da usada por Stannis. — ... podeis erguer-vos, Lorde Snow. Esta é a minha filha, Shireen.

— Princesa. — Jon inclinou a cabeça. Shireen era uma rapariga desajeitada, tornada ainda mais feia pela escamagris que lhe deixara o pescoço e parte da cara rígida, cinzenta e estalada.

— Eu e os meus irmãos estamos ao vosso serviço — disse à rapariga. Shireen enrubesceu.

— Obrigada, senhor.

— Creio que conheceis o meu parente, Sor Axell Florent — prosseguiu a rainha.

— Só por corvo. — *E por relatórios*. As cartas que recebia de Atalaiaeste-do-Mar tinham bastante a dizer sobre Axell Florent, e muito pouco era bom. — Sor Axell.

— Lorde Snow. — Homem robusto, Florent tinha pernas curtas e um

peito largo. Pelos ásperos cobriam-lhe as bochechas e o maxilar e projetavam-se-lhe das orelhas e narinas.

— Os meus leais cavaleiros — prosseguiu a Rainha Selyse. — Sor Narbert, Sor Benethon, Sor Brus, Sor Patrek, Sor Dorden, Sor Malegorn, Sor Lambert, Sor Perkin. — Os notáveis fizeram vénias, cada um de sua vez. A rainha não perdeu tempo a nomear o bobo, mas os badalos no seu chapéu provido de hastes e os retalhos tatuados nas entufadas bochechas tornavam-no difícil de ignorar. *Cara-Malhada*. As cartas de Cotter Pyke também o mencionavam. Pyke afirmava que era um simplório.

Então, a rainha chamou com um gesto outro curioso membro da sua comitiva: um alto e esguio varapau, cuja altura era acentuada por um extravagante chapéu de três plataformas de feltro purpúreo.

— E aqui temos o honrado Tycho Nestoris, um emissário do Banco de Ferro de Bravos, que veio negociar com Sua Graça, o Rei Stannis.

O banqueiro tirou o chapéu e fez uma profunda vénia.

— Senhor comandante. Agradeço-vos, e aos vossos irmãos, pela vossa hospitalidade. — Falava o idioma comum sem falhas, com não mais que um ligeiríssimo vestígio de sotaque. Quinze centímetros mais alto do que Jon, o bravosiano ostentava uma barba fina como uma corda que lhe brotava do queixo e quase chegava à cintura. O traje era de um púrpura escuro, guarnecido de arminho. Um colarinho alto e rígido enquadrava-lhe a cara estreita. — Espero que não sejamos para vós demasiado inconvenientes.

— De modo algum, senhor. Sois muito bem-vindo. — *Mais bem-vindo do que esta rainha, em boa verdade*. Cotter Pyke enviara um corvo a avisar sobre a vinda do banqueiro. Jon Snow em pouco mais pensara desde então.

Jon voltou a virar-se para a rainha.

— Os aposentos reais na Torre do Rei foram preparados para Vossa Graça, durante todo o tempo que desejardes passar connosco. Este é o nosso Senhor Intendente, Bowen Marsh. Arranjará alojamento para os vossos homens.

— Que bondade a vossa terdes arranjado espaço para nós. — As palavras da rainha eram bastante cortesias, embora o seu tom de voz dissesse: *Não é mais do que o teu dever, e é melhor que esses aposentos me agradem*. — Não passaremos muito tempo convosco. Alguns dias, no máximo. É nossa intenção avançar para os nossos novos domínios em Fortenoite assim que estivermos repousados. A viagem desde Atalaialeste foi fatigante.

— Como quiserdes, Vossa Graça — disse Jon. — Tenho a certeza de que deveis ter frio e fome. Uma refeição quente aguarda-vos na nossa sala comum.

— Muito bem. — A rainha olhou o pátio em volta. — Mas primeiro desejamos trocar impressões com a Senhora Melisandre.

— Claro, Vossa Graça. Os seus aposentos também ficam na Torre do Rei. Por aqui, por favor. — A Rainha Selyse anuiu com a cabeça, pegou na mão da filha e autorizou-o a indicar-lhes o caminho para fora dos estábulos. Sor Axell, o banqueiro bravosiano e o resto do grupo dela seguiram-nos, como outros tantos patinhos vestidos de lã e peles.

— Vossa Graça — disse Jon Snow — os meus construtores fizeram tudo o que puderam para deixar Fortenoite pronto para vos receber... mas muito do castelo permanece em ruínas. É um castelo grande, o maior da Muralha, e só conseguimos restaurá-lo em parte. Talvez estivésseis mais confortável em Atalaialeste-do-Mar.

A Rainha Selyse soltou uma fungadela.

— Estamos fartos de Atalaialeste. Não gostámos daquilo por lá. Uma rainha deve ser soberana sob o seu telhado. Achámos o vosso Cotter Pyke um homem canhestro e desagradável, quezilento e avaro.

Devias ouvir o que Cotter diz de ti.

— Lamento sabê-lo, mas temo que Vossa Graça vá achar as condições em Fortenoite ainda menos do vosso agrado. Estamos a falar de uma fortaleza, não de um palácio. É um lugar sombrio e frio. Ao passo que Atalaialeste...

— Atalaialeste não é seguro. — A rainha pôs uma mão no ombro da filha. — Esta é a verdadeira herdeira do rei. Shireen sentar-se-á um dia no Trono de Ferro e governará os Sete Reinos. Tem de ser protegida do mal, e será em Atalaialeste que se dará o ataque. Esse Fortenoite é o lugar que o meu marido escolheu para os nossos domínios e será aí que habitaremos. Nós... *oh!*

Uma enorme sombra saiu de trás da casca da Torre do Senhor Comandante. A Princesa Shireen soltou um guincho, e três dos cavaleiros da rainha arquejaram em unísono. Outro praguejou.

— *Que os Sete nos salvem* — disse, esquecendo-se por completo do seu novo deus vermelho com o choque.

— Não tenhais medo — disse-lhes Jon. — Não há nele qualquer maldade, Vossa Graça. Este é o Wun Wun.

— Wun Weg Wun Dar Wun. — A voz do gigante estrondeava como um pedregulho a cair pela vertente de uma montanha. Caiu de joelhos à frente deles. Mesmo ajoelhado erguia-se acima dos outros. — Ajoelhar rainha. Pequena rainha. — Palavras que Couros lhe ensinara, sem dúvida.

Os olhos da Princesa Shireen ficaram tão grandes como pratos de jantar.

— É um *gigante*! Um gigante real e verdadeiro, como os das histórias. Mas porque é que fala desta maneira esquisita?

— Ele só conhece algumas palavras do idioma comum, por enquanto — disse Jon. — Na terra deles, os gigantes falam o idioma antigo.

— Posso tocar-lhe?

— É melhor não — avisou a mãe. — Olha para ele. Uma criatura nojenta. — A rainha virou a carranca para Jon. — Lorde Snow, que está esta criatura bestial a fazer do nosso lado da Muralha?

— Wun Wun é um hóspede da Patrulha da Noite, tal como vós.

A rainha não gostou da resposta. Os seus cavaleiros também não. Sor Axell fez uma careta de repugnância, Sor Brus soltou um risinho nervoso, Sor Narbert disse:

— Foi-me dito que todos os gigantes estavam mortos.

— Quase todos. — *Ygritte chorou por eles.*

— Na escuridão, os mortos estão a dançar. — O Cara-Malhada mexeu os pés num grotesco passo de dança. — Eu sei, eu sei, hei hei hei. — Em Atalaialeste alguém lhe fizera um manto de retalhos de peles de castor, de ovelha e de coelho. O chapéu exibia hastes, penduradas das quais havia campainhas, e longas abas de pele de esquilo que pendiam sobre as orelhas. Todos os passos que dava punham-nas a retinir.

Wun Wun olhou-o de boca aberta, fascinado, mas quando o gigante estendeu a mão para ele, o bobo afastou-se aos saltos, a cantarolar.

— Oh não, oh não, oh não. — Isso fez Wun Wun pôr-se em pé. A rainha agarrou na Princesa Shireen e puxou-a para trás, os cavaleiros levaram as mãos às espadas, e o Cara-Malhada recuou alarmado, perdeu o equilíbrio e esparramou-se de traseiro num monte de neve.

Wun Wun desatou a rir. O riso de um gigante era capaz de envergonhar o rugido de um dragão. O Cara-Malhada tapou as orelhas, a Princesa Shireen encostou a cara às peles da mãe, e o mais ousado dos cavaleiros da rainha avançou, de aço na mão. Jon ergueu um braço para lhe bloquear o caminho.

— Vós *não* quereis enfurecê-lo. Embainhai o aço, sor. Couros, leva o Wun Wun de volta para a Torre de Hardin.

— Comer agora, Wun Wun? — perguntou o gigante.

— Comer agora — concordou Jon. Ao Couros disse: — Eu mando um barril de legumes para ele e carne para ti. Acende uma fogueira.

Couros fez um sorriso.

— Acenderei, s'nhor, mas a Torre de Hardin está um gelo. O s'nhor pode mandar também um pouco de vinho para nos aquecer?

— Para ti. Para ele não. — Wun Wun nunca provara vinho até chegar a Castelo Negro, mas depois de provar ganhara um gigantesco gosto pela

bebida. *Gosto demasiado*. Jon tinha o suficiente com que lutar naquele momento sem acrescentar um gigante bêbado à confusão. Voltou a virar-se para os cavaleiros da rainha. — O senhor meu pai costumava dizer que um homem não deve nunca puxar pela espada, a menos que pretenda usá-la.

— Usá-la era a minha intenção. — O cavaleiro estava escanhoado e queimado pelo vento; sob um manto de peles brancas usava um sobretudo de pano de prata decorado com uma estrela azul de cinco pontas. — Fui levado a crer que a Patrulha da Noite defendia o reino contra tais monstros. Ninguém falou em tê-los como animais de estimação.

Outro maldito idiota do sul.

— E vós sois...?

— Sor Patrek da Montanha Real, se aprouver ao senhor.

— Não sei como cumpris os direitos de hóspede na vossa montanha, sor. No Norte consideramo-los sagrados. Wun Wun é aqui um hóspede.

Sor Patrek sorriu.

— Dizei-me, Senhor Comandante, se os Outros aparecerem planeais oferecer-lhes hospitalidade também a eles? — O cavaleiro virou-se para a sua rainha. — Vossa Graça, aquilo ali é a Torre do Rei, se não me engano. Posso ter a honra?

— Como quiserdes. — A rainha deu-lhe o braço e passou pelos homens da Patrulha da Noite sem lhes dirigir um segundo olhar.

Aquelas chamas na coroa são a coisa mais quente que tem.

— Lorde Tycho — chamou Jon. — Um momento, por favor.

O bravosiano parou.

— Eu não sou nenhum lorde. Só um simples criado do Banco de Ferro de Bravos.

— Cotter Pyke informou-me de que chegastes a Atalaiaeste com três navios. Um galeão, uma galé e uma coca.

— É verdade, senhor. A travessia pode ser perigosa nesta estação. Um navio sozinho pode ir a pique, enquanto três juntos podem auxiliar-se uns aos outros. O Banco de Ferro é sempre prudente em tais assuntos.

— Antes de partirdes talvez possamos ter uma conversa sossegada?

— Estou ao vosso serviço, senhor comandante. E em Bravos dizemos que não há melhor altura do que o presente. Convirá?

— É tão boa altura como qualquer outra. Retemperamo-nos no meu aposento privado, ou gostaríeis de ver o topo da Muralha?

O banqueiro olhou para cima, para onde o gelo se erguia vasto e claro contra o céu.

— Temo que faça um frio de rachar lá em cima.

— Faz frio, e também vento. Aprende-se a caminhar bem longe da borda. Já houve homens que foram soprados da Muralha abaixo. Ainda

assim, a Muralha é diferente de tudo o resto na terra. Podeis não voltar a ter oportunidade de a ver.

— Sem dúvida irei arrepender-me da minha cautela no meu leito de morte, mas depois de um longo dia na sela uma sala quente parece-me preferível.

— Seja então o meu aposento privado. Cetim, um pouco de vinho com especiarias, por favor.

Os aposentos de Jon por trás do armeiro estavam bastante sossegados, ainda que não estivessem particularmente quentes. A lareira apagara-se algum tempo antes; Cetim não era tão diligente a alimentá-la como o Edd Doloroso fora. O corvo de Mormont cumprimentou-os com um guincho de “*Grão!*” Jon pendurou o manto. — Procurais Stannis, correto?

— Correto, senhor. A Rainha Selyse sugeriu que talvez possamos enviar uma mensagem para Bosque Profundo, por corvo, a fim de informar Sua Graça de que o aguardo em Fortenoite. O assunto que pretendo colocar à sua consideração é demasiado delicado para ser confiado a cartas.

— Uma dívida. — *Que mais poderá ser?* — Uma dívida dele? Ou do irmão?

O banqueiro apertou os dedos uns contra os outros.

— Não seria apropriado da minha parte discutir as dívidas do Lorde Stannis ou a falta delas. Quanto ao Rei Robert... foi realmente nosso o prazer de prestar assistência a Sua Graça nas suas necessidades. Enquanto Robert viveu, tudo esteve bem. Agora, contudo, o Trono de Ferro cessou todos os pagamentos.

Poderão os Lannister ser realmente tão tolos?

— Não podeis pretender responsabilizar Stannis pelas dívidas do irmão.

— As dívidas cabem ao Trono de Ferro — declarou Tycho — e quem quer que se sente nessa cadeira tem de as pagar. Uma vez que o jovem Rei Tommen e os seus conselheiros se tornaram tão obstinados, pretendemos abordar o assunto junto do Rei Stannis. Se ele se mostrar mais merecedor da nossa confiança, seria naturalmente com grande prazer que lhe prestaríamos toda a ajuda de que necessitasse.

— *Ajuda* — gritou o corvo. — *Ajuda, ajuda, ajuda.*

Jon concluíra muito daquilo no momento em que soubera que o Banco de Ferro mandara um emissário à Muralha.

— Segundo as últimas notícias que recebemos, Sua Graça marcha sobre Winterfell para confrontar o Lorde Bolton e os seus aliados. Podeis procurá-lo lá se quiserdes, embora isso acarrete um risco. Podíeis dar por vós enredado nesta guerra.

Tycho baixou a cabeça.

— Aquele que serve o Banco de Ferro enfrenta a morte tão frequentemente como vós, os que servis o Trono de Ferro.

Será isso o que eu sirvo? Jon Snow já não tinha a certeza.

— Posso fornecer-vos cavalos, provisões, guias, tudo o que seja necessário para vos levar a Bosque Profundo. Daí, tereis de chegar pelos vossos próprios meios até junto de Stannis. — *E podes perfeitamente descobrir a cabeça dele num espigão.* — Haverá um preço.

— *Preço* — gritou o corvo de Mormont. — *Preço, preço.*

— Há sempre um preço, não é verdade? — O bravosiano sorriu. — Que quer a Patrulha?

— Os vossos navios, para começar. Com as tripulações.

— Todos os três? Como regressarei eu a Bravos?

— Só preciso deles para uma viagem.

— Uma viagem perigosa, presumo. Para começar, dissestes?

— Também precisamos de um empréstimo. Ouro suficiente para nos manter alimentados até à primavera. Para comprar comida e contratar navios para no-la trazerem.

— Primavera? — Tycho suspirou. — Não é possível, senhor.

Que lhe dissera Stannis? *Regateais como uma velha por um bacalhau, Lorde Snow. Será que o Lorde Eddard vos gerou numa peixeira?* Talvez o tivesse feito.

Demorou a maior parte de uma hora até o impossível se tornar possível, e outra hora até conseguirem concordar com os termos. O jarro de vinho com especiarias que o Cetim trouxe ajudou-os a limar os pontos mais bicudos. Quando Jon Snow assinou o pergaminho que o bravosiano redigiu, estavam ambos meio bêbados e bastante descontentes. Jon tomou isso como bom sinal.

Os três navios bravosianos fariam subir a frota fundeada em Atalaia-leste para onze embarcações, incluindo o baleeiro *ibbenês* que Cotter Pyke requisitara por ordem de Jon, uma galé mercante vinda de Pentos recrutada à força de forma semelhante e três maltratados navios de guerra *lisenos*, restos da antiga frota de Salladhor Saan empurrados para norte pelas tempestades de outono. Todos os navios de Saan tinham grande necessidade de reparações, mas por aquela altura o trabalho devia estar concluído.

Onze navios não eram suficientes, mas se esperasse mais o povo livre em Larduro estaria morto quando a frota de salvamento chegasse. *Zarpar agora ou não zarpar de todo.* Agora, se a Mãe Toupeira e a sua gente estariam suficientemente desesperados para confiar as vidas à Patrulha da Noite...

O dia escurecera quando ele e Tycho Nestoris abandonaram o aposento privado. Começara a nevar.

— A nossa folga foi breve, ao que parece. — Jon enrolou-se melhor no manto.

— O inverno já quase chegou. No dia em que saí de Bravos havia gelo nos canais.

— Três dos meus homens passaram por Bravos há pouco tempo — disse-lhe Jon. — Um velho mestre, um cantor e um jovem intendente. Acompanhavam uma rapariga selvagem e o seu filho para Vilavelha. Suponho que não tereis calhado encontrá-los?

— Temo que não, senhor. Todos os dias passa gente de Westeros por Bravos, mas a maior parte chega ao Porto do Trapeiro e parte daí. Os navios do Banco de Ferro atracam no Porto Púrpura. Se quiserdes, posso indagar o que lhes terá acontecido quando regressar a casa.

— Não é necessário. Por esta altura devem estar em segurança em Vilavelha.

— Esperemos que sim. O mar estreito é perigoso nesta altura do ano, e nos últimos tempos tem havido relatos perturbadores de avistamentos de navios estranhos nos Degraus.

— Salladhor Saan?

— O pirata liseno? Há quem diga que ele regressou aos seus velhos hábitos, é verdade. E a frota de guerra do Lorde Redwyne também atravessa o Braço Quebrado. A caminho de casa, sem dúvida. Mas esses homens e os seus navios são bem conhecidos por nós. Não, essas outras velas... de mais a leste, talvez... ouvem-se estranhas conversas sobre dragões.

— Bom seria que tivéssemos cá um. Um dragão poderia aquecer um pouco as coisas.

— O senhor graceja. Perdoar-me-eis se não me rir. Nós, os bravosianos, descendemos daqueles que fugiram de Valéria e da fúria dos senhores dos dragões. Não brincamos sobre dragões.

Não, suponho que não.

— As minhas desculpas, Lorde Tycho.

— Não são necessárias desculpas, senhor comandante. Descubro agora que tenho fome. Emprestar somas de ouro tão avultadas causa apetite a um homem. Tereis a bondade de me mostrar o caminho para o vosso salão de banquetes?

— Levo-vos pessoalmente até lá. — Jon fez um gesto. — Por aqui.

Uma vez lá chegado, teria sido descortês não quebrar pão com o banqueteiro, portanto Jon mandou Cetim ir buscar-lhes comida. A novidade dos recém-chegados tinha feito sair quase todos os homens que não estavam de serviço ou a dormir, e a cave estava cheia de gente e quente.

A rainha propriamente dita encontrava-se ausente, e a sua filha também. Naquela altura era provável que estivessem a instalar-se na Torre do

Rei. Mas Sor Brus e Sor Malegorn estavam ali, entretendo os irmãos que se tinham reunido com as últimas notícias de Atalaialeste e do ultramar. Três das damas da rainha estavam sentadas juntas, servidas pelas respetivas aias e acompanhadas por uma dúzia de admiradores da Patrulha da Noite.

Mais perto da porta, o Mão da Rainha atacava um par de capões, chupando os ossos até os deixar sem carne e empurrando para baixo cada bocado com cerveja. Quando viu Jon Snow, Axell Florent deitou um osso fora, limpou a boca com as costas da mão e aproximou-se calmamente. Com as suas pernas tortas, peito em forma de barril e orelhas proeminentes, apresentava uma aparência cómica, mas Jon não era tolo ao ponto de se rir dele. O homem era tio da Rainha Selyse, e estivera entre os primeiros na aceitação do deus vermelho de Melisandre. *Se não é um assassino de parentes, disse se aproxima.* O irmão de Axell Florent fora queimado por Melisandre, segundo informações que o Mestre Aemon lhe fornecera, mas Sor Axell fizera menos que pouco para o impedir. *Que tipo de homem pode ficar parado a ver o seu próprio irmão a ser queimado vivo?*

— Nestoris — disse Sor Axell — e o senhor comandante. Posso juntar-me a vós? — Deixou-se cair sobre o banco antes de terem tempo de responder. — Lorde Snow, se puder perguntar... esta princesa selvagem sobre a qual Sua Graça, o Rei Stannis, escreveu... onde poderá estar, senhor?

A longas léguas daqui, pensou Jon. *Se os deuses forem bons, por esta altura já encontrou Tormund Terror dos Gigantes.*

— Val é a irmã mais nova de Dalla, que foi esposa de Mance Rayder e mãe do seu filho. O Rei Stannis aprisionou Val e a criança depois de Dalla morrer de parto, mas ela não é princesa alguma, segundo o entendimento que vós tendes da palavra.

Sor Axell encolheu os ombros.

— Seja ela o que for, em Atalaialeste os homens afirmavam que a rapariga era bonita. Gostava de ver com os meus próprios olhos. Algumas destas mulheres selvagens, bem, um homem teria de as virar de costas para cumprir o seu dever de marido. Se aprovar ao senhor comandante, trazei-a para fora, deixai-nos dar-lhe uma olhadela.

— Ela não é um cavalo para ser exibido para inspeção, sor.

— Prometo que não lhe contarei os dentes. — Florent sorriu. — Oh, não temais, tratá-la-ei com toda a cortesia que lhe é devida.

Ele sabe que não a tenho. Uma aldeia não tinha segredos, e Castelo Negro não os tinha mais. Não se falava abertamente da ausência de Val, mas alguns homens sabiam, e à noite, na sala comum, os homens conversavam. *Que ouviu ele dizer?*, perguntou Jon a si próprio. *Em quanto do que ouviu acredita?*

— Perdoai-me, sor, mas Val não irá juntar-se-nos.

— Eu vou ter com ela. Onde guardais a rapariga?

Longe de ti.

— Num lugar seguro. Basta, sor.

A cara do cavaleiro ficou corada.

— Senhor, esqueceste-vos de quem eu sou? — O hálito do homem cheirava a cerveja e a cebola. — Deverei falar com a rainha? Basta uma palavra de Sua Graça para que me tragam esta rapariga selvagem nua ao salão para nossa inspeção.

Isso seria um belo truque, mesmo para uma rainha.

— A rainha nunca abusaria da nossa hospitalidade — disse Jon, esperando que fosse verdade. — Agora temo que deva retirar-me antes que me esqueça dos deveres de um anfitrião. Lorde Tycho, peço que me desculpeis.

— Sim, claro — disse o banqueiro. — Foi um prazer.

Lá fora, a neve caía mais pesadamente. Do outro lado do pátio, a Torre do Rei transformara-se numa gigantesca sombra, com as luzes das janelas obscurecidas pela neve que caía.

De volta ao seu aposento privado, Jon foi encontrar o corvo do Velho Urso empoleirado no espaldar da cadeira de couro e carvalho por trás da mesa de armar. A ave começou a gritar por comida no momento em que entrou. Jon tirou um punhado de grãos secos do saco que se encontrava ao lado da porta e espalhou-os pelo chão, após o que reclamou para si a cadeira.

Tycho Nestoris deixara para trás uma cópia do acordo. Jon leu-o três vezes até ao fim. *Isto foi simples*, refletiu. *Mais simples do que me atrevi a esperar. Mais simples do que devia ter sido.*

Isso causava-lhe uma sensação incómoda. O dinheiro bravosiano permitiria que a Patrulha da Noite comprasse comida ao sul quando as provisões próprias comesçassem a escassear, comida suficiente para aguentarem o inverno, por mais longo que este se revelasse. *Um inverno longo e duro deixará a Patrulha tão profundamente endividada que nunca sairemos do buraco*, fez Jon lembrar a si próprio, *mas quando a alternativa é entre a dívida e a morte, é melhor pedir emprestado.*

Mas não tinha de gostar. E na primavera, quando chegasse o momento de pagar todo aquele ouro, gostaria ainda menos. Tycho Nestoris parecera-lhe culto e cortês, mas o Banco de Ferro de Bravos tinha uma reputação temível no que tocava à coleta de dívidas. Cada uma das Nove Cidades Livres tinha o seu banco, e algumas possuíam mais do que um, lutando por cada moeda como cães por um osso, mas o Banco de Ferro era mais rico e poderoso do que todos os outros juntos. Quando os príncipes incumpriam as obrigações para com bancos menores, os banqueiros arruinados vendiam as mulheres e os filhos para a escravatura e abriam as

veias. Quando os príncipes deixavam de pagar ao Banco de Ferro, novos príncipes brotavam de nenhures e conquistavam-lhes os tronos.

Como o pobre e rechonchudo Tommen pode estar prestes a aprender. Sem dúvida que os Lannister tinham bons motivos para se recusarem a pagar as dívidas do Rei Robert, mas não deixava de ser uma loucura. Se Stannis não fosse demasiado inflexível para aceitar as condições deles, os bravosianos dar-lhe-iam todo o ouro e prata de que necessitasse, dinheiro suficiente para comprar uma dúzia de companhias mercenárias, para subornar uma centena de senhores, para manter os seus homens pagos, alimentados, vestidos e armados. *A menos que Stannis jaza morto à sombra das muralhas de Winterfell, pode perfeitamente ter acabado de conquistar o Trono de Ferro.* Perguntou a si próprio se Melisandre teria visto isso nos seus fogos.

Jon recostou-se, bocejou, espreguiçou-se. De manhã esboçaria ordens para Cotter Pyke. *Onze navios para Larduro. Trazer todos os que for possível, mulheres e crianças primeiro.* Estava na altura de zarparem. *Mas devo ir pessoalmente ou será melhor deixar a expedição com Cotter?* O Velho Urso liderara uma patrulha. *Pois. E nunca regressara.*

Jon fechou os olhos. Só por um momento...

... e acordou, hirtos como uma tábua, com o corvo do Velho Urso a resmungar “*Snow, Snow,*” e Mully a sacudi-lo.

— S’nhor, sois esperado. Perdão, s’nhor. Foi encontrada uma moça.

— Uma moça? — Jon sentou-se, afastando o sono dos olhos com as costas das mãos. — Val? Val regressou?

— Não é Val, s’nhor. Foi deste lado da Muralha, foi pois.

Arya. Jon endireitou-se. Tinha de ser ela.

— *Moça* — gritou o corvo. — *Moça, moça.*

— Ty e Dannel deram com ela duas léguas a sul de Vila Toupeira. Andavam à caça de uns selvagens que tinham abalado estrada de rei abaixo. Também os trouxeram de volta, mas depois deram com a moça. É bem-nascida, s’nhor, e tá a perguntar por vós.

— Vieram quantos homens com ela? — Deslocou-se até à bacia, salpicou a cara com água. Deuses, como estava cansado.

— Nenhum, s’nhor. Veio sozinha. O cavalo ‘tava a morrer debaixo dela. Todo pele e costelas, coxo e cheio de espuma. Soltaram-no e capturaram a moça para a interrogar.

Uma rapariga cinzenta num cavalo moribundo. Os fogos de Melisandre não tinham mentido, aparentemente. Mas o que acontecera a Mance Rayder e às suas esposas de lanças?

— Onde está agora a moça?

— Nos aposentos do Mestre Aemon, s’nhor. — Os homens de Cas-

telo Negro ainda lhe chamavam assim, apesar de por aquela altura o velho mestre dever estar quente e em segurança em Vilavelha. — A moça ‘tava azul de frio, tremia como varas verdes, de modo que o Ty quis que Clydas lhe desse uma olhadela.

— Isso é bom. — Jon voltou a sentir-se com quinze anos. *Irmãzinha*. Levantou-se e envergou o manto.

A neve continuava a cair quando atravessou o pátio com Mully. Uma aurora dourada rebentava a leste, mas por trás da janela da Senhora Melisandre na Torre do Rei, uma luz avermelhada ainda tremeluzia. *Será que ela nunca dorme? Que jogo estás a jogar, sacerdotisa? Tinhas alguma outra tarefa para Mance?*

Queria acreditar que seria Arya. Desejava voltar a ver a cara dela, sorrir-lhe e despentear-lhe o cabelo, dizer-lhe que estava em segurança. *Mas não estará em segurança. Winterfell está queimado e quebrado, e já não há lugares seguros.*

Não a podia manter ali com ele, por mais que quisesse fazê-lo. A Muralha não era lugar para uma mulher, muito menos para uma rapariga de nascimento nobre. E tampouco iria entregá-la a Stannis ou a Melisandre. O rei só queria casá-la com um dos seus homens, Horpe, ou Massey, ou Godry, o Mata-Gigantes, e só os deuses sabiam que uso a mulher vermelha poderia querer dar-lhe.

A melhor solução que conseguia ver significaria enviá-la para Atalaialeste e pedir a Cotter Pyke para a pôr num navio para algum sítio do outro lado do mar, para fora do alcance de todos aqueles reis quezilentos. Isso teria de esperar que os navios regressassem de Larduro, com certeza. *Ela podia regressar a Bravos com Tycho Nestoris. O Banco de Ferro talvez possa ajudar a encontrar alguma família nobre que a crie.* Bravos era a mais próxima das Cidades Livres, porém... o que fazia dela ao mesmo tempo a melhor e a pior opção. *Lorath ou o Porto de Ibben talvez fossem mais seguros.* Enviasse-a para onde enviasse, contudo, Arya precisaria de prata para a sustentar, de um telhado sobre a cabeça, de alguém que a protegesse. Não passava de uma criança.

Os velhos aposentos do Mestre Aemon estavam tão quentes que a súbita nuvem de vapor quando Mully abriu a porta foi suficiente para os cegar a ambos. Lá dentro, um fogo acabado de acender ardia na lareira, com a lenha a estalar e a crepitar. Jon passou por cima de um charco de roupa húmida.

— *Snow, Snow, Snow* — gritaram os corvos lá de cima. A rapariga estava enrolada perto do fogo, envolta num manto negro de lã, bom para alguém com o triplo do seu tamanho, e profundamente adormecida.

Parecia-se o suficiente com Arya para o fazer hesitar, mas só por um

momento. Era uma rapariga alta, magrinha e ardente, toda ela pernas e cotovelos, e tinha o cabelo castanho apanhado numa grossa trança e atado com tiras de couro. Possuía uma cara comprida, um queixo pontiagudo, orelhas pequenas.

Mas era mais velha do que devia ser, muito mais velha do que devia ser. *Esta rapariga tem quase a minha idade.*

— Ela comeu? — perguntou Jon a Mully.

— Só pão e caldo, senhor. — Clydas levantou-se de uma cadeira. — O Mestre Aemon sempre disse que é melhor avançar devagar. Mais alimento, e ela podia não ser capaz de o digerir.

Mully confirmou com a cabeça.

— O Dannel tinha uma das salsichas do Hobb e deu-lhe um bocado, mas ela não quis tocar-lhe.

Jon não a censurava por isso. As salsichas de Hobb eram feitas de gordura, sal e coisas em que era melhor não pensar.

— Talvez devêssemos simplesmente deixá-la descansar.

Foi nesse momento que a rapariga se sentou, apertando o manto aos pequenos seios pálidos. Parecia confusa.

— Onde...

— Castelo Negro, senhora.

— A Muralha. — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — Estou aqui.

Clydas aproximou-se mais.

— Pobre criança. Que idade tens?

— Terei dezasseis no próximo dia do meu nome. E não sou criança nenhuma, mas uma mulher crescida e florescida. — Bocejou, tapou a boca com o manto. Um joelho nu espreitou por entre as dobras deste. — Não usais corrente. Sois um mestre?

— Não — disse Clydas — mas servi um.

Ela realmente parece-se um pouco com Arya, pensou Jon. Está faminta e escanzelada, mas tem o cabelo da mesma cor e os olhos também.

— Disseram-me que perguntastes por mim. Sou...

— ... Jon Snow. — A rapariga atirou a trança para trás. — A minha casa e a vossa estão ligadas pelo sangue e pela honra. Escutai-me, parente. O meu tio Cregan segue de perto o meu rasto. Não podeis deixar que me leve de volta para Karhold.

Jon estava de olhos fitos. *Eu conheço esta rapariga.* Havia algo nos seus olhos, na maneira como se conduzia, no modo como falava. Por um momento, a memória fugiu-lhe. Depois chegou.

— Alys Karstark.

Aquilo trouxe-lhe o fantasma de um sorriso aos lábios.

— Não tinha a certeza de que vos lembraríeis. Tinha seis anos da última vez que me vistes.

— Viestes a Winterfell com o vosso pai. — *O pai que Robb decapitou.*
— Não me lembro para quê.

Ela corou.

— Para poder conhecer o vosso irmão. Oh, houve outro pretexto qualquer, mas o verdadeiro motivo foi esse. Era quase da idade de Robb e o meu pai achou que talvez pudéssemos casar. Houve um banquete. Dancei tanto convosco como com o vosso irmão. *Ele* foi muito cortês e disse que eu dançava lindamente. Vós estáveis carrancudo. O meu pai disse que era de se esperar num bastardo.

— Lembro-me. — Só era meia mentira.

— Continuais um pouco carrancudo — disse a rapariga — mas perdoo-vos por isso se me salvardes do meu tio.

— O vosso tio... será por acaso o Lorde Arnolf?

— Ele não é lorde nenhum — disse Alys em tom desdenhoso. — O senhor legítimo é o meu irmão Harry e, pela lei, eu sou herdeira dele. Uma filha tem precedência sobre um tio. O Tio Arnolf é só castelão. Na verdade é meu tio-avô, tio do meu *pai*. Cregan é filho dele. Suponho que isso faz dele um primo, mas sempre lhe chamámos tio. Agora querem obrigar-me a chamar-lhe marido. — Cerrou o punho. — Antes da guerra, estava prometida a Daryn Hornwood. Só estávamos à espera da minha floração para nos casarmos, mas o Regicida matou Daryn no Bosque dos Murmúrios. O meu pai escreveu que arranjaría um qualquer senhor do sul para se casar comigo, mas não chegou a fazê-lo. O vosso irmão Robb cortou-lhe a cabeça por matar Lannisters. — A boca torceu-se-lhe. — Julgava que a razão de terem marchado para sul era precisamente matar uns quantos Lannisters.

— As coisas... não são assim tão simples. O Lorde Karstark matou dois prisioneiros, senhora. Rapazes desarmados, escudeiros numa cela.

A rapariga não pareceu surpreendida.

— O meu pai nunca berrou como o Grande-Jon, mas não é menos perigoso quando se enfurece. Mas agora também está morto. O vosso irmão também. Mas vós e eu estamos aqui, ainda vivos. Há alguma rixa de sangue entre nós, Lorde Snow?

— Quando um homem veste o negro, põe as rixas para trás das costas. A Patrulha da Noite não tem qualquer querela com Karhold, nem convosco.

— Ótimo. Tive receio... supliquei ao meu pai que deixasse um dos meus irmãos como castelão, mas nenhum deles quis perder a glória e os resgates a serem ganhos no sul. Agora, Torr e Edd estão mortos. Segundo as últimas notícias que recebemos, Harry era prisioneiro em Lagoa da Don-

zela, mas isso foi há quase um ano. Pode também estar morto. Não sei para onde mais posso virar-me, se não for para o último filho de Eddard Stark.

— Porque não para o rei? Karhold declarou apoiar Stannis.

— O meu tio declarou apoiar Stannis, na esperança de que isso pudesse levar os Lannister a cortar a cabeça do pobre Harry. Se o meu irmão morrer, Karhold deverá passar para mim, mas os meus tios querem o meu direito de nascimento para eles. Depois de Cregon gerar um filho em mim deixarão de precisar de mim. Já enterrou duas mulheres. — Limpou uma lágrima com um gesto zangado, como Arya poderia ter feito. — Ireis ajudar-me?

— Casamentos e heranças são assuntos para o rei, senhora. Escreverei a Stannis em vosso nome, mas...

Alys Karstark riu-se, mas foi um riso de desespero.

— Escrevei, mas não espereis resposta. Stannis estará morto antes de receber a vossa mensagem. O meu tio tratará disso.

— Que quereis dizer?

— Arnolf corre para Winterfell, é verdade, mas só para poder espetar a adaga nas costas do vosso rei. Já há muito que apostou em Roose Bolton... por ouro, pela promessa de um perdão, e pela cabeça do pobre Harry. O Lorde Stannis marcha para um massacre. Portanto não me pode ajudar, e nem ajudaria mesmo se pudesse. — Alys ajoelhou na frente dele, agarrando-se ao manto negro. — Vós sois a minha única esperança, Lorde Snow. Em nome do vosso pai, suplico-vos. Protegei-me.